

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Kely Stefani de Oliveira

OS VERBOS DE ESTADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Belo Horizonte

2020

Kely Stefani de Oliveira

OS VERBOS DE ESTADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical

Orientadora: Profa. Dra. Luana Lopes Amaral (FALE/UFMG)

Coorientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Cançado Lima (FALE/UFMG)

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O48v Oliveira, Kely Stefani de.
Os verbos de estado no português brasileiro [manuscrito] / Kely Stefani de Oliveira. – 2020.
220 f., enc.

Orientadora: Luana Lopes Amaral.

Coorientadora: Márcia Maria Caçado Lima.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 119-128.

Apêndices: f. 129-151.

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Sintaxe – Teses. 3 . Língua portuguesa – Semântica – Teses. 4. Linguística – Teses. I. Amaral, Luana Lopes. II. Caçado, Márcia. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 469.2



FOLHA DE APROVAÇÃO

OS VERBOS DE ESTADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

KELY STÉFANI DE OLIVEIRA


Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Luana Lopes Amaral - Orientadora
UFMG


Prof(a). Márcia Maria Cançado Lima - Coorientadora
UMFG


Prof(a). Leticia Lucinda Meirelles
UFMG


Prof(a). Roberlei Alves Bertucci
UFTPR

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2020.


Prof(a). Ana Larissa Adams Marciotto Oliveira
Subcoord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

Aos meus amados pais, que me deram o que não tiveram condições de ter.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, na vida acadêmica, gostaria de deixar os meus sinceros agradecimentos à Profa. Dra. Luana Amaral, que, desde a minha Iniciação Científica até a presente dissertação, sempre me orientou com muito carinho, esmero, profissionalismo e competência. De maneira semelhante, também agradeço imensamente à minha querida co-orientadora, Profa. Dra. Márcia Cançado, por ser a nossa fonte de sabedoria e por ter conduzido esta pesquisa com tamanha maestria e dedicação. Sou extremamente grata por ter tido a oportunidade de trabalhar com essas duas grandes professoras e pesquisadoras, que me inspiram a sempre aprender mais.

Ainda no meio acadêmico, quero deixar o meu eterno agradecimento, respeito e admiração a todos os professores que fizeram parte da minha vida. De maneira especial, agradeço à Profa. Dra. Letícia Lucinda Meirelles, ao Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci e ao Prof. Dr. Pablo Nunes Ribeiro, por aceitarem participar da minha banca de defesa e por trazerem contribuições muito significativas para o meu trabalho.

Na vida pessoal, agradeço primeiramente aos meus amados pais, Antônio e Nirzete, não só por me darem a vida, mas por me amarem, por me educarem e por terem incutido em mim todos os valores que acreditaram ser importantes para que eu me tornasse a mulher que sou hoje. Queridos pais, eu sei o quanto vocês se sacrificaram e se dedicaram para que eu tivesse a oportunidade de estudar e eu sou eternamente grata por isso. Agradeço aos meus admirados irmãos, Karla, Dione, Diego e Carolina, pelo companheirismo, pela proteção e por todo incentivo que me deram até aqui. Agradeço aos meus adorados sobrinhos, Miguel, Thalles, Anthony, Edward, Bernard, José e Isaac, por encherem a minha vida de alegria, diversão, amor e doçura. Ainda na vida pessoal, agradeço aos meus cunhados, Renato e Verônica, à minha avó, Maria da Penha, aos meus tios, aos meus primos e aos meus padrinhos, por todo amor e carinho.

Agradeço também a todos os meus amigos da universidade, em especial, à Thaís Bechir, à Letícia Meirelles, à Cecília Toledo, ao Matheus, ao Marcus, à Clarice e à Amanda, pelo apoio, companheirismo, aprendizados, conselhos e momentos especiais que vivemos juntos. De maneira ainda mais especial, agradeço novamente à minha querida amiga Thaís Bechir por trilhar esse caminho junto comigo e por sempre me ouvir, me motivar, me aconselhar e me ajudar a nunca desistir dos meus sonhos.

Por fim, agradeço à UFMG pelo alto nível de ensino oferecido, à CAPES pela bolsa de mestrado e ao meu país pelas oportunidades.

“Semantics is about the relation of words to thoughts, but it also about the relation of words to other human concerns. Semantics is about the relation of words to reality - the way that speakers commit themselves to a shared understanding of the truth, and the way their thoughts are anchored to things and situations in the world.”

Steven Pinker

RESUMO

Nesta dissertação, tomamos como objeto de estudo os verbos de estado (VENDLER, 1967) do português brasileiro (PB), como *ter, existir, saber, custar, significar, morar, carecer, aparentar*, etc. Os estados descrevem situações que são durativas, mas que não se desenvolvem, não progridem no tempo e não exibem um resultado final definido. Ou seja, tais verbos são caracterizados por possuírem os valores aspectuais de estatividade, duratividade e atelicidade (VENDLER, 1967). Por estarmos inseridos na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical (LEVIN, 1993; PINKER, 2013 [1989]; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017), compartilhamos do pressuposto de que algumas características semânticas significativas dos itens verbais influenciam seus comportamentos sintáticos. Assim sendo, objetivamos verificar quais são as propriedades semânticas desses verbos que possuem impacto na gramática. Para tanto, buscamos agrupar os verbos de estado do PB em classes verbais (LEVIN, 2010; CANÇADO; GONÇALVES, 2016; CANÇADO; AMARAL, 2016), de acordo com as suas propriedades semânticas e sintáticas em comum. Além disso, baseados na abordagem de decomposição de predicados (DOWTY, 1979; PINKER, 2013 [1989]; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; CANÇADO; AMARAL, 2016), também propomos estruturas de representação semântica para as classes de verbos estudadas. Embasamos nossa pesquisa nas propostas de Carlson (1977), Bach (1986), Pinker (2013 [1989]), Moreira (2000), Maienborn (2003), Rothmayr (2009) e Cunha (2004, 2011), que propõem que os verbos de estado constituem pelo menos duas ou mais classes. Com base nessas propostas, em especial, na proposta de Carlson (1977), observa-se que o que agrupa os verbos de estado do PB em classes distintas é o fato de esses predicados serem predicados de *Individual-level*, que denotam estados permanentes ou estáveis, ou predicados de *Stage-level*, que denotam estados transitórios ou temporários. Verificamos que esses verbos se dividem em duas classes: na “classe dos verbos de estado inerente”, que se subdivide na subclasse dos “verbos existenciais” e na subclasse dos “verbos recíprocos”, e na “classe dos verbos de estado intermitente”, que se subdivide na subclasse dos “verbos locativos” e na subclasse dos “verbos de medida”. Concluimos, portanto, que os dados do PB que apresentamos corroboram a nossa hipótese inicial, de que a classe aspectual dos verbos de estado do PB pode ser fragmentada em classes verbais menores, devido à sua diversidade semântica e sintática.

Palavras-chave: verbos de estado; aspecto lexical; classes verbais; *individual-level*; *stage-level*; sintaxe; semântica; português brasileiro.

ABSTRACT

In this dissertation, we take as object of study the verbs of state (VENDLER, 1967) of Brazilian Portuguese (PB), such as *ter* ‘have’, *existir* ‘exist’, *saber* ‘know’, *custar* ‘cost’, *significar* ‘mean’, *morar* ‘live’, *carecer* ‘lack’, *aparentar* ‘look like’, etc. The states describe situations that are durable, but that do not develop, do not progress in time and do not exhibit a definite final result. In other words, such verbs are characterized by having the aspectual values of static, durability and atelicity (VENDLER, 1967). As we are part of the Lexical Syntax-Semantic Interface research line (LEVIN, 1993; PINKER, 2013 [1989]; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017), we share the assumption that some significant semantic characteristics of verbal items influence their syntactic behavior. Therefore, we aim to verify what are the semantic properties of these verbs that have an impact on grammar. Therefore, we seek to group the state verbs of PB into verbal classes (LEVIN, 2010; CANÇADO; GONÇALVES, 2016; CANÇADO; AMARAL, 2016), according to their common semantic and syntactic properties. In addition, based on the predicate decomposition approach (DOWTY, 1979; PINKER, 2013 [1989]; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; CANÇADO; AMARAL, 2016), we also propose semantic representation structures for the studied verb classes. We base our research on the proposals of Carlson (1977), Bach (1986), Pinker (2013 [1989]), Moreira (2000), Maienborn (2003), Rothmayr (2009) and Cunha (2004, 2011), who propose that state verbs constitute at least two or more classes. Based on these proposals, in particular, Carlson's (1977) proposal, it is observed that what groups the BP state verbs into different classes is the fact that these predicates are individual-level predicates, which denote permanent or stable, or Stage-level predicates, which denote transient or temporary states. We verified that these verbs are divided into two classes: in the “class of verbs of inherent state”, which is subdivided into the subclass of “existential verbs” and in the subclass of “reciprocal verbs”, and in the “class of intermittent state verbs”, which is subdivided into the subclass of “locative verbs” and the subclass of “measure verbs”. We conclude, therefore, that the BP data we present corroborates our initial hypothesis, that the aspectual class of the BP state verbs can be fragmented into smaller verbal classes, due to their semantic and syntactic diversity.

Keywords: state verbs; lexical aspect; verbal classes; individual-level; stage-level; syntax; semantics; Brazilian portuguese.

LISTA DE SÍMBOLOS E SIGLAS

??	sentença linguisticamente inadequada
?	dúvida em relação a gramaticalidade da sentença
*	agramaticalidade
┆	relação de acarretamento
⊥	contradição
e	evento
=	identidade
t	tempo
e _{t1}	tempo um do evento
e _{t2}	tempo dois do evento
e _{tf}	tempo final do evento
↓	indica a única orientação possível dos papéis temáticos
↓↑	indica que os papéis temáticos não têm um lugar fixo e que as suas posições sintáticas dependem da escolha do falante
↓↑**	os dois asteriscos indicam que a orientação dos papéis temáticos depende do verbo
∈	pertence a conjunto
¬	negação

Sintagmas e categorias gramaticais são representados pela notação em português (SN, V, SP, SV, etc.).

Os símbolos semânticos de acarretamento e de contradição foram retirados de Cann (1993).

Os símbolos ‘e’, ‘=’, ‘t’, ‘e_{t1}’, ‘e_{t2}’ e ‘e_{tf}’ foram retirados de Cançado e Amaral (2016).

Os símbolos ‘↓’, ‘↓↑’ e ‘↓↑**’ foram retirados de Moreira (2000).

Os símbolos ‘∈’ e ‘¬’ foram retirados de Dowty (1979).

SUMÁRIO

1 CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	13
1.1 INTRODUÇÃO	13
1.2 OBJETO DE ESTUDO E HIPÓTESE.....	14
1.3 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	18
1.4 VERBOS DE ESTADO NA LITERATURA.....	20
1.5 METODOLOGIA	24
1.6 RESUMO DO CAPÍTULO	29
2. CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO	30
2.1 ASPECTO LEXICAL: ESTADO.....	30
2.1.1 Tipos de estados	37
2.2 A INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA LEXICAL	42
2.2.1 Classes verbais	44
2.2.2 Representações semânticas: a decomposição de predicados	48
2.2.3 Predicados primitivos estativos e as representações para verbos de estado	57
2.3 RESUMO DO CAPÍTULO	68
3. CAPÍTULO 3: CLASSES E REPRESENTAÇÕES	69
3.1 A GRANDE CATEGORIA DOS ESTADOS.....	69
3.2 CLASSES DE VERBOS DE ESTADO.....	76
3.2.1 Verbos de estado inerente.....	80
3.2.2 Verbos de estado intermitente.....	82
3.3 REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA EM DECOMPOSIÇÃO DE PREDICADOS	84
3.3.1 Representação semântica dos verbos de estado inerente.....	87
3.3.2 Representação semântica dos verbos de estado intermitente	88
3.4 RESUMO DO CAPÍTULO	90
4. CAPÍTULO 4: SUBCLASSES	90
4.1 SUBCLASSES DE VERBOS DE ESTADO INERENTE	91
4.1.1 Verbos existenciais.....	91
4.1.2 Verbos recíprocos.....	98
4.2 SUBCLASSES DE VERBOS DE ESTADO INTERMITENTE	104
4.2.1 Verbos locativos.....	104
4.2.2 Verbos de medida.....	108

4.3 OUTROS GRUPOS DE VERBOS ENCONTRADOS NA LITERATURA.....	110
4.4 RESUMO DO CAPÍTULO	111
5. CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE	129

1 CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1.1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentamos uma pesquisa que foi realizada na área de Linguística Teórica e Descritiva, na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que tem como principal interesse desenvolver estudos sobre as estruturas argumentais dos itens verbais e verificar a sua conexão com a estrutura sintática das sentenças. A noção de estrutura argumental corresponde ao grupo de informações sintáticas e semânticas que estão inseridas em um item lexical (PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; RAPPAPORT HOVAV; LAUGHREN; LEVIN, 1993; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2011; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; AMARAL, 2016; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013, 2017; dentre outros). Ou seja, conforme esses autores, um item verbal carrega dentro dele informações acerca de, por exemplo, a quantidade de argumentos que ele exige para ter o seu sentido saturado, os papéis temáticos que são atribuídos a esses argumentos, o seu aspecto lexical básico, dentre outras. Portanto, por pertencermos a essa linha de pesquisa, compartilhamos do pressuposto de que algumas características semânticas significativas dos itens verbais influenciam seus comportamentos sintáticos. Assim, acreditamos que a semântica, de alguma maneira, determina a sintaxe dos verbos.

Seguindo Bach (1981), Dik (1997) e Pustejovsky (1995), Cançado (2005) e Cançado e Amaral (2016), assumem que as eventualidades ¹ são basicamente constituídas por três grandes categorias semânticas: as ações/causações, os processos e os estados. As ações/causações “denota[m] o princípio, o meio e o fim de uma situação ou o início e a sustentação dessa situação” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.110), como em *A Maria quebrou o espelho/O Jorge matou o Lucas*. Os processos, por outro lado, “denota[m] o meio e o fim da situação” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.111), como em *O espelho quebrou/O Gabriel morreu*. Por fim, os estados, “remete[m] a estados permanentes de indivíduos, no sentido amplo do termo, durante um intervalo de tempo” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.111), como em *O espelho está quebrado/Ana tem dois computadores*.

¹ O termo “eventualidade” foi primeiramente estabelecido por Bach (1981), que utiliza essa expressão para contrastar os diferentes tipos de sentenças (ou sentenças verbais) e os tipos de estados de coisas que eles descrevem. Segundo o autor, o conjunto das eventualidades é constituído por *estados*, *processos* e dois tipos de *eventos* (prolongado e instantâneo), que correspondem respectivamente às classes aspectuais de *accomplishment* e de *achievement* de Vendler (1967).

Este trabalho faz parte das pesquisas do Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical da Faculdade de Letras da UFMG (NuPeS) que, na atualidade, desenvolve trabalhos de pesquisa que fazem parte de um vasto programa, denominado “Descrição e representação semântica do léxico verbal do português brasileiro”. Até agora as pesquisas sobre os verbos de mudança, que estão associados à categoria semântica das ações/causações, já foram concluídas e podem ser encontradas em Cançado, Godoy e Amaral (2017) e no banco de dados de livre acesso denominado “VerboWeb”² (CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017), onde estão disponibilizadas as análises e as classificações de diversos verbos do português brasileiro (doravante PB) que foram e vêm sendo estudados pelos pesquisadores do NuPeS. Os verbos que estão associados à categoria semântica dos processos estão sendo investigados e esta pesquisa se encarregou de estudar os verbos que pertencem à categoria semântica dos estados, tendo como um de seus objetivos alimentar o banco de dados citado acima.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: neste primeiro capítulo, apresentamos o objeto de estudo, a hipótese, os objetivos, a justificativa e a metodologia da pesquisa; no capítulo 2, abordamos o referencial teórico que fundamenta a nossa pesquisa; no capítulo 3 e no capítulo 4 realizamos a análise dos dados e, finalmente, no capítulo 5, fazemos as considerações finais. Ainda, no apêndice, disponibilizamos os dados que foram utilizados nesta pesquisa.

1.2 OBJETO DE ESTUDO E HIPÓTESE

Como visto anteriormente, as eventualidades são divididas em ações/causações, processos e estados. As ações/causações demonstram todo o desenrolar da situação descrita, ou seja, marcam o início, o meio e o fim do acontecimento; os processos, por outro lado, evidenciam a situação apenas da metade em diante e os estados, que não descrevem acontecimentos, retratam apenas o estado permanente em que um indivíduo/objeto se encontra em um determinado período de tempo. Vendler (1967) sugere uma divisão dos verbos das línguas naturais em quatro classes: atividades, *accomplishments*, *achievements* e estados. Tal divisão é norteadada pelo aspecto lexical dos verbos. Pode-se dizer que essas classes aspectuais estão diretamente relacionadas às três grandes categorias semânticas das eventualidades, uma vez que os verbos de *accomplishment* e de atividade representam ações/causações, os verbos de *achievement* expressam processos e os verbos de estado

² Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb/>. Acesso: 13 fev. 2019.

denotam estados. Neste trabalho analisamos apenas os verbos que denotam estados, ou seja, damos enfoque apenas à classe aspectual dos estados.

Conforme Vendler (1967), os três pares básicos de valores aspectuais, *estatividade x dinamicidade*, *pontualidade x duratividade* e *telicidade x atelicidade*, que posteriormente foram mais bem explicados por Comrie (1976), são suficientes para definir cada uma dessas quatro classes. Os verbos de estados são caracterizados por descrevem situações que são durativas, mas que não se desenvolvem, não progredem no tempo e não exibem um resultado final definido. Logo, podemos dizer que tais verbos possuem os seguintes valores aspectuais: estatividade, duratividade e atelicidade. Como esses verbos não retratam situações dinâmicas, Smith (1997) sugere que os estados, diferentemente das outras classes aspectuais, não devem ser encarados como eventos. Com o objetivo de diferenciarmos os verbos que possuem *dinamicidade* dos verbos que possuem *estatividade*, utilizamos, assim como Caçado e Amaral (2016), os termos *situação* (SMITH, 1997) ou *eventualidade* (BACH, 1986) para indicar qualquer uma das quatro categorias aspectuais e utilizamos o termo *evento* apenas para as categorias aspectuais que possuem a propriedade de dinamicidade (*accomplishment*, *achievements* e atividades).

Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo os verbos de estado do PB, que, como vimos, pertencem à grande categoria semântica dos estados. Sendo assim, verbos como *ter*, *possuir*, *existir*, *custar*, *valer*, *significar*, *denotar*, *morar*, *residir*, *aparentar*, *parecer*, *precisar*, *carecer*, *saber*, *acreditar*, *crer*, *coexistir*³, entre outros, fazem parte do nosso objeto de estudo. Vale lembrar que fizemos um recorte no nosso objeto de estudo e, portanto, não incluímos os verbos de estado psicológico (*amar*, *temer*, *odiar*, *respeitar* e outros) nesta pesquisa, pois esses verbos já foram analisados por Caçado (1995) e Caçado, Amaral e Meirelles (2017). Além disso, acreditamos que esses verbos possuem propriedades e comportamentos exclusivos que merecem ser analisados em uma pesquisa mais detalhada.

Segundo Vendler (1967), os verbos de estado não representam processos que estão acontecendo no tempo, ou seja, não indicam eventualidades que têm progressão ou que se desenvolvem no tempo. Além disso, conforme Comrie (1976), os estados, ao contrário dos eventos, não requerem qualquer espécie de esforço para que a situação permaneça. Isto é, de acordo com Comrie (1976, p. 49):

Permanecer em um estado não requer nenhum esforço, enquanto permanecer em uma situação dinâmica requer esforço, seja de dentro (nesse caso temos uma interpretação

³ A lista completa de todos esses verbos encontra-se no Apêndice.

de agente, por exemplo, *John está correndo*), ou de fora (nesse caso temos uma interpretação não agentiva, por exemplo, *o osciloscópio está emitindo um som puro*).⁴

Veja alguns exemplos de sentenças com verbos de estado:

- (1) a. O Pedro *tem* dois celulares.
- b. *Existe* uma capela no vilarejo.
- c. O livro *custou* R\$ 70,00.
- d. A Lorena *mora* em São Paulo.

Van Valin (2005), levando em conta as propriedades aspectuais dos verbos, propõe um teste muito interessante capaz de identificar quais são os verbos de estado. O teste consiste em verificar se determinado verbo, descrevendo determinada situação, é apropriado para servir como resposta à pergunta *o que aconteceu?*. A ideia é que os verbos de estado, por não possuírem a propriedade de dinamicidade, não formam sentenças que respondem adequadamente essa pergunta. Veja como esse teste funciona:

- (2) O que aconteceu?
 - a. ?? O Pedro teve dois celulares.⁵
 - b. ?? Existiu uma capela no vilarejo.
 - c. ?? O livro custou R\$ 70,00.
 - d. ?? A Lorena morou em São Paulo.

Como podemos perceber, as respostas acima não satisfazem à pergunta *o que aconteceu?*, pois essa pergunta serve para demonstrar a dinamicidade de uma situação, e esses verbos, como já vimos, não são dinâmicos, mas sim estativos. Os estados também possuem a propriedade de *duratividade*, pois descrevem situações que possuem uma duração no tempo, por isso podem ser mensurados em sentenças que indicam duração. Veja:

- (3) a. O Pedro teve dois celulares *durante seis meses*.
- b. Existiu uma capela no vilarejo *durante o século VII*.
- c. O livro custou R\$ 70,00 *durante o congresso*.

⁴ Do original: “To remain in a state requires no effort, whereas to remain in a dynamic situation does require effort, whether from inside (in which case we have an agentive interpretation, e.g. John is running), or from outside (in which case we have a nonagentive interpretation, e.g. the oscilloscope is emitting a pure tone)” (COMRIE, 1976, p.49). (tradução nossa)

⁵ As duas interrogações (??) indicam que a sentença é linguisticamente inadequada à pergunta anterior.

d. A Lorena morou em São Paulo *durante cinco anos/quando era criança*.

Por fim, os verbos de estado também apresentam a propriedade de *atelicidade*, pois retratam situações que não exibem um resultado final exato. Por serem atélicos, os estados, assim como as atividades, não se combinam com estruturas adverbiais do tipo *em x tempo*, que sinalizam o desfecho de uma situação, como vemos nos exemplos abaixo:

- (4)
- a. *O Pedro teve dois celulares *em seis meses*.
 - b. *Existiu uma capela no vilarejo *em cinquenta anos*.
 - c. *O livro custou R\$70,00 *em três dias*.
 - d. *A Lorena morou em São Paulo *em cinco anos*.

É importante ressaltar ainda que, segundo Vendler (1967), os estados também apresentam uma estrutura temporal homogênea, uma vez que qualquer parte da eventualidade descrita por um verbo estativo pode ser caracterizada da mesma maneira que a eventualidade como um todo. Abaixo apresentamos uma maneira bem didática que Cançado e Amaral (2016) utilizam para mostrar que qualquer parte do período de tempo do evento ($t_1, t_2 \dots$) descrito por um estado é igual ao evento como um todo. Ou seja, o exemplo em (5), por exemplo, nos mostra que durante todo o período em que o Pedro tiver dois celulares será verdadeiro que o Pedro tem dois celulares, pois as partes dessa situação são iguais à situação como um todo. Observe:

- (5)
- e = O Pedro tem dois celulares (das 13h às 16h).
 - e_{t_1} = O Pedro tem dois celulares (das 13h às 14h).
 - e_{t_2} = O Pedro tem dois celulares (das 14h às 15h).
 - e_{t_f} = O Pedro tem dois celulares (das 15h às 16h).

Como vimos, os verbos de estado podem ser definidos como verbos que descrevem situações que, apesar de possuírem uma duração no tempo, não contêm dinamicidade interna, isto é, não evoluem ou sofrem qualquer modificação ao longo do tempo. Além disso, tais verbos não retratam eventualidades que possuem um resultado final inerente. Ou seja, os estados apenas descrevem uma propriedade ou um estado de algo ou alguém em determinado período de tempo.

Apesar de os verbos estativos serem considerados na literatura como pertencentes a uma grande classe aspectual, dentro dessa grande classe dos verbos de estado do PB existem verbos com diferentes propriedades sintáticas e semânticas. Em nossos dados, existem verbos inacusativos, transitivos diretos, transitivos indiretos e pronominais. Notamos ainda que dentro dessa classe existem verbos que possuem o sentido de existência, posse, medida, necessidade, lugar (locativo), conhecimento (epistêmicos) e outros.

Como já afirmamos, nesta dissertação, seguimos a linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que tem como principal interesse desenvolver estudos sobre as estruturas argumentais dos itens verbais e verificar a sua conexão com a estrutura sintática das sentenças. Assim sendo, assumimos que algumas características semânticas significativas dos itens verbais determinam seus comportamentos sintáticos. Dentro dessa perspectiva, seguindo Levin (1993) e Caçado, Godoy e Amaral (2017), assumimos que classificar verbos implica considerar a relação entre a semântica e a sintaxe desses itens. Portanto, temos como hipótese a ideia de que a classe aspectual dos verbos de estado do PB pode ser fragmentada em classes verbais menores, devido a particularidades sintáticas e propriedades semânticas tão distintas apresentadas por esses verbos nos exemplos analisados. Nossa hipótese se apoia em Carlson (1977), Bach (1986), Pinker (2013 [1989]), Moreira (2000), Maienborn (2003) e Rothmayr (2009), que, de alguma maneira, já propõem uma divisão para os verbos de estado.

Tendo determinado o objeto de estudo da nossa pesquisa e especificado a nossa hipótese, apresentamos, a seguir, os nossos objetivos e os principais fatores que justificam a realização desta pesquisa. Na sequência, apresentamos alguns dos principais trabalhos sobre os verbos de estado na literatura.

1.3 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa tem como objetivo geral colaborar para a descrição do sistema linguístico do PB por intermédio de análises mais finas sobre as características semânticas e especificidades sintáticas dos verbos de estado. Além disso, a pesquisa também se propõe a fazer a classificação dos verbos de estado do PB com o objetivo de contribuir para o projeto de catalogação dos verbos da língua, dando continuidade à realização do *Catálogo de verbos do Português Brasileiro* e alimentando o banco de dados VerboWeb. A fim de comprovar a hipótese levantada, de que os verbos de estado se distribuem em diferentes classes verbais, nos pautamos pelos objetivos específicos:

- a) Fazer uma coleta dos verbos de estado do PB, a partir do dicionário de verbos do Borba (1990) e do trabalho de Moreira (2000);
- b) Realizar uma ampla descrição das propriedades semânticas e sintáticas dos verbos de estado do PB;
- c) Verificar se tais verbos formam uma ou mais classes no nível *medium-grained*, segundo as definições de classe verbal de Levin (2010), Cançado e Gonçalves (2016) e Cançado e Amaral (2016);
- d) Averiguar quais são as propriedades semânticas dos verbos de estado do PB que possuem maior relevância para o comportamento sintático desses verbos;
- e) Chegar a uma classificação mais precisa dos verbos de estado do PB, do ponto de vista semântico;
- f) Propor estruturas de representação lexical para os verbos da classe estudada, com fundamento na metalinguagem de decomposição de predicados.

A realização desta pesquisa justifica-se, primeiramente, em razão de que a descrição de propriedades semânticas é de suma importância para o estudo da gramática das línguas. Tal trabalho também se justifica, essencialmente, porque há uma escassez de estudos sobre os verbos estativos no português. Assim sendo, esta pesquisa tende a contribuir para o entendimento do modo como expressamos eventualidades nas línguas naturais, em especial no caso dos estados, classe pouco representada nos trabalhos de viés vendleriano. No mais, pode-se dizer que a nossa pesquisa também se justifica em razão de que seus resultados colaboram para a continuidade da realização do *Catálogo de verbos do Português Brasileiro* e do VerboWeb. O *Catálogo de verbos do Português Brasileiro* é um amplo programa que se propõe a descrever todo o léxico verbal do PB e a explicar a relação que existe entre as propriedades semânticas e os comportamentos sintáticos dos itens verbais. O VerboWeb, como já dissemos, é um banco de dados lexicais online que contém análises sintáticas e semânticas de um amplo número de verbos do PB. Esses dois amplos projetos, que se complementam, vêm sendo desenvolvidos pelo NuPeS, grupo no qual se insere a presente pesquisa.

A seguir, com o propósito de mostrarmos que os verbos de estado ainda merecem muita atenção nos estudos linguísticos, fazemos uma breve revisão sobre os principais trabalhos que abordam esses verbos na literatura.

1.4 VERBOS DE ESTADO NA LITERATURA

Dentre os mais conhecidos trabalhos sobre verbos de estado estão o trabalho de Lakoff (1966) e o trabalho de Dowty (1975), que apontam alguns critérios para a diferenciação dos verbos estativos. Lakoff (1966), por exemplo, propõe que somente verbos estativos não ocorrem no imperativo, não aceitam o aspecto progressivo, não possuem uma leitura habitual quando estão no tempo presente simples, não ocorrem com advérbios “agentivos”, como *cuidadosamente* ou *entusiasticamente* e não ocorrem como complementos de verbos como *persuadir*. Contudo, como Dowty (1975) e Parsons (1994) já haviam percebido, o uso do progressivo para apontar a natureza estativa dos verbos apresenta problemas, posto que isso não é válido para todos os verbos estativos do inglês (*The book is lying/sitting on the shelf* ‘O livro está na prateleira’ (lit. o livro está ficando na prateleira) vs. **He is knowing math* (lit. ele está sabendo matemática)). Observa-se que, no PB, muitos verbos de estado se combinam com a perífrase de gerúndio, como é o caso de *a bateria do celular está durando o dia todo* e *os trabalhadores estão necessitando de férias*. No entanto, apesar de se combinarem com a perífrase de gerúndio, tais verbos são incompatíveis com o aspecto progressivo, isto é, não possuem uma leitura progressiva.

Ainda para a língua inglesa, podemos citar o trabalho de Rothmayr (2009), que também analisa alguns verbos estativos de outras línguas, como o italiano, o espanhol e o finlandês. O objetivo central da autora é focar na natureza dos verbos estativos e tentar descobrir quais são os tipos de verbos estativos que existem, se existe apenas uma única classe desses verbos, se tais verbos compartilham algumas propriedades além da estatividade, se eles são derivados de outros verbos e, se sim, a partir de qual mecanismo gramatical. Segundo a autora, na literatura linguística, os verbos de estado são frequentemente considerados verbos indecomponíveis, ou seja, sem estrutura semântica interna – seriam básicos ou atômicos. De maneira oposta, os verbos eventivos são constantemente considerados decomponíveis, ou seja, complexos e compostos por diferentes elementos semânticos menores. Rothmayr (2009), contudo, procura mostrar que os verbos estativos, ao contrário do que sugerem Rappaport Hovav e Levin (1998), não são indecomponíveis e que existem diferentes tipos de estativos: simples e complexos. Conforme a autora, os estativos se dividem em verbos que possuem tanto uma leitura eventiva quanto estativa e em verbos que possuem apenas uma leitura estativa. Por exemplo, conforme Rothmayr (2009), o verbo *obstruct* ‘obstruir’ possui uma leitura eventiva na sentença *Irmí is obstructing the street with her truck* ‘Irmí está obstruindo a rua com seu caminhão’ e possui uma leitura estativa na

sentença *the tissue obstructed the blood vessel* ‘o tecido obstruiu o vaso sanguíneo’. Já o verbo *cost* ‘custar’ apresenta apenas a leitura estativa. Portanto, para a autora, verbos estativos que apresentam a ambiguidade eventiva-estativa, como *obstruct* ‘obstruir’, são complexos, ao passo que verbos estativos que possuem apenas uma leitura estativa, como *cost* ‘custar’, são simples. Diferentemente da autora, nesta pesquisa, estudamos apenas as leituras estativas desses verbos e propomos estruturas de representação para esses itens, mostrando que, mesmo os puramente estativos possuem estrutura complexa e são decomponíveis.

Para o português europeu (doravante PE), podemos citar o trabalho de Cunha (2004), que tem como principal objetivo caracterizar semanticamente as predicções de caráter estativo, procurando determinar as propriedades e comportamentos linguísticos que permitem identificar uma classe aspectual, distinguindo-a das restantes categorias de situações propostas na literatura. O autor sugere uma subclassificação para os estados baseada nas oposições que se pode constatar entre predicados de indivíduo (*Object-level* ou *Individual-level*) vs. predicados de estágio (*Stage-level*) (CARLSON, 1977), que é uma subdivisão derivada de fatores de ordem eminentemente temporal, e entre estados “faseáveis” e “não faseáveis” (CUNHA, 1998), que é uma subdivisão derivada de fatores de natureza predominantemente aspectual. Segundo Carlson (1977), as predicções de indivíduo denotam estados permanentes de seus argumentos ou podem ser predicados de seus argumentos de forma “atemporal” (ex: *A Maria é preocupada*). Os predicados de estágio, por outro lado, são episódicos e são analisados pelo autor como aplicados a “fatias espaço-temporais” de indivíduos, não aos indivíduos propriamente (ex: *A Maria está preocupada*). Segundo Cunha (1998), os estados “faseáveis” (ex: *O João gosta de linguística*), ao contrário dos estados “não-faseáveis” (ex: *O casaco é verde*), são estativos capazes de se converterem em processos e em eventos não “básicos”. Pode-se dizer que Cunha (2004) realiza uma ampla análise das predicções estativas do PE, tendo em vista que o autor investiga desde os estados lexicais, inclusive os predicadores adjetivais, nominais e preposicionais, até o impacto que a estatividade assume na organização temporal do discurso. A nossa pesquisa, em contrapartida, além de dar enfoque ao PB, busca investigar apenas uma parte dos estados lexicais verbais de maneira mais minuciosa.

Finalmente, temos alguns trabalhos que analisam esses verbos no PB, como os de Cançado (1995, 2012) e o de Moreira (2000). Cançado (1995, 2012) estuda os verbos psicológicos estativos, de maneira abrangente, porém não estende a pesquisa para outros tipos semânticos de verbos de estado. Como a pesquisa sobre os verbos psicológicos já foi

amplamente desenvolvida nos trabalhos citados e tais verbos possuem, assim, uma significativa descrição na literatura, optamos por fazer um recorte em nossos dados e deixarmos os verbos psicológicos fora do nosso escopo de trabalho. Analisaremos os demais verbos tidos como estativos. Análises teóricas propostas pela autora, porém, serão amplamente utilizadas neste trabalho, uma vez que a abordagem de análise aplicada aos verbos psicológicos se aplica também em nossos dados.

O trabalho de Moreira (2000) é o que mais se aproxima do nosso, pois está dentro da mesma linha de pesquisa que adotamos neste trabalho, a Interface Sintaxe-Semântica Lexical. A autora se preocupa em evidenciar quais são as propriedades semânticas dos verbos estativos estudados que são relevantes para a sintaxe. Para mostrar como isso ocorre, no objetivo geral de sua pesquisa, Moreira (2000) se propõe a descobrir qual é a relevância dos papéis temáticos nas estruturas sintáticas das sentenças. Nos objetivos específicos, com base na hipótese de que o conteúdo semântico dos papéis temáticos é relevante para a sintaxe, a autora também se dispõe a identificar e estabelecer uma hierarquia entre os papéis temáticos estativos e a investigar se as sentenças estativas aceitam ou não passivização e a ergativização. Por não possuírem um agente e nem um paciente, não é esperado que os verbos de estado aceitem a passiva, veja: *o Luan tem duas motos/*duas motos são tidas por Luan*. A ergativização, por outro lado, diz respeito à possibilidade de o sujeito de um verbo transitivo direto ser omitido, deixando esta posição livre para que o argumento interno a ocupe, como ocorre em *o José abriu a porta/A porta (se) abriu*. Segundo Whitaker-Franchi (1989) e Cançado (1995), verbos que aceitam a ergativização possuem um objeto afetado na posição de argumento interno. Logo, como os verbos estativos não apresentam esse papel temático, também não é esperado que eles permitam a ergativização, veja: *o Luan possuía duas motos/*duas motos (se) possuíam*.

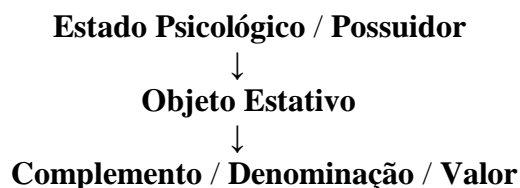
Como Cançado (1995) e Franchi e Cançado (2003[1997]) já haviam elaborado uma proposta de hierarquia temática para os verbos de ação/causação e afetação, Moreira (2000) se propôs a estabelecer uma hierarquia temática entre as propriedades semânticas dos verbos estritamente estativos. A hierarquia temática é um princípio linguístico que nos possibilita estabelecer uma correlação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática das sentenças, pois a partir dela sabemos qual papel temático irá ocupar qual posição sintática em determinada sentença. Para elaborar uma hierarquia temática para os verbos estativos, Moreira (2000) catalogou 111 sentenças estativas transitivas que foram coletadas no dicionário do Borba (1990) e também criadas a partir da intuição da pesquisadora. Após

algumas análises, com base nas características apresentadas, Moreira (2000) distribuiu essas sentenças em três grupos distintos: Construções estativas, Relações estativas e Construções locativas.⁶

No grupo das Construções estativas, as sentenças são caracterizadas por não possuírem propriedades de Ação/Causação e Afetação. No grupo das Relações estativas, as sentenças são caracterizadas por não possuírem propriedades de Ação/Causação e Afetação e por estabelecerem entre os seus argumentos algum tipo de relação (Equivalência, Representação, Continência, Composição e Ordem), que ainda foram subdivididas entre relações Simétricas e Assimétricas. Segundo Moreira (2000), as relações Simétricas representam o grupo de verbos que possuem uma relação estativa de equivalência (*afinar, assemelhar, coincidir, combinar, condizer, contradizer*), em que ambos os argumentos possuem as mesmas propriedades semânticas e envolvem os papéis temáticos de Semelhantes. Já as relações Assimétricas representam o grupo de verbos que possuem uma relação estativa de representação e envolvem os papéis temáticos Símbolo e Simbolizado (*retratar, significar, simbolizar*); o grupo de verbos que possuem uma relação estativa de continência e envolvem os papéis temáticos Todo e Parte (*aglomerar, consistir, conter, dispor, incluir*); o grupo de verbos que denotam uma relação estativa de composição e envolvem os papéis temáticos Parte e Todo (*compor, constituir, integrar, pertencer*) e o grupo de verbos que denotam uma relação estativa de ordem e envolvem os papéis temáticos Precedente e Precedido (*anteceder, anteciper, preceder, preexistir*). Por fim, no grupo das Construções locativas, as sentenças são caracterizadas por não possuírem propriedades de Ação/Causação e Afetação e por possuírem propriedades referentes ao espaço.

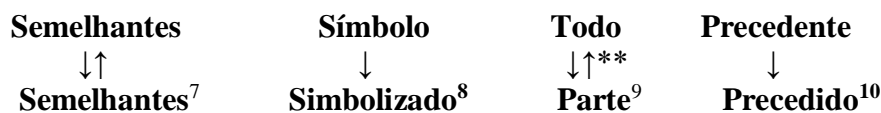
Com base nos exemplos estudados, Moreira (2000) encontrou os seguintes papéis temáticos: Experienciador Estativo, Possuidor, Objeto Estativo, Complemento, Valor e Denominação, para o grupo das Construções Estativas; Semelhantes, para o subgrupo das relações Simétricas; Símbolo, Simbolizado, Todo, Partes, Precedente e Precedido, para o subgrupo das relações Assimétricas, e Objeto Locado, Locativo, Indicador, Direção, Originado e Origem para o grupo das Construções Locativas. Tendo encontrado esses papéis temáticos estativos, a partir de análises das sentenças coletadas, Moreira (2000) chegou à conclusão de que de as propriedades das Construções estativas obedecem à seguinte hierarquia temática:

⁶ Moreira (2000) utiliza o termo *construções estativas* em seu trabalho. No entanto, esse termo não deve ser confundido com a ideia de *construções* da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995). Para que não haja essa confusão utilizamos, sempre que possível, o termo *sentenças estativas* quando nos referirmos às construções estativas da autora.



(MOREIRA, 2000, p. 84)

Essa hierarquia nos diz que os papéis temáticos mais proeminentes são os que ocupam a posição sintática de sujeito, enquanto os papéis temáticos menos proeminentes são os que ocupam a posição sintática de objeto. Para os papéis temáticos das construções que possuíam algum tipo de relação estativa, a autora propôs as seguintes regras:



(MOREIRA, 2000, p. 85)

Reconhecemos que Moreira (2000) desenvolve uma vasta pesquisa sobre os verbos estativos do PB ao propor uma divisão e uma hierarquia temática para os papéis temáticos estritamente estativos. A partir do trabalho da autora e dos dados coletados por ela, a nossa pesquisa pretende agrupar os verbos de estado do PB em classes verbais e propor estruturas de representação com base na decomposição de predicados.

Tendo apresentado os principais autores que estudaram os verbos de estado, passemos agora para a descrição da metodologia que adotamos em nossa pesquisa.

1.5 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho segue basicamente a metodologia adotada pelo NuPeS e pelo Catálogo de Verbos do Português Brasileiro (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017). Tal metodologia é composta pelas seguintes etapas: coleta de

⁷ De acordo com Moreira (2000, p. 78), essas duas setas “significam que o papel temático não tem um lugar fixo e, neste caso, fica à escolha do falante qual argumento ocupará a posição de sujeito e qual ocupará a posição de objeto”.

⁸ “O papel temático Símbolo sempre ocupará a posição de sujeito e o Simbolizado a posição de objeto. Como mostra a seta, a alternância não é, portanto, possível!” (MOREIRA, 2000, p. 78)

⁹ Conforme Moreira (2000), os dois asteriscos indicam que a orientação dos papéis temáticos depende do verbo.

¹⁰ Segundo Moreira (2000, p. 80), “o papel temático Precedente sempre ocupará a posição de sujeito e o Papel temático Precedido ocupará a posição de objeto. A alternância entre eles não é, portanto, possível”.

dados e formulação de sentenças gramaticais e agramaticais, leitura e revisão de literatura e análise semântica e sintática de dados.

Para começarmos o nosso trabalho, fizemos um levantamento dos verbos de estado do PB no trabalho de Moreira (2000). A autora catalogou 111 verbos e sentenças que foram extraídas do dicionário do Borba (1990) e também de exemplos próprios. A catalogação da autora foi norteada por verbos e sentenças que não apresentavam as propriedades semânticas de Ação/Causação e Afetação. No entanto, para este trabalho, nós não consideramos todos esses 111 verbos e sentenças catalogados pela autora, pois dentre eles havia verbos de estado psicológico, que, como já dissemos, não fazem parte do nosso objeto de estudo. Após retirar os verbos de estado psicológico, também realizamos uma segunda seleção desses verbos a partir de testes que comprovavam quais desses verbos realmente possuíam o aspecto lexical de estado.

Após essa coleta inicial no trabalho de Moreira (2000), consultamos também o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (BORBA, 1990), selecionando da letra A à letra Z todos os verbos que o dicionário indicava como estativos. Ao total, Borba (1990) cataloga 118 verbos como sendo verbos de estado, no entanto, desses 118 verbos excluímos 21 verbos de estado psicológico, como *amar, ambicionar, detestar e duvidar*, que, segundo o dicionário, possuíam sujeito experimentador. Também retiramos de nossa análise verbos como *aberrar, aragear, distar, dualizar, esguelhar, fosforejar, periclitar, tremeluzir, visavisar* e outros, que, apesar de serem classificados como estativos pelo dicionário, não fazem parte do nosso léxico enquanto falantes do PB.

Além disso, vale ressaltar que não seguimos ao pé da letra as classificações que encontramos no dicionário do Borba (1990), pois verbos que eram classificados como sendo de processo, como *crer* e *compor*, a nosso ver, são verbos de estado, pois aceitam testes de estado. Por isso, ao invés de tomarmos como base apenas a classificação dada pelo dicionário, também aplicamos, durante toda a coleta, testes, como o da pergunta *O que aconteceu?* (VAN VALIN, 2005), que evidenciavam o caráter estativo dos verbos. Como nós queríamos como objeto de estudo apenas os verbos que possuíam o aspecto lexical de estado, ao final da coleta ficamos com 52 verbos, que estão listados no apêndice deste trabalho.

Na sequência, com os verbos coletados em mãos, construímos sentenças gramaticais e agramaticais que serviram como dados durante toda a pesquisa. Ou seja, para cada verbo coletado, criamos, com base em nossa intuição e na experiência que temos de cada verbo, sentenças que eram totalmente possíveis de ocorrer em nossa língua e sentenças que julgamos

impossíveis de ocorrer em nossa língua. Tomemos como exemplo o verbo *ter*, que faz parte do nosso objeto de estudo. Quando pensamos nesse verbo, temos, já em nosso léxico, as informações de que tal verbo pede um argumento interno com o papel temático de posse e um argumento externo com o papel temático de possuidor. Logo, sabemos que é gramatical uma sentença como *A Sandra tem três mochilas*. No entanto, sabemos que com esse mesmo verbo não podemos criar uma sentença passiva como **Três mochilas são tidas pela Sandra*. Essas sentenças, como já dissemos, são criadas com base em nossa intuição como falantes do PB. Todavia, para dar mais confiabilidade e concretude aos nossos dados, conferimos e atestamos nossos julgamentos sobre as sentenças criadas a partir de buscas no site de pesquisa Google. Essa pesquisa é necessária, pois ela nos dá a garantia de que os dados criados a partir da nossa intuição representam sentenças que de fato podem ocorrer no PB.

Da mesma maneira que o Catálogo de Verbos do Português Brasileiro (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017) e muitos dos trabalhos do NuPeS, esta pesquisa também utiliza dados de intuição. O uso desse tipo de dado é criticado por algumas correntes linguísticas. No entanto, vale ressaltar que cada tipo de pesquisa possui um objetivo. A nossa pesquisa, assim como todas as pesquisas realizadas pelo NuPeS, não tem, por exemplo, o objetivo de apresentar o que é mais ou menos frequente nas línguas. Por isso, no tipo de análise que realizamos não vemos a necessidade de utilizarmos exclusivamente *corpora* de língua real como a principal fonte de dados, até porque esse tipo de fonte de dados não nos oferece os dados necessários para a investigação do que pretendemos analisar (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017).

Laporte (2008) faz uma ampla discussão sobre os prós e os contras do método experimental, utilizado pela linguística introspectiva, e do método observacional, utilizado pela linguística de *corpus*. O método experimental consiste em propor uma hipótese linguística, criar e manipular exemplos para verificar essa hipótese, fazer julgamentos introspectivos de aceitabilidade desses exemplos e, a partir daí, deduzir regras da língua. O método observacional, por outro lado, consiste em observar as formas que estão presentes no *corpus* escolhido e formular generalizações por meio dessa observação.

Segundo o autor, o método experimental apresenta alguns riscos, como: o linguista pode não ter capacidade suficiente para julgar a aceitabilidade dos exemplos, pode haver diferença entre a língua descrita e a variedade falada pelo descritor e há a possibilidade de o linguista, influenciado pelo seu desejo de comprovar sua hipótese, ter a tendência de regularizar um dado fenômeno da língua analisada de maneira incorreta. Por isso, ao utilizar

o método experimental em estudos que pretendem explorar a interação entre o léxico e a sintaxe, é necessário tomar algumas precauções, como conferir com os outros linguistas se os julgamentos realizados estão coerentes, questionar sistematicamente os critérios utilizados na verificação das propriedades sintático-semânticas estudadas e atestar os exemplos analisados em *corpora*. Em contrapartida, segundo Laporte (2008, p. 38), o método observacional apresenta os seguintes problemas: “a observação de *corpus* não fornece análises das diferenças de sentidos ou das diferenças entre as variantes de uma língua; não fornece, por si só, a formalização dos fatos observados e não atesta as inaceitabilidades”. Como ambos os métodos são falhos, Laporte (2008) argumenta a favor de análises que combinem esses dois tipos de mecanismos. Por esse motivo, nesta pesquisa, nossos dados são criados com base em nossas intuições e depois conferidos em buscas no Google.

Concomitantemente à coleta e à criação de dados, fizemos uma revisão de bibliografia dos trabalhos já realizados sobre o tema, aprofundamos o estudo no referencial teórico adotado e analisamos os dados sob a perspectiva da linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical (FILLMORE, 1970, 1971; VENDLER, 1967; DOWTY, 1991; PINKER, 2013 [1989]; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 1995, 2005; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; LEVIN, 1993, 1999; VAN VALIN, 2005; WUNDERLICH, 1997, 2012; CANÇADO, 2005; CANÇADO; AMARAL, 2016; entre outros).

Com o desejo de verificar quais são as propriedades semânticas dos verbos de estado do PB que determinam seus comportamentos sintáticos, buscamos observar os comportamentos semânticos e sintáticos de cada verbo coletado. Para isso, aplicamos tanto testes semânticos, que evidenciam, por exemplo, o número de argumentos, o aspecto lexical e a grade de papéis temáticos dos verbos, quanto testes sintáticos que mostram, por exemplo, a transitividade e a participação ou não dos verbos de estado do PB em alternâncias verbais. Ao longo da análise de cada classe verbal esses testes ficarão mais claros, contudo, para fins de demonstração, apresentamos a seguir alguns dos testes que mais utilizamos em nossas análises.

O teste da pergunta *o que aconteceu?* (VAN VALIN, 2005), como já explicamos anteriormente, separa os verbos de aspecto lexical de estado dos outros tipos de verbos, por isso esse teste foi um dos testes mais utilizados em nossas análises.

O teste de apagamento de constituintes, que serve para verificar quantos argumentos um determinado verbo pede para que seu sentido seja saturado, também foi bastante utilizado. Esse teste, como o próprio nome já diz, consiste em apagar algum constituinte da sentença

para verificar se a ausência desse elemento gera algum efeito no sentido final da sentença. Veja alguns exemplos:

- (6) a. As crianças cortaram *o bolo com a faca*.
- b. As crianças cortaram *o bolo*.
- (7) a. O Thiago lavou *a roupa*.
- b. *O Thiago lavou.

No exemplo em (7a) podemos constatar que a sentença com o verbo *cortar* descreve um evento composto por três participantes, cada um descrito por um sintagma: O SN sujeito *as crianças*, o SN objeto direto *o bolo* e o SP *com a faca*. No entanto, na sentença em (7b) o sintagma *com a faca* é retirado da sentença sem que essa se torne agramatical. Logo, isso é um indício de que o constituinte *com a faca* é apenas um adjunto e não um argumento do verbo *cortar*. Na sentença em (7b), em contrapartida, quando o constituinte *a roupa* é omitido, a sentença se torna agramatical, o que evidencia que esse elemento faz parte do sentido do verbo, ou seja, é um argumento verbal, assim como o SN sujeito *o Thiago*. De acordo com Cançado (2005), esse teste deve ser usado como complementar a outros e com bastante cautela, pois sabemos que argumentos, em certos contextos sentenciais, também podem ser apagados.

Além desses dois testes, utilizamos também o teste de Miotto, Silva e Lopes (2007) que serve para conferir se o locativo que está presente em determinada sentença é um locativo do evento ou um locativo do predicador (CORRÊA; CANÇADO, 2006). O locativo do predicador faz parte do sentido do verbo, por isso, é exigido pelo verbo e aparece na estrutura argumental. Já o locativo do evento aparece apenas porque todo evento ocorre necessariamente em algum lugar e não é exigido pelo verbo, portanto, não aparece na estrutura argumental. Esse teste consiste em construir uma sentença complexa, em que a oração principal é formada pelo verbo *dizer* e a oração subordinada é formada pelo verbo a ser testado seguido de um locativo. Quando um verbo que não pede um argumento locativo para ter o seu sentido saturado é colocado nesse teste, há a construção de sentenças ambíguas, pois o locativo pode estar relacionado tanto ao verbo *dizer* quanto ao verbo que está sendo testado. Veja:

- (8) A Patrícia disse que *colocou* os livros na biblioteca.

(9) O Hugo disse que *cantou* na sala de aula.

A sentença em (8), como podemos notar, não é ambígua, porque o verbo *colocar* demanda um argumento locativo para ter o seu sentido saturado. Portanto, nessa sentença temos apenas a interpretação de que *na biblioteca* é o local onde a Patrícia colocou os livros. Na sentença em (9), por outro lado, o verbo *cantar* não pede um argumento locativo, por isso, podemos ter a interpretação de que o local onde Hugo canta é na sala de aula e também a interpretação de que o Hugo disse, na sala de aula, que canta. O teste também serve para evidenciar a quantidade de argumentos que um determinado verbo pede para ter o sentido saturado.

Após a aplicação de testes como esses, agrupamos os verbos que tinham tanto propriedades semânticas quanto comportamentos sintáticos parecidos. Foi com base nesse tipo de agrupamento que conseguimos chegar a uma classificação mais precisa dos verbos de estado, do ponto de vista semântico. Ademais, como pretendemos propor representações lexicais para os verbos de estado do PB com base na linguagem de decomposição de predicados, buscamos construir paráfrases, a princípio usando a própria língua portuguesa, para destrinchar o significado dos verbos em itens menores de significado. Por exemplo, para verbos de medida, como *durar*, *custar*, *valer* e *pesar*, elaboramos as seguintes paráfrases: *durar* = *ter duração*; *custar* = *ter custo*; *valer* = *ter valor* e *pesar* = *ter peso*. Posteriormente, após investigar quais são os predicados primitivos estativos e analisar as representações que já existem na literatura sobre os verbos de estado, verificamos quais eram os predicados primitivos que melhor representavam o sentido de cada classe verbal encontrada.

1.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo, apresentamos brevemente a nossa linha de pesquisa, a Interface Sintaxe-Semântica Lexical, e os seus principais objetivos; delimitamos o nosso objeto de estudo, os verbos de estado do PB, e mostramos as suas propriedades aspectuais centrais: estatividade, duratividade e atelicidade; expomos a nossa hipótese de que a classe aspectual dos verbos de estado pode ser dividida em classes verbais menores devido à sua diversidade semântica e sintática; determinamos os objetivos desta pesquisa e justificamos a sua realização; fizemos um breve percurso sobre os principais trabalhos que abordam os verbos de estado na literatura e, finalmente, descrevemos todas as etapas que seguimos para a

concretização desta pesquisa. Tendo feito isso, no capítulo seguinte, apresentamos o referencial teórico que norteou todo o nosso trabalho.

2. CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que engloba o estudo da associação entre a semântica e a sintaxe das palavras de uma determinada língua. Segundo Cançado e Amaral (2016), esse tipo de Semântica Lexical pertence a uma área específica da Semântica que se interessa em analisar os significados dos itens lexicais e em entender como a semântica desses itens interfere em seus comportamentos sintáticos. Tal Semântica está dentro da perspectiva da Semântica Representacional, que ao contrário da Semântica Referencial/Semântica Formal, não se preocupa em conectar a língua ao mundo, mas sim às representações mentais que estão presentes no conhecimento semântico dos falantes (CANÇADO; AMARAL, 2016).

Neste segundo capítulo, primeiramente, aprofundamos na discussão sobre aspecto lexical básico, que é uma noção primordial para este trabalho, e investigamos mais a fundo quais são as características específicas dos verbos de estado. Em seguida, explicamos quais são os principais interesses da linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical e esclarecemos o que é considerado uma classe verbal dentro dessa linha de pesquisa. Posteriormente, como o objetivo central desta pesquisa é propor estruturas de representação lexical para os verbos de estado do PB, apresentamos a abordagem de decomposição de predicados, que é uma das principais formas de representação do sentido dos verbos, e explicamos como funciona a sua linguagem. Por fim, fazemos um levantamento sobre os predicados primitivos estativos e discorremos sobre as representações semânticas dos verbos de estado que existem na literatura linguística.

2.1 ASPECTO LEXICAL: ESTADO

Comrie (1976, p. 3), baseado na definição de aspecto dada por Holt (1943), formula a seguinte definição para aspecto: “aspecto corresponde às diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação”¹¹. Conforme Lyons (1977), *apud* Cançado e

¹¹ Do original: “aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation” (COMRIE, 1976, p.3). (tradução nossa)

Amaral (2016, p. 140), “o aspecto diz respeito ao contorno ou à distribuição temporal de um acontecimento ou estado de coisas, e não à localização da situação no tempo”. Resumidamente, Cançado e Amaral (2016), seguindo Dowty (1979), argumentam que o aspecto pode ser definido como o tempo não dêitico, tendo em vista que ele corresponde ao tempo interno de uma situação e tem a ver com a forma como essa situação se desenrola no passar do tempo.

É preciso distinguir, ainda, os dois tipos de aspecto que existem na tradição linguística: o aspecto gramatical e o aspecto lexical. Segundo Smith (1997), o aspecto gramatical é o aspecto do “ponto de vista”, pois corresponde ao modo como podemos ver o decorrer de uma situação ao longo do tempo. Esse aspecto é marcado morfossintaticamente, por meio da flexão verbal, perífrases e adjunções, e se divide entre aspecto gramatical perfectivo e aspecto gramatical imperfectivo¹². O aspecto perfectivo, conforme Cançado e Amaral (2016, p. 142), “é utilizado quando se quer descrever uma situação pelo ponto de vista externo, ou seja, como se a situação fosse um todo, sem mostrar as fases do desenrolar dessa situação; apresenta o fato anunciado como global, sem indicar sua temporalidade interna”, como em *a Maria cantou*. O aspecto imperfectivo, por outro lado, de acordo com Cançado e Amaral (2016, p. 142), “é utilizado quando se quer descrever uma situação a partir de um ponto de vista interno, ou seja, quando se quer mostrar que uma situação é composta por fases”, como em *a Maria cantava* ou em *a Maria estava cantando*. Alguns autores propõem ainda que o aspecto imperfectivo pode ser subdividido, como é o caso de Comrie (1976, p.25), que apresenta a seguinte classificação de oposições aspectuais do aspecto gramatical: aspecto perfectivo vs. aspecto imperfectivo; aspecto imperfectivo habitual vs. aspecto imperfectivo contínuo e aspecto imperfectivo contínuo não progressivo vs. aspecto imperfectivo contínuo progressivo.

Além do aspecto gramatical que explicitamos brevemente acima, existe também o aspecto lexical (*aktionsart*), que, ao contrário do aspecto gramatical, não é marcado morfossintaticamente e já vem inserido no sentido lexical dos verbos. Por isso, é possível saber o aspecto lexical de um verbo mesmo antes de ele ser inserido em uma sentença. Conforme Cançado e Amaral (2016, p. 139):

¹² É importante acentuar que existem outros tipos de aspecto gramatical na literatura e não apenas o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. Travaglia (1981), por exemplo, propõe que o quadro aspectual do português é formado pelos seguintes aspectos: durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não começado, começado ou não acabado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado. Neste trabalho, não nos aprofundamos nesse assunto, sendo assim, remetemos o leitor interessado a Travaglia (1981).

Aspecto lexical é uma propriedade semântica que expressa a maneira como determinada situação descrita por um verbo se desenrola no decorrer do tempo. As origens das noções aspectuais remontam à distinção aristotélica entre ações que envolvem um movimento ou mudança que tende a um ponto final (*kinesis*) e ações que envolvem atividades que se prolongam no tempo, sem ter como objetivo um ponto final específico (*energeia*).

O aspecto lexical relaciona-se às classes aspectuais propostas por Vendler (1967): atividade, *accomplishment*, *achievement* e estado. Os verbos de atividade, como *correr* e *dançar*, são caracterizados por representarem eventos durativos que se desenvolvem no tempo, mas que não estipulam um ponto de conclusão definido. Logo, podemos dizer que tais verbos possuem os seguintes valores aspectuais: dinamicidade, duratividade e atelicidade. Vejamos alguns exemplos de sentenças com esses verbos:

- (10) a. O Arthur *corre* todos os dias.
b. A Beatriz *nada* sempre.
c. A Roberta *dança* demais.

Para identificar os verbos de atividade, Dowty (1979) sugere o teste conhecido como “paradoxo do imperfectivo”:

- (11) a. O Arthur *estava correndo*. ⊢ O Arthur *correu*.¹³
b. A Beatriz *estava nadando*. ⊢ A Beatriz *nadou*.
c. A Roberta *estava dançando*. ⊢ A Roberta *dançou*.

Como as atividades são dinâmicas e atélicas, elas não precisam que o evento descrito por elas tenha sido finalizado para que seja verdade que ele aconteceu. Por isso, até mesmo quando estão em sentenças que indicam continuidade, elas acarretam que aquela situação foi realizada.

Os verbos de *accomplishment*, como *construir* e *azulejar*, são caracterizados por descreverem ações complexas que se desenvolvem no tempo e possuem um início, um meio e um fim bem determinado. Desse modo, podemos dizer que tais verbos possuem os seguintes valores aspectuais: dinamicidade, duratividade e telicidade. Veja alguns exemplos de sentenças com verbos de *accomplishment*:

¹³ O símbolo ⊢ significa que existe um acarretamento entre as sentenças (CANN, 1993).

- (12) a. Os homens *construíram* o muro da escola.
b. Os pedreiros *azulejaram* o banheiro.
c. O marido *desentupiu* o vaso.

Apoiado em Morgan (1969), Dowty (1979) sugere que os verbos de *accomplishment*, por indicarem eventos que possuem intervalos internos, quando combinados com o advérbio *quase*, formam sentenças ambíguas:

- (13) a. Os homens *quase* construíram o muro da escola.
b. Os pedreiros *quase* azulejaram o banheiro.
c. O marido *quase* desentupiu o vaso.

Conforme esses autores, a ambiguidade das sentenças acima pode ser explicada a partir dos diferentes escopos que o advérbio *quase* pode tomar. Como os verbos de *accomplishment* compõem-se de diferentes subeventos, um subevento que se refere ao início da ação e um subevento que se refere ao resultado dessa ação, o advérbio *quase* pode tomar como escopo qualquer um desses subeventos e gerar as seguintes leituras: o agente apenas pensou em realizar a ação, mas não chegou a realizá-la ou o agente começou a realizar a ação, contudo não a finalizou. Ou seja, na sentença em (13a), por exemplo, podemos ter a interpretação de que os homens pensaram em construir o muro da escola, mas nem começaram a construção e também a interpretação de os homens começaram a construir o muro da escola, mas não terminaram a construção.

Os verbos de *achievement*, como *chegar* e *cair*, são caracterizados por descreverem eventos que se desenvolvem no tempo, que possuem um ponto final definido e que ocorrem em momentos únicos e instantâneos, ou seja, que não possuem duração. Portanto, podemos dizer que tais verbos possuem os seguintes valores aspectuais: dinamicidade, telicidade e pontualidade. Veja alguns exemplos de sentenças com verbos de *achievement*:

- (14) a. O mamão *amadureceu*.
b. A professora *chegou*.
c. O suco *gelou*.

Dowty (1979) sugere que a composição com *parar de* é um bom teste para identificar os verbos de *achievement*. Como esses verbos não possuem intervalos internos e ocorrem em momentos únicos, eles não se combinam com essas expressões, já que não é possível parar o percurso de um evento desse tipo. Veja:

- (15) a. *O mamão *parou de* amadurecer.
b. *A professora *parou de* chegar.
c. *O suco *parou de* gelar.

Por fim, como já vimos no início do primeiro capítulo, os verbos de estado, como *ter* e *saber*, são caracterizados por descrevem situações que são durativas, mas que não se desenvolvem, não progridem no tempo e não exibem um resultado final definido. Logo, podemos dizer que tais verbos possuem os seguintes valores aspectuais: estatividade, duratividade e atelicidade. Conforme Mourelatos (1978, p. 416):

Os estados, que podem perdurar ou persistir ao longo do tempo, diferem dos *accomplishments* e das atividades, pois eles “não podem ser qualificados como ações”. Os verbos que expressam estados não têm formas progressivas: não podemos dizer - pelo menos não em bom inglês - “I am knowing” [‘eu estou sabendo’] ou “I am loving” [‘Eu estou amando’]. Um estado, como o nome indica, não envolve dinamicidade. Embora possa surgir, ou ser adquirido, como resultado de mudança, e embora possa fornecer o potencial de mudança, o estado em si não constitui uma mudança.¹⁴

Como podemos perceber, o grupo dos estados é a única classe aspectual que não possui dinamicidade. A dinamicidade, portanto, é a principal diferença entre os estados e as outras classes aspectuais, pois ela coloca os estados de um lado e as atividades, os *accomplishments* e os *achievements* de outro.

Como também já vimos, o principal teste utilizado na identificação dos estados é o teste da pergunta *o que aconteceu?* (VAN VALIN, 2005). Como vemos abaixo, a classe dos estados é a única que não forma sentenças que respondem satisfatoriamente a essa pergunta:

¹⁴ Do original: “states, which may endure or persist over stretches of time, differ from accomplishments and activities in that they “cannot be qualified as actions”. Verbs expressing states do not have progressive forms: we cannot say - at any rate not in good English - “I am knowing” or “I am loving.”. A state, as the name implies, involves no dynamics. Though it may arise, or be acquired, as a result of change, and though it may provide the potential of change, the state itself does not constitute a change.” (MOURELATOS, 1978, p. 416) (tradução nossa)

- (16) O que aconteceu?
- a. A Lucy dançou valsa em seu aniversário. (atividade)
 - b. O Renato construiu uma casinha para os cachorros. (*accomplishment*)
 - c. A sacola de compras caiu no chão. (*achievement*)
 - d. ??O João teve dois celulares. (estado)

No entanto, além desse teste, existem outras maneiras de identificar os verbos de estado. Segundo Lakoff (1966), as eventualidades estativas normalmente não ocorrem no progressivo, não ocorrem com o imperativo, não possuem uma leitura habitual quando estão no tempo presente simples, não ocorrem com advérbios “agentivos”, como *cuidadosamente* ou *entusiasmamente*, não ocorrem como complementos de verbos como *persuadir* e *forçar*, não ocorrem em construções pseudo-clivadas. Veja:

- (17)
- a. *O Pedro *está sabendo* a resposta.
 - b. *Pedro, saiba a resposta!.
 - c. O Pedro sabe a resposta. (não possui uma leitura habitual)
 - d. *O Pedro soube a resposta *cuidadosamente*.
 - e. *O professor *forçou* o Pedro a saber a resposta.
 - f. **O que o Pedro fez foi* saber a resposta.

O fato de os verbos de estado não possuírem dinamicidade e nem agentividade explica porque esses verbos não se combinam com as estruturas acima. Embora a não ocorrência dos estados com o progressivo seja considerada um aspecto característico desses verbos, autores como Dowty (1975) e Parsons (1994) já mostraram que tal teste não é muito confiável, pois existem vários verbos estativos que se combinam com a perífrase de gerúndio, como em *o Felipe está morando em Belo Horizonte, a Larissa está precisando de ajuda, a casa está valendo cem mil reais*.

As atividades, os *achievements*, os *accomplishments* e os estados constituem as classes aspectuais que correspondem ao aspecto lexical, que é o aspecto que já vem inserido no sentido particular de cada verbo. Entretanto, além do aspecto lexical, existe também o aspecto derivado que pode ser considerado um aspecto sentencial, uma vez que ele é construído a partir das combinações entre o aspecto lexical dos verbos, as categorias temporais, os aspectos gramaticais e os complementos verbais. Ou seja, diferentemente do aspecto lexical que

corresponde ao aspecto básico de um verbo, que está no nível do léxico, o aspecto derivado corresponde ao aspecto proveniente da sentença.

Baseadas em Smith (1997), Cançado e Amaral (2016) assumem que um verbo pode ter a sua classe aspectual modificada, caso seja feita algumas alterações nas propriedades sintáticas das sentenças em que o verbo se encontra. Isto é, segundo Cançado e Amaral (2016, p. 167), “os verbos devem ser classificados como tendo um aspecto lexical básico, embora, em um nível derivado, dependendo de certas propriedades sentenciais, o mesmo verbo possa adquirir outra leitura aspectual”. Conforme as autoras, para que possamos reconhecer os aspectos derivados, podemos nos valer dos mesmos testes que utilizamos para identificar os aspectos lexicais. Vejamos alguns exemplos de aspectos derivados que envolvem os estados.

De acordo com Cançado e Amaral (2016), alguns verbos que possuem o aspecto lexical de estado podem se transformar em sentenças com leitura de *achievement* quando se combinam com a marca da perífrase de gerúndio. A partir dessa combinação, temos os *achievements* derivados de estados:

- (18) A Larissa está amando o Thiago. (antes a Larissa não amava o Thiago, mas agora ela o ama).
- (19) O aluno está sabendo geografia. (antes o aluno não sabia geografia, mas agora ele sabe).

Vale ressaltar que não são todos os verbos de estado que se combina com a marca de perífrase de gerúndio. No entanto, pode-se dizer que alguns verbos estativos, quando permitem essa marca, passam a ter a leitura de mudança de estado, como ocorre nas sentenças acima. Ainda, como as sentenças em (18) e em (19) possuem o aspecto derivado de *achievement*, tais sentenças não aceitam a expressão *parar de*:

- (20) *A Larissa está parando de amar o Thiago.
- (21) *O aluno está parando de saber geografia.

Por outro lado, conforme Cançado e Amaral (2016), verbos que possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, atividade e *achievement* podem se converter em sentenças com leitura de estado quando estão na alternância medial. Nesse tipo de alternância, verbos transitivos aparecem na forma intransitiva, de modo que o complemento da transitiva ocupa a

posição de sujeito. “Na literatura em geral, assume-se que essas construções apresentam uma forma genérica e são marcadas pelo tempo presente e pela inclusão de alguns tipos de modificadores, além de argumentos do verbo que tenham referência genérica” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 173). Na sentença em (22) temos um estado derivado de *accomplishment*, na sentença em (23) temos um estado derivado de uma atividade e na sentença em (24) temos um estado derivado de *achievement*:

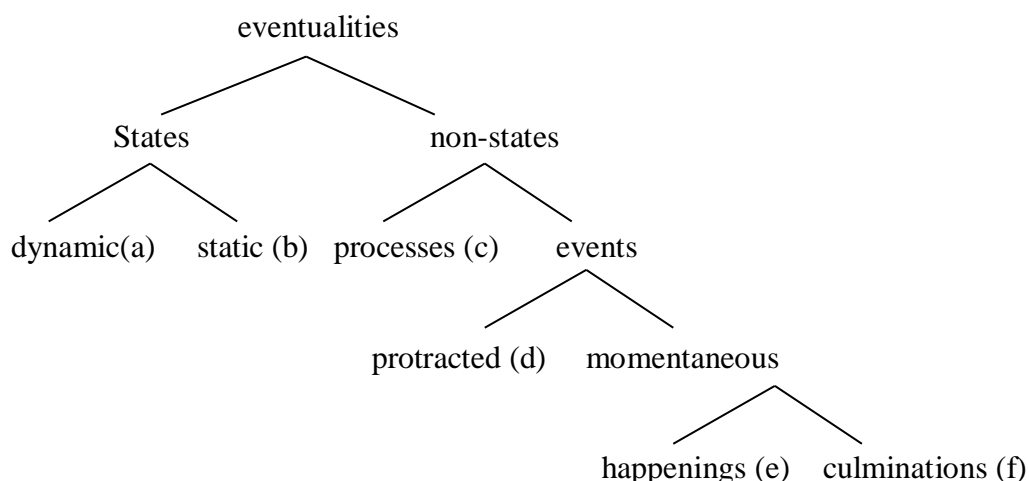
- (22) Meia-calça rasga facilmente. (estado derivado de *accomplishment*)
- (23) Crianças brigam por qualquer coisa. (estado derivado de atividade)
- (24) Banana amadurece rápido. (estado derivado de *achievement*)

Note que, por possuírem o aspecto derivado de estado, as sentenças acima não constituem sentenças que respondam adequadamente à pergunta *o que aconteceu?*. Apresentamos o aspecto derivado para mostrar que nem sempre é o aspecto básico de um verbo que prevalece quando ele é inserido em uma sentença. Neste trabalho, damos destaque ao aspecto básico dos verbos de estados e analisamos, de maneira preferencial, as sentenças em que o aspecto básico dos verbos de estado é mantido.

2.1.1 Tipos de estados

Na seção anterior, diferenciamos os estados das outras classes aspectuais e mostramos a diferença entre aspecto gramatical e aspecto lexical, tendo mostrado ainda o aspecto derivado. Tendo feito isso, nesta subseção nos dedicamos a investigar trabalhos que se aprofundam nos estudos sobre diferentes categorias de estados. Em geral, autores que seguem a tradição vendleriana assumem que os estados são um grupo homogêneo de verbos. No entanto, autores como Carlson (1977), Bach (1986), Maienborn (2003) e Cunha (2004, 2011) assumem que não existe apenas um tipo de estado.

Bach (1986), por exemplo, separa os estados em estados dinâmicos (que ocorrem no gerúndio) e estados estáticos (que não ocorrem no gerúndio). Veja a divisão que o autor apresenta para as eventualidades:



(BACH, 1986, p. 62)

Como vemos, as eventualidades se dividem em estados e em não-estados. Os estados se dividem em estados dinâmicos (*sit* ‘sentar’, *stand* ‘levantar’ e *lie + LOC* ‘ficar + LOC’) e estados estáticos (*be drunk* ‘estar bêbado’, *be in New York* ‘estar em Nova Iorque’, *own x* ‘possuir x’, *love x* ‘amar x’ e *resemble x* ‘assemelhar-se a x’) e os não-estados se dividem em processos e em eventos. Os processos de Bach (1986) (*walk* ‘andar’, *push a cart* ‘empurrar um carrinho’ e *be mean (Agentive)* ‘ser malvado (Agentivo)’) são as atividades de Vendler (1967). Os eventos, por sua vez, se dividem em eventos prolongados e em eventos momentâneos. Os eventos prolongados (*build x* ‘construir x’ e *walk to Boston* ‘andar para Boston’) correspondem aos *accomplishments* e os eventos momentâneos correspondem aos *achievements*. Por fim, os eventos momentâneos se dividem em acontecimentos (*recognize* ‘reconhecer’, *notice* ‘notar’ e *flash once* ‘piscar uma vez’) e culminações (*die*, ‘morrer’ e *reach the top* ‘chegar ao topo’).

Carlson (1977), por sua vez, propõe que os estados podem ser do tipo *Object-level* ou do tipo *Stage-level*. Conforme Filip (1999), os predicados do tipo *Object-level* denotam estados permanentes de seus argumentos, ou podem ser predicados de seus argumentos de forma “atemporal”. Os predicados do tipo *Stage-level*, por outro lado, são episódicos e são analisados por Carlson (1977) como aplicados a “fatias espaço-temporais” de indivíduos e não aos indivíduos propriamente. Pode-se dizer que, para o português, *grosso modo*, a distinção entre *ser* e *estar*¹⁵ é uma distinção entre esses dois tipos de estado, já que *ser*

¹⁵ Remetemos o leitor interessado na distinção entre *ser* e *estar* a Karen Zagona (2012).

normalmente se configura como um predicado do tipo *Object-level* e *estar* normalmente se configura como um predicado do tipo *Stage-level*.

Cunha (2004, 2011), baseado nas propostas de Kratzer (1995) e de Chierchia (1995), sugere alguns testes para diferenciar os estados do tipo *Object-level* ou *Individual-level* (predicados de indivíduo) dos estados do tipo *Stage-level* (predicados de “estágio”) propostos por Carlson (1977). Abaixo apresentamos os quatro principais testes utilizados pelo autor para diferenciar esses tipos de predicados em línguas como o português:

A) “Apenas estados de *Stage-level* se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização”¹⁶ (CUNHA, 2011, p. 138), como *durante três dias, ontem, no sábado*:

- (25)
- a. *Ontem/no sábado*, a Maria esteve contente. (estado de *Stage-level*)
 - b. A Maria teve febre *durante três dias*. (estado de *Stage-level*)
 - c. **Ontem/no sábado*, a Maria foi portuguesa. (estado de *Individual-level*)
 - d. *A Maria soube Latim *durante três dias*. (estado *Individual-level*)

B) “Estativos de *Stage-level* ocorrem, na maior parte, livremente com locativos, contrastando com os predicados de *Individual-Level*, que mostram fortes restrições nesses contextos.”¹⁷ (CUNHA, 2011, p. 139):

- (26)
- a. A Maria esteve contente *na escola*. (estado de *Stage-level*)
 - b. A Maria teve febre *na casa da avó*. (estado de *Stage-level*)
 - c. *A Maria foi portuguesa *na escola*. (estado de *Individual-level*)
 - d. *A Maria soube Latim *na casa da avó*. (estado de *Individual-level*)

C) “Apenas estados de *Stage-Level* podem ocorrer em combinação com adverbiais pontuais, levando a uma construção bem formada que normalmente transmite uma leitura

¹⁶ Do original: “Only stage-level states combine freely with all kinds of durational and locating temporal adverbials.” (CUNHA, 2011, p. 138) (tradução nossa)

¹⁷ Do original: “Stage-level statives co-occur, in the most part, freely with locatives, contrasting with individual-level predicates, which show strong restrictions in those contexts.” (CUNHA, 2011, p. 139) (tradução nossa)

expressando a inclusão dos adverbiais no intervalo de tempo da situação que os acompanha.”

¹⁸ (CUNHA, 2011, p. 139):

- (27) a. A Maria esteve contente *às cinco horas*. (estado de *Stage-level*)
b. A Maria teve febre *às duas da manhã*. (estado de *Stage-level*)
c. *A Maria foi portuguesa *às cinco horas*. (estado de *Individual-level*)
d. *A Maria soube Latim *às duas da manhã*. (estado de *Individual-level*)

D) “Apenas estados de Stage-Level podem ser compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que, todas as vezes que*, etc.” ¹⁹ (CUNHA, 2011, p. 139):

- (28) a. *Sempre que* está contente, a Maria canta. (estado de *Stage-level*)
b. *Todas as vezes que* tem febre, a Maria toma uma aspirina. (estado de *Stage-level*)
c. **Sempre que* é portuguesa, a Maria vai à Lisboa. (estado de *Individual-level*)
d. **Todas as vezes que* sabe Latim, a Maria traduz um texto. (estado de *Individual-level*)

Conforme o próprio autor menciona, os testes acima podem apresentar problemas, pois existem alguns outros fatores que interagem com a oposição entre *Individual-level* e *Stage-level*. Além disso, como podemos perceber, Cunha (2004, 2011), apesar de propor diversos testes para diferenciar os predicados de *Individual-level* e *Stage-level*, apresenta, na maior parte das vezes, exemplos de sentenças que possuem apenas os verbos copulativos *ser* e *estar*. Isto é, raramente o autor apresenta exemplos com outros verbos estativos.

Finalmente, os estados, segundo Maienborn (2003), podem ser divididos em dois tipos: estados Kimianos (KIM, 1969, 1976), como as construções copulares *be intelligent* ‘ser inteligente’, *be tired* ‘estar cansado’, e os verbos estativos, como *weight* ‘pesar’, *know* ‘saber’ e *resemble* ‘assemelhar-se’; e estados Davidsonianos (DAVIDSON, 1967), como a classe dos

¹⁸ Do original: “Only stage-level statives may occur in combination with punctual adverbials, leading to a well-formed construction that typically conveys a reading expressing the inclusion of the adverbials into the time interval of the situation accompanying them.” (CUNHA, 2011, p. 139) (tradução nossa)

¹⁹ Do original: “Only stage-level statives may be compatible with expressions that quantify over eventualities like *sempre que* (‘whenever’), *todas as vezes que* (‘every time that’), etc.” (CUNHA, 2011, p. 139) (tradução nossa)

pseudo-estativos que contém verbos de posição como *sit* ‘sentar’, *stand* ‘ficar de pé’ e *lie* ‘mentir’ e verbos como *sleep* ‘dormir’, *wait* ‘esperar’ e *gleam* ‘brilhar’.

Segundo Rothmayr (2009), os estados Davidsonianos, por possuírem um argumento evento, conforme a proposta formal de Davidson (1967) de que os predicados de ação teriam um argumento evento, podem possuir tanto uma leitura eventiva quanto uma leitura estativa. Já os estados Kimianos, por não possuírem um argumento evento, possuem apenas uma leitura estativa. Conforme Maienborn (2005, p. 279), as eventualidades Davidsonianas “são eventualidades que podem ser localizadas no espaço e no tempo, com participantes funcionalmente integrados”²⁰ e possuem as seguintes propriedades ontológicas: são perceptíveis, podem ser localizadas no espaço e no tempo, podem variar na maneira como são realizadas (MAIENBORN, 2005, p. 280). Segundo a autora, essas eventualidades podem ser diagnosticadas a partir dos seguintes testes: podem servir como complementos infinitivos de verbos de percepção, se combinam com modificadores de lugar e de tempo e se combinam com os advérbios de modo, instrumentais, comitativos, etc. Verbos como *stand* ‘ficar’, *sit* ‘ficar’ e *sleep* ‘dormir’, conforme Maienborn (2005), podem ser caracterizados como estados Davidsonianos, pois passam em todos os testes de eventualidade. Por outro lado, os “estados Kimianos são objetos abstratos que exemplificam uma propriedade P em x a um tempo t”²¹ (MAIENBORN, 2005, p. 303) e possuem as seguintes propriedades ontológicas: não são acessíveis à percepção e não se localizam no espaço; por serem objetos abstratos, são acessíveis a operações cognitivas e podem ser localizados no tempo. De acordo com a autora, os estados Kimianos podem ser diagnosticados a partir dos seguintes testes: não podem ser complemento de verbos perceptuais e não se combinam com modificadores locativos; são acessíveis via anáfora e só se combinam com modificadores temporais (MAIENBORN, 2005). Verbos como *know* ‘saber’, *hate* ‘odiar’ e *resemble* ‘assemelhar-se’, conforme Maienborn (2005), podem ser caracterizados como estados Kimianos, pois não passam nos testes de eventualidade.

Na proposta de Davidson (1967) apenas sentenças que indicam ações contém um argumento especial que se refere ao evento que está em andamento. Contudo, de acordo com Rothmayr (2009), esse argumento evento também foi utilizado em análises de sentenças que não indicam ações. Por exemplo, Rothmayr (2009) salienta que, para autores como Diesing (1992) e Kratzer (1995), é possível distinguir os predicados de *Stage-level* dos predicados de

²⁰ Do original: “Eventualities are particular spatiotemporal entities with functionally integrated participants”. (MAIENBORN, 2005, p. 279) (tradução nossa)

²¹ Do original: “K-states are abstract objects for the exemplification of a property P a holder x and a time t”. (MAIENBORN, 2005, p. 303) (tradução nossa)

Individual-level a partir da presença ou da ausência da variável evento. De acordo com Diesing (1992) e Kratzer (1995), os predicados de *Stage-level*, que descrevem um estado temporário, possuem um argumento de evento, enquanto os predicados de *Individual-level* ou *Object-level*, que descrevem um estado permanente, não possuem um argumento de evento. Todavia, Rothmayr (2009) também acentua que Maienborn (2003) propõe que o argumento evento de Davidson (1967) só pode estar relacionado a sentenças que dotam ações ou a predicados que manifestam eventos. Assim, diferentemente de Diesing (1992) e de Kratzer (1995), Maienborn (2003) mostra que tanto os verbos de estado Kimiano, quanto as construções de *Stage-level* (*be sick* ‘estar doente’) e de *Individual-level* (*be intelligent* ‘ser inteligente’) denotam um estado Kimiano.

Neste trabalho, pretendemos verificar se as distinções entre predicados do tipo *Stage-level* e do tipo *Individual-level* e entre eventualidades Davidsonianas e estados Kimianos são relevantes para a formação de classes verbais estativas. Tendo visto as principais divisões da categoria dos estados encontradas na literatura, passemos agora para a apresentação da nossa linha de pesquisa.

2.2 A INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA LEXICAL

A Interface Sintaxe-Semântica Lexical surgiu a partir dos trabalhos de Fillmore (1968, 1970, 1971). Essa área de estudos tem como principal interesse evidenciar quais são as propriedades semânticas dos verbos que têm o poder de influenciar, ou até mesmo de determinar, a estrutura sintática das sentenças em que esses itens verbais aparecem. Logo, esse tipo de estudo se ocupa principalmente em analisar os itens predicadores, em especial os verbos, por meio das noções de papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados (CANÇADO; AMARAL, 2016). Como essas propriedades semânticas que são pertinentes para sintaxe já vêm inseridas no sentido lexical dos verbos, o léxico ocupa um lugar de prestígio nesse tipo de abordagem. Ao contrário da visão estruturalista (BLOOMFIELD, 1933), que considera o léxico como uma simples lista de palavra, e das abordagens mais recentes do gerativismo, como o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), que entende o léxico apenas como um repositório de palavras, papéis temáticos e exceções gramaticais, a Interface Sintaxe-Semântica Lexical argumenta a favor da existência de um léxico estruturado que abriga regras e generalizações (FILLMORE, 1970, 1971; PINKER, (2013 [1989]); JACKENDOFF, 1983, 1990; LEVIN, 1993; LEVIN; RAPPAPORT

HOVAV, 1992, 1995, 2005; WUNDERLICH, 1997, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016). De acordo com Levin (1993, p.1), a visão do léxico como uma lista de irregularidades básicas que contém informações mínimas “oferece uma imagem incompleta de conhecimento lexical como um todo. O conhecimento que um falante demonstra em relação aos itens lexicais sugere que há mais no conhecimento lexical do que conhecimento de propriedades idiossincráticas específicas da palavra”²².

Como já dissemos, nessa linha de pesquisa, a noção de estrutura argumental é entendida como o grupo de informações sintáticas e semânticas que estão inseridas em um item lexical, como o número de argumentos que um predicador exige para ter o seu sentido saturado e os papéis temáticos que são atribuídos a esses argumentos (PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV, LEVIN, 1988; RAPPAPORT HOVAV, LAUGHREN, LEVIN, 1993; LEVIN, RAPPAPORT HOVAV, 2005; LEVIN, RAPPAPORT HOVAV, 2011; CANÇADO, GODOY, 2012; CANÇADO, AMARAL, 2016; CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013, 2017; dentre outros). Essas informações não são únicas e exclusivas de itens lexicais específicos, mas se repetem em diferentes verbos, fazendo com que vários desses itens compartilhem a mesma estrutura argumental. Itens verbais que compartilham propriedades semântico-lexicais que têm impacto na sintaxe são agrupados nas conhecidas “classes” (LEVIN, 1993). Classes verbais são generalizações feitas a partir do sentido lexical dos verbos que possui impacto na sintaxe.

Reconhecendo que partes do significado dos itens lexicais motivam a organização sintática dos argumentos e os comportamentos sintáticos dos verbos de forma sistemática (PINKER, 2013 [1989]; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 1995; WUNDERLICH, 1997, 2012; CANÇADO, 2005, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016; entre outros), essa linha de pesquisa tem como objetivos centrais: verificar quais são as propriedades que permitem agrupar os verbos em classes e propor representações semântico-lexicais que servem para descrever e explicar a semântica dos verbos e das classes verbais. Com base nas representações semânticas podemos, por exemplo, mostrar quais são os tipos semânticos dos argumentos que um verbo seleciona e, a partir de tais informações, prever quais são as possíveis realizações sintáticas

²² Do original: “offers an incomplete picture of lexical knowledge as a whole. The knowledge that a speaker demonstrates with respect to lexical items suggests that there is more to lexical knowledge than knowledge of idiosyncratic word-specific properties”. (LEVIN, 1993, p. 1) (tradução nossa)

desses verbos, como a participação ou não desses itens em construções sintáticas e alternâncias verbais ²³.

Segundo Levin e Rappaport Hovav (2005), teorias como essa também são chamadas de teorias de projeção. Essa nomenclatura se deve ao fato de essas teorias considerarem que algumas propriedades semânticas dos verbos são responsáveis por projetarem a efetivação dos argumentos verbais na sintaxe. Tais representações semânticas, também chamadas de estrutura argumental (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017) e de representações lexicais, podem ser apresentadas por intermédio de grades temáticas e por meio da linguagem de decomposição de predicados. Por exemplo, conforme Cançado, Amaral e Meirelles (2017), o verbo *congelar*, pode ser representado tanto pela grade temática {Agente ou Causa, Paciente}, quanto pela estrutura em decomposição de predicados [[X ACT (volition) CAUSE [BECOME [Y <CONGELADO>]]], proposta por Cançado, Godoy e Amaral (2017).

Pode-se dizer, assim, que os estudos sobre as classes verbais e as representações semânticas dos verbos são de extrema importância para a linha de pesquisa de Interface Sintaxe-Semântica Lexical. Sendo assim, na seção seguinte, explicamos a noção de classe verbal adotada nesse tipo de pesquisa. Em seguida, explicitamos o tipo de representação lexical adotada em nossa análise para os verbos de estado do PB.

2.2.1 Classes verbais

O fato de a teoria considerar o léxico estruturado a permite estabelecer classificações e generalizações sobre os itens lexicais. Existem várias maneiras de fazer generalizações sobre os verbos, mas dentro da Interface Sintaxe-Semântica Lexical é assumido que classificar os verbos implica agrupá-los em classes que compartilhem tanto propriedades semânticas, quanto propriedades sintáticas (LEVIN, 1993; CANÇADO; AMARAL, 2016). Ou seja, nessa linha de pesquisa, para que um grupo de verbos seja considerado uma classe verbal, é preciso que alguma peculiaridade do sentido desses itens influencie a realização morfossintática de seus argumentos. Conforme Levin (1993, p. 17), “as classes verbais surgem porque um conjunto de verbos com um ou mais componentes de significado compartilhados mostra comportamento semelhante” ²⁴. Por exemplo, segundo Godoy (2012), Cançado, Amaral e

²³ Entende-se por alternância verbal ou alternância de diátese as diversas maneiras de reorganização sintática dos argumentos de um verbo (LEVIN, 1993; CANÇADO, 2010).

²⁴ Do original: “Verb classes arise because a set of verbs with one or more shared meaning components show similar behavior.” (LEVIN, 1993, p. 17) (tradução nossa)

Meirelles (2017) e Caçado, Amaral e Godoy (2013, 2017), verbos como *alojar*, *anotar*, *imprimir*, *estocar*, *enterrar*, *plantar* e outros compõem a classe dos verbos de mudança de estado locativo. De acordo com as autoras, esses verbos compartilham o sentido de *x age causando y ficar em determinado estado em algum lugar*; são verbos bitransitivos que possuem a estrutura sintática básica [SN V SN (SP)]; possuem a seguinte estrutura de papéis temáticos {Agente, Paciente, (Locativo)} e a seguinte estrutura de decomposição de predicados [[X ACT volition] CAUSE [BECOME [[Y <STATE>] LOC Z]]]; possuem o aspecto lexical básico de *accomplishment*; licenciam a passiva eventiva com dois argumentos internos, como em *as mudas de café foram plantadas na lavoura*; licenciam a passiva resultativa com dois argumentos internos, como em *as mudas de café ficaram plantadas na lavoura*; licenciam a passiva estativa com dois argumentos internos, como em *as mudas de café estão plantadas na lavoura*, e não licenciam a alternância causativo-incoativa, como em **As mudas se plantaram*.

É preciso acentuar ainda que não são todas as partes do significado de um verbo que são capazes de influenciar a realização sintática de seus argumentos, mas sim apenas algumas partes do significado desses itens (PINKER, 2013 [1989]); JACKENDOFF, 1990; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; LEVIN, 1999; GRIMSHAW, 2005; PESETSKY, 1995; entre outros). Por isso, os estudos dessa linha de pesquisa dão ênfase às informações semânticas que são relevantes para a gramática, pressupondo a ideia de que os verbos que possuem os mesmos comportamentos sintáticos devem compartilhar essas mesmas informações semânticas. Grimshaw (2005), *apud* Caçado e Amaral (2016), aponta, por exemplo, que a ideia de cor que está presente no sentido de verbos como *pintar*, *amarelar* e *colorir* não é uma parte da semântica desses verbos que é considerada relevante para a sintaxe, já que esse sentido não interfere na gramática desses itens. Essa propriedade não é, portanto, relevante para a classificação dos verbos. Em contrapartida, como vimos acima, segundo Caçado, Amaral e Meirelles (2017), Godoy (2012) e Caçado, Amaral e Godoy (2013, 2017), a propriedade semântica de *x age causando y ficar em determinado estado em algum lugar* é considerada uma propriedade semântica relevante para a sintaxe, tendo em vista que os verbos que compartilham essa propriedade licenciam a passiva eventiva com dois argumentos internos, licenciam a passiva resultativa com dois argumentos internos, licenciam a passiva estativa com dois argumentos internos e não licenciam a alternância causativo-incoativa.

Partindo da ideia de agrupar os verbos a partir de propriedades semânticas e sintáticas em comum, Cançado e Gonçalves (2016), apoiadas em Levin (2010), propõem que é possível classificar os verbos a partir de três níveis de classificação distintos: *coarse-grained*, *medium-grained* e *fine-grained*. No entanto, é no trabalho de Cançado e Amaral (2016) que encontramos definições mais claras com exemplificações de cada um desses níveis de análise.

Conforme Cançado e Amaral (2016), no tipo de classificação *coarse-grained* os verbos são agrupados em classes verbais mais amplas. “Os verbos classificados dessa maneira se agrupam por propriedades semânticas que têm impacto na sintaxe, mas que são mais gerais e que são apenas partes das informações semânticas de estruturas lexicais dos itens verbais” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 32). Conforme as autoras, são exemplos de classes no nível *coarse-grained*: as classes aspectuais de Vendler (1967) (*accomplishment*, *achievement*, atividade e estado); as classes que são definidas a partir do número de argumentos, como a classe dos verbos monoargumentais e a classe dos verbos biargumentais, e as classes que são definidas a partir de um papel temático que os verbos compartilham entre si, como a classe dos verbos agentivos.

No nível de classificação *medium-grained*, por outro lado, os verbos são agrupados em classes verbais mais refinadas, que dispõem de muitas informações sobre a semântica e a sintaxe dos verbos e que compartilham a mesma estrutura argumental. Conforme Cançado e Amaral (2016), as classes desse nível de análise são as classes que mais chamam a atenção dos estudiosos, conseqüentemente, são as mais analisadas na literatura, por isso, também são chamadas de classes “canônicas”. Assim, quando utilizarmos o termo “classe” ao longo deste trabalho estaremos nos referindo ao nível de análise *medium-grained*. De acordo com Cançado e Amaral (2016), a classe dos verbos que denotam mudança de estado (como *quebrar* e *abrir*) é um exemplo de classe desse tipo, pois esses verbos, além de apresentarem diversos comportamentos sintáticos em comum, compartilham a mesma estrutura argumental, isto é, possuem um argumento agente na posição de sujeito e um argumento paciente na posição de complemento. Cançado, Godoy e Amaral (2017), por exemplo, destacam que os verbos de mudança de estado do PB admitem a alternância causativo-incoativa, permitem a inclusão do clítico *se* e podem aceitar um instrumento na posição de adjunção:

- (29) a. O homem quebrou o vidro/O vidro do carro (se) quebrou.
b. O homem quebrou o vidro do carro *com uma pedra*.
- (30) a. O menino abriu a janela/A janela (se) abriu.

b. O menino abriu a janela *com uma chave de fenda*.

Finalmente, conforme Caçado e Amaral (2016), no nível de classificação *fine-grained*, os verbos são agrupados em grupos mais restritos, que compartilham apenas algumas informações sobre determinados sentidos muito particulares. De acordo com as autoras, as propriedades semânticas que definem as classes do tipo *fine-grained* possuem impacto na sintaxe, contudo não são propriedades que aparecem explicitamente nas estruturas lexicais dos verbos. Segundo Caçado e Amaral (2016), os verbos recíprocos (DOWTY, 1991; LEVIN, 1993; GODOY, 2008a, 2009; 2010 e outros) são um exemplo de agrupamento do tipo *fine-grained*. Godoy (2008a), por exemplo, propõe que os verbos que são classificados como verbos recíprocos possuem a propriedade lógico-semântica de reciprocidade entre dois participantes e exigem que um de seus argumentos, o sujeito ou o objeto, possua uma denotação plural. Ainda, segundo a autora, tais verbos compartilham a propriedade de serem passíveis de ocorrer na alternância *simples-descontínua*, que é considerada uma propriedade relevante gramaticalmente, mesmo os verbos recíprocos apresentando diferentes transitividades e papéis temáticos. Conforme Godoy (2008a, 2009, 2010), a alternância *simples-descontínua* consiste na possibilidade de fragmentação do argumento plural em dois constituintes distintos, como vemos abaixo:

- (31) a. *As amigas* conversaram. (forma simples)
b. *A Ana* conversou com *a Jéssica*. (forma descontínua)
- (32) a. *A cozinheira* misturou *a comida*. (forma simples)
b. *A cozinheira* misturou *o arroz* com *os brócolis*. (forma descontínua)

Levando em conta os vários níveis de classificação, um dos objetivos essenciais desta pesquisa é dividir os verbos de estado em classes, no nível de classificação *medium-grained*, e, se necessário, em agrupamentos também no nível de classificação *fine-grained*. Esses agrupamentos mais restritos serão chamados aqui de “subclasses”, seguindo Caçado, Amaral e Meirelles (2018). É importante acentuar que existe uma relação entre classe e subclasse, tendo em vista que a subclasse é uma parte da classe, no sentido de que os verbos da subclasse continuam mantendo todas as propriedades da classe. Assim sendo, com o intuito de verificarmos se os verbos de estado do PB podem ser subdivididos em classes e em

subclasses, aplicamos testes semânticos e sintáticos que comprovam os comportamentos desses verbos.

Tendo delineado a noção de classe verbal, na seção seguinte explicamos a forma de representação semântica que utilizamos na análise dos verbos de estado, a representação lexical por meio da decomposição de predicados.

2.2.2 Representações semânticas: a decomposição de predicados

Como vimos na seção anterior, os verbos podem ser agrupados em classes verbais de acordo com as suas propriedades semânticas e sintáticas. Com o intuito de descrever as propriedades semânticas que definem as classes verbais, os semanticistas lexicais buscam, por meio de representações semânticas, formalizar o sentido lexical dos verbos. Tais representações são, portanto, maneiras de descrever a semântica dos verbos por meio da utilização de metalinguagens que contribuem para o caráter formal desse tipo de análise. No entanto, vale lembrar novamente que não são todas as informações semânticas dos verbos que são abarcadas por essas representações lexicais, mas sim apenas as informações que contribuem para a formação de classes verbais e que são relevantes para a realização morfossintática dos argumentos desses itens verbais.

Os tipos de representação lexical que são mais comumente utilizados pela linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical são as grades temáticas (GRUBER, 1965; FILLMORE, 1968; JACKENDOFF, 1972; CRUSE, 1973; DOWTY, 1991; VAN VALIN, 2005; CANÇADO, 2005) e a decomposição de predicados primitivos (DOWTY, 1979; JACKENDOFF, 1983, 1990; PINKER, (2013 [1989])); RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995, 2005; BEAVERS, 2010; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016).

As noções semânticas de papéis temáticos ocupam um lugar de destaque nos estudos linguísticos e são entendidas como funções semânticas que um predicado atribui aos seus argumentos. Apesar da centralidade dessas noções semânticas, optamos por não utilizar as representações semânticas por meio de papéis temáticos, pois assumimos, assim como Dowty (1979), Jackendoff (1983, 1990), Pinker (2013 [1989]), Levin e Rappaport Hovav (1995, 2005), Rappaport Hovav e Levin (1998), Cançado e Amaral (2016) e outros, que a decomposição de predicados representa o significado dos verbos de maneira muito mais eficiente.

Como mostram Cançado, Godoy e Amaral (2017) e Cançado e Amaral (2016), as estruturas em papéis temáticos trazem apenas informações sobre as relações semânticas entre o verbo e seus argumentos, ao passo que as representações em decomposição de predicados, também trazem, além de informações sobre os papéis temáticos, informações acerca do evento como um todo. Em uma representação por predicados primitivos conseguimos saber, por exemplo, se o evento denotado se trata de uma atividade, um *accomplishment*, um *achievement* ou um estado. Além disso, como mostram Levin e Rappaport Hovav (2005), a partir das representações em papéis temáticos não conseguimos estabelecer a diferença entre raiz e estrutura, ou seja, não sabemos o que é recorrente no significado dos verbos de uma classe e o que é particular de cada verbo. Segundo as autoras, isso é uma grande perda em termos analíticos, pois ao estabelecermos essa distinção, somos capazes de distinguir as propriedades semânticas que são relevantes gramaticalmente para cada nível de análise. Desse modo, nesta pesquisa, por reconhecermos a importância dos papéis temáticos, utilizamos essas noções semânticas apenas de uma maneira descritiva e damos ênfase às estruturas de representação semântica baseadas na decomposição de predicados.

Assim como os papéis temáticos, a metalinguagem de decomposição em predicados primitivos também busca representar o significado dos verbos. Essa abordagem parte da premissa de que o sentido dos itens verbais pode ser decomposto em elementos menores de significado (McCAWLEY, 1968a, 1968b; MORGAN, 1969; LAKOFF, 1970; ROSS, 1969, 1972; DOWTY, 1979; PINKER, 2013 [1989]; STECHOW, 1995, 1996). Como veremos mais adiante, esses sentidos menores são representados por meio de predicados primitivos indecomponíveis que são escolhidos a partir de acarretamentos dos sentidos dos verbos e das classes verbais. Antes de mostrarmos como essa linguagem funciona, mostramos algumas evidências da composicionalidade na semântica do verbo.

Lakoff (1970) argumenta a favor da ideia de que os verbos são itens decomponíveis. Segundo ele, os verbos de mudança de estado, como *congelar*, *quebrar*, *abrir*, *acender*, servem como evidência de que os itens verbais podem ser decompostos em unidades menores de significado, já que esses verbos compartilham o sentido de *x causa y ficar em algum estado*. Por exemplo, o verbo *quebrar* é composto por elementos de sentido como *x causa y ficar quebrado*, sendo que a parte *x causa y ficar* é compartilhada por todos os verbos dessa classe e a parte *quebrado* corresponde ao sentido específico desse verbo.

Morgan (1969) e Dowty (1979) mostram que a ambiguidade de sentenças com o advérbio *quase* também evidencia a natureza composicional dos verbos. Conforme esses

autores, verbos que apresentam uma ambiguidade quando compostos com o advérbio, como *construir*, *quebrar* e *abrir*, são compostos por dois subeventos: um evento que denota o início da ação (*x age e causa*) e um evento que denota o resultado dessa ação (*y ficar em algum estado*). Segundo esses autores, quando inserimos o advérbio *quase* em sentenças que possuem verbos desse tipo, como em *o João quase construiu uma casa*, temos uma leitura ambígua, já que esse advérbio pode tomar como escopo o evento como um todo, *o que o João quase fez foi construir uma casa*, ou apenas o segundo subevento, *o que o João fez foi quase construir uma casa*. No primeiro caso, temos a interpretação de que o João pensou em construir uma casa, mas nem começou a realizar a ação de construir. Já no segundo, temos a interpretação de que o João começou a construir uma casa, mas não a terminou, ou seja, não obteve o resultado final. Portanto, o fato de o advérbio *quase* “enxergar” as partes internas desses verbos comprova que o sentido desses itens realmente é decomponível.

Wunderlich (2012) sugere também que os verbos chamados “denominais”, que correspondem a verbos que são formados a partir de nomes, são ótimos argumentos para corroborar a ideia de que os predicadores podem ser decompostos em itens menores de significado. Segundo o autor, verbos como *enjaular*, *ensacar*, *engarrafar*, *encaixotar* e *engavetar*, conhecidos na literatura como “verbos de *location*” (CLARK; CLARK, 1979; HALE; KEYSER, 2002), necessariamente contêm, dentro dos componentes de sentido que os constituem, os nomes *jaula*, *saco*, *garrafa*, *caixote* e *gaveta*, respectivamente. Esses nomes correspondem ao sentido específico que dá origem a cada um desses verbos. No entanto, além desse sentido específico, os verbos do tipo *location* compartilham algumas unidades semânticas que constituem o sentido eventivo desses verbos. Ou seja, todos esses verbos possuem dentro deles o sentido de *x coloca y em algum lugar*, sendo que esse lugar é especificado pelo sentido particular de cada um desses verbos: *x coloca y na jaula*, *x coloca y no saco*, *x coloca y na garrafa*, *x coloca y no caixote* e *x coloca y na gaveta*. Portanto, segundo Cançado, Godoy e Amaral (2017), essas paráfrases evidenciam o vínculo entre os nomes *jaula*, *saco*, *garrafa*, *caixote* e *gaveta* e as outras unidades semânticas que constituem o sentido do verbo, *x coloca y em*.

O surgimento da metalinguagem de decomposição de predicados, a partir da Semântica Gerativa (McCawley, 1968a, 1968b; Morgan, 1969; Lakoff, 1970; Ross, 1969, 1972), foi baseado, assim, na percepção de que os itens verbais não são itens atômicos que não podem ser decompostos, mas sim itens que se constituem de partes menores de significado. À medida que os verbos iam sendo decompostos, em diferentes trabalhos de

pesquisa, percebeu-se que alguns grupos de verbos compartilhavam as mesmas partes de significado, o que possibilitou agrupar os verbos em classes conforme as partes de sentido que eles têm em comum.

As evidências acima mostram que não existem dúvidas de que os verbos possuem uma natureza composicional. Dessa forma, é bastante coerente utilizar a metalinguagem de decomposição de predicados primitivos nos estudos semânticos dos verbos e das classes verbais. Baseados nos trabalhos de Levin e Rappaport Hovav (2005), de Rappaport Hovav e Levin (2010), de Cançado, Godoy e Amaral (2017) e de vários outros trabalhos desenvolvidos pelos NuPeS, adotamos a metalinguagem de decomposição de predicados como maneira de representar o sentido lexical dos verbos.

Conforme Cançado e Amaral (2016), nesse tipo de proposta os verbos são representados por meio de uma estrutura semântica complexa, em que as partes que compõem o significado desses itens são predicados primitivos, seus argumentos e modificadores. Essa estrutura semântica complexa “pode ser dividida em duas partes: os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos e o sentido idiossincrático de cada verbo, que é representado pelo que se denomina ‘raiz’” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 198). Peguemos como exemplo a estrutura do verbo *congelar* [[X ACT (volition) CAUSE [BECOME [Y <CONGELADO>]]], já apresentada anteriormente. Essa estrutura pode ser dividida em duas partes: [[X ACT (volition) CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]] e <CONGELADO>. A primeira parte corresponde às partes de significado do verbo *congelar* que são estruturais, ou seja, trata-se da parte de sentido que esse verbo compartilha com os outros verbos da mesma classe a que ele pertence. Portanto, [[X ACT (volition) CAUSE [BECOME [Y<STATE>]]] é a parte da representação que traz as propriedades semânticas que são relevantes gramaticalmente. A parte <CONGELADO> não é decomponível e trata-se do sentido idiossincrático do verbo *congelar*. Como sabemos, cada verbo, além de conter a parte de sentido que é compartilhada com outros verbos, também possui um sentido que é específico, portanto, não compartilhado. Esse sentido particular, denominado “raiz”, é representado entre colchetes angulados e, segundo Rappaport Hovav e Levin (1998), possui uma relação com os nomes dos verbos. Conforme essas autoras, apesar de as raízes veicularem um sentido que é idiossincrático, elas podem ser categorizadas em relação a determinados tipos ontológicos. Logo, pode-se dizer que a raiz do verbo *congelar*, assim como as raízes de todos os verbos que pertencem à mesma classe que esse verbo, é classificada ontologicamente como *STATE* ‘estado’. Segundo Cançado e Amaral (2016,

p.200) “as categorias ontológicas mais usualmente assumidas são: STATE, EVENT, THING, MANNER, INSTRUMENT e PLACE”.

Em relação à sintaxe dessa metalinguagem, pode-se dizer que não se trata de uma sintaxe complicada, tendo em vista que as estruturas em decomposição de predicados são constituídas simplesmente por um ou mais predicados, que podem ou não ser modificados, que exigem um ou dois argumentos para terem seus sentidos saturados (CANÇADO; AMARAL, 2016). Para vermos como essa linguagem funciona, peguemos novamente a representação do verbo *congelar* como exemplo:

(33) *congelar*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <CONGELADO>]]]

(CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017)

Conforme já argumentado por Lakoff (1970), o sentido de um verbo como *congelar* pode ser decomposto em uma estrutura do tipo *x causa y ficar em algum estado*. Especificamente para *congelar* temos *alguém que age (com ou sem volição) ou algo causa algo se tornar congelado*. Como vemos em (33), a representação desse verbo é composta pelos seguintes predicados primitivos: ACT, CAUSE e BECOME, seus argumentos e modificadores. Conforme Cançado e Amaral (2016), os predicados primitivos são elementos predicadores indecomponíveis e “pertencem a um grupo finito de itens (na notação, são sempre escritos em caixa alta)” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 199). Por serem elementos sem sentido completo, esses predicados precisam ser saturados por argumentos, que são elementos que possuem sentido completo. Os argumentos, por sua vez, “podem ser elementos primitivos, estruturas complexas ou variáveis” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.198).

Começamos pelo predicado primitivo ACT. Esse predicado primitivo precisa de apenas um argumento para ter o seu sentido saturado e o argumento que está preenchendo o sentido desse predicado é a variável X, que representa o sujeito da ação denotada pelo verbo *congelar*, que pode ser um agente ou uma causa. Qualquer predicado pode ser modificado por um modificador. Modificadores são representados por elementos primitivos e sempre são notados em subscripto (CANÇADO; AMARAL, 2016). Como sabemos, o sujeito do verbo *congelar* pode ou não ter volição. Por esse motivo, o predicado ACT aparece junto com o modificador (VOLITION), que, na representação acima, aparece entre parênteses para indicar a opcionalidade da volição. Juntos, o predicado ACT, o argumento X e o modificador (VOLITION) formam o constituinte semântico [X ACT_(VOLITION)], que possui sentido

completo e, por isso, pode funcionar como argumento de outro predicado. Nessa metalinguagem, os constituintes semânticos são delimitados por meio de colchetes que indicam que determinado constituinte é uma estrutura saturada, isto é, possui um predicado e seus argumentos (CANÇADO; AMARAL, 2016).

Passemos agora para o predicado BECOME. Esse predicado indica uma mudança de estado e, assim como o predicado ACT, também necessita de apenas um argumento para ter o seu sentido saturado. Todavia, diferentemente do predicado ACT que é saturado pelo argumento representado pela variável X, o predicado BECOME, como vemos na estrutura acima, é saturado por um argumento que corresponde à estrutura complexa: [Y <CONGELADO>]. Essa estrutura complexa é composta pela variável Y, que representa o objeto paciente da ação denotada pelo verbo *congelar*, e a raiz <CONGELADO>, que representa o sentido idiossincrático desse verbo. Conforme Cançado e Amaral (2016), as raízes verbais são sempre notadas em caixa alta, itálico e entre colchetes angulados e podem ser argumento, predicado ou modificador. A raiz <CONGELADO> também é um predicado e, por isso, também precisa ter o seu sentido saturado. A variável Y, portanto, completa o sentido dessa raiz, formando assim o constituinte semântico de sentido completo [Y <CONGELADO>], que satura o predicado BECOME. Juntos, o predicado BECOME e o constituinte semântico [Y <CONGELADO>] formam o constituinte semântico [BECOME [Y <CONGELADO>]] que pode funcionar como argumento de outro predicado.

Por fim, nessa estrutura também temos o predicado CAUSE que é um predicado que descreve uma relação entre dois subeventos. Logo, tal predicado exige dois argumentos para ter o seu sentido saturado. Os argumentos que saturam esse predicado são os subeventos [X ACT (VOLITION)] e [BECOME [Y <CONGELADO>]]. Juntos, o predicado CAUSE e seus argumentos formam o constituinte [[X ACT (VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <CONGELADO>]]], que é a representação semântica do verbo *congelar*. Como já vimos, essa estrutura pode ser dividida em duas partes. A primeira parte dessa estrutura, [[X ACT (VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]], corresponde às unidades de significado que são comuns a todos os verbos que pertencem à mesma classe que o verbo *congelar*. Já a segunda parte dessa estrutura, <CONGELADO>, corresponde ao sentido específico do verbo *congelado*. Para que essa divisão fique mais clara, apresentamos abaixo a estrutura de

decomposição de predicados da classe dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos*²⁵, da qual o verbo *congelar* faz parte:

(34) *mudança de estado opcionalmente volitivos:*

[[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

(CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017)

Como podemos ver, a representação acima é muito parecida com a representação do verbo *congelar* apresentada em (33). O que muda nessa representação é que, ao invés de representar o sentido particular do verbo *congelar*, ela representa o sentido compartilhado por todos os verbos da classe dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos*. Conforme essa estrutura, todos os verbos que pertencem a essa classe (*congelar, quebrar, abrir, fechar, acender, esquentar, etc.*) contêm o sentido de que *alguém (como ou sem volição) ou algo age e causa algo ficar em determinado estado*. Por esse motivo, ao invés de termos a raiz <CONGELADO>, que indica o sentido idiossincrático do verbo *congelar*, temos a raiz <STATE>, que indica que todas as raízes dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos* pertencem à categoria ontológica STATE. Todos os verbos dessa classe compartilham o sentido *tornar-se estado* (PARSONS, 1990), participam da alternância causativo-incoativa, como em *a cozinheira congelou o feijão/o feijão congelou*, aceitam passivização, como em *o feijão foi congelado pela cozinheira*, e podem aparecer com o clítico *se* na forma intransitiva, como em *o feijão se congelou* (CANÇADO; AMARAL, 2010; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017).

As duas estruturas apresentadas até agora representam verbos transitivos que possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, pois descrevem o início, o desenrolar e o resultado final da ação ou causação denotada pelo verbo. Além disso, tais estruturas também nos mostram, a partir do predicado CAUSE, que existe uma relação entre dois subeventos. Outras representações podem ser associadas a verbos intransitivos que possuem o aspecto lexical de atividade e que são compostos por apenas um evento, como a estrutura dos *verbos inergativos de atividade*, como *correr*, proposta por Amaral (2013, p. 60):

²⁵ A classe dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos* é uma das três subdivisões que Cançado, Godoy e Amaral (2017) propõem para os verbos de mudança de estado: verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos (*A criança/O vento forte quebrou o copo*), verbos de mudança de estado não-volitivos (*As amigas do Pedro preocupam a Maria*) e verbos de mudança de estado incoativos (*O mamão amadureceu*).

(35) *inergativos de atividade* (p.ex. *correr*):

[X DO <EVENT>]

Em (35) temos a representação da classe dos *verbos inergativos de atividade*. Os verbos dessa classe possuem o sentido de *alguém faz/realiza um evento* (AMARAL; 2013; AMARAL; CANÇADO, 2015). Como podemos perceber, a estrutura em (35) é menos complexa que a estrutura dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos*. Para verbos como *correr* utiliza-se o predicado primitivo DO, que é um predicado que exige dois argumentos para ter o seu sentido saturado. Os argumentos que saturam o sentido desse predicado são a variável X, que representa o agente da ação, e a raiz do verbo, que pertence à categoria ontológica EVENT. No caso da representação do verbo *correr* em particular, [X DO <CORRIDA>] (AMARAL, 2013, p. 61), a raiz do verbo é preenchida pelo seu sentido específico. Note que na representação dos verbos *inergativos de atividade*, a raiz está funcionando como um argumento e não como um predicado, como ocorre na representação dos *verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos*.

Há ainda estruturas em que a raiz funciona como um modificador, como é o caso da estrutura dos *verbos de maneira de agir*, elaborada primeiramente por Pinker (2013 [1989]) e reformulada por Levin e Rappaport Hovav (2005) e Grimshaw (2005):

(36) *maneira de agir* (p. ex. *escrever*):

[X ACT <MANNER>]

Em (36) temos a representação da classe dos *verbos de maneira de agir*. Os verbos dessa classe possuem o sentido de *alguém age de determinada maneira*. A estrutura desses verbos é composta pelo predicado primitivo ACT, que exige apenas um argumento para ter o seu sentido saturado. O argumento que completa o sentido desse predicado é a variável X, que representa o agente da atividade descrita por esses verbos. Esse predicado é modificado por uma raiz de categoria ontológica MANNER. No caso da representação do verbo *escrever* em particular, [X ACT <ESCRITA>], a raiz desse verbo é preenchida pelo seu sentido específico que é ESCRITA, que pertence à categoria ontológica MANNER e representa a maneira pela qual alguém age, escrevendo. Além dos predicados primitivos e dos argumentos, as representações em predicados primitivos também são compostas por modificadores que alteram o sentido dos predicados. Conforme Cançado e Amaral (2016), os modificadores também podem ser de

mais de um tipo. Eles podem ocorrer como a raiz de um verbo, como é o caso da raiz <MANNER>, que funciona como modificador na estrutura apresentada em (35), ou também podem funcionar apenas como um atribuidor de propriedades, como é o caso da propriedade VOLITION, que atua como um modificador no constituinte semântico [X ACT_(VOLITION)] das estruturas em (33) e em (34).

A escolha dos predicados primitivos que fazem parte das estruturas em decomposição de predicados é feita a partir da análise do comportamento sintático e semântico dos verbos. As estruturas apresentadas até aqui são apenas alguns exemplos das propostas de representações semânticas por meio da linguagem de decomposição de predicados existentes na literatura. Conforme Rappaport Hovav e Levin (1998), as estruturas semânticas dos verbos e das classes verbais já vêm inseridas na Gramática Universal. Como vimos, as estruturas de cada classe são formadas por meio de arranjos entre predicados primitivos, argumentos e modificadores, que, juntos, representam os conhecimentos que um falante possui acerca dos vários eventos ou situações que a sua língua é capaz de descrever.

Nas representações exibidas em (33), (34), (35) e (36), vimos que existem os predicados primitivos **CAUSE** (DOWTY, 1979; PARSONS, 1990; PUSTEJOVSKY, 1995; WUNDERLICH, 1997, 2012), **BECOME** (McCAWLEY, 1968b; LAKOFF, 1970; DOWTY, 1979, PARSONS, 1990), **DO** (ROSS, 1972; DOWTY, 1979; VAN VALIN, 2005) e **ACT** (DOWTY, 1979; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; WUNDERLICH, 2012). Contudo, também existem outros tipos de predicados, como **BE** (JACKENDOFF, 1990; PINKER, 2013 [1989]), **STAY** (JACKENDOFF, 1990), **HAVE** (PINKER, 2013 [1989]), **GO** (JACKENDOFF, 1990; PINKER, 2013 [1989]), **MOVE** (JACKENDOFF, 1990), **TO** (JACKENDOFF, 1990), **IN** (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005), **WITH** (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005) e outros. Como vimos, esses predicados primitivos não possuem sentido completo, por isso, precisam ser saturados por um ou mais argumentos.

Com base nessa metalinguagem, pretendemos propor estruturas em predicados primitivos para os verbos de estado do PB e suas respectivas classes, levando em conta as propostas já existentes na literatura. Assumiremos aqui que os verbos de estado são decomponíveis, como aponta Rothmayr (2009), e não básicos ou simples e indecomponíveis, como são apresentados em propostas como as de Dowty (1979) e Rappaport Hovav e Levin (1998). Os predicados específicos para verbos de estado e as propostas feitas para esses itens são apresentadas a seguir.

2.2.3 Predicados primitivos estativos e as representações para verbos de estado

Na seção anterior vimos o funcionamento da linguagem da decomposição de predicados. Vimos também os principais predicados primitivos utilizados por essa linguagem e alguns exemplos de estruturas de verbos que denotam eventos. Assim, nesta seção nos dedicamos exclusivamente a investigar como os estados são tratados dentro da abordagem de decomposição de predicados. Mostramos quais são os predicados primitivos usados para representar os verbos estativos e apresentamos as propostas de representação em decomposição de predicados já existentes na literatura para os verbos de estado.

Contudo, antes disso, precisamos acentuar que não são todos os autores que pertencem a essa abordagem que assumem que os estados são decomponíveis. Dowty (1979), Rappaport Hovav e Levin (1998) e Van Valin (2005), por exemplo, consideram que os estados possuem estruturas simples e que não podem ser decompostos. Conforme Dowty (1979, p. 71):

A ideia é que as diferentes propriedades aspectuais de vários tipos de verbos podem ser explicadas pela postulação de uma única classe homogênea de predicados - predicados estativos - mais três ou quatro operadores sentenciais e conectivos. Os verbos estativos em inglês devem corresponder diretamente a esses predicados estativos em estrutura lógica, enquanto verbos de outras categorias têm estruturas lógicas que consistem em um ou mais predicados estativos embutidos em sentenças complexas formadas com esses conectivos e operadores "aspectuais". Esses operadores e conectivos aspectuais são tratados como constantes lógicas - uma interpretação teórica padrão de modelo deve ser dada para cada um - e os predicados estáticos são constantes não-lógicas.²⁶

Segundo o autor, uma sentença que contém um verbo estativo e um advérbio de tempo como *por x tempo*, como *João amou a Maria por três anos*, pode ser representada a partir da seguinte estrutura lógica:

(37) $(\wedge t: t \in \text{three years}) AT (t, \text{Jonh love Mary})$

(DOWTY, 1979, p. 74)

²⁶ Do original: "The idea is that the different aspectual properties of various kinds of verbs can be explained by postulating a single homogeneous class of predicates - stative predicates - plus three or four sentential operators and connectives. English stative verbs are supposed to correspond directly to these stative predicates in logical structure, while verbs of the other categories have logical structures that consist of one or more stative predicates embedded in complex sentences formed with these "aspectual" connectives and operators. These aspectual operators and connectives are treated as logical constants - a standard model-theoretic interpretation is to be given for each - and the stative predicates are non-logical constants." (DOWTY, 1979, p. 71) (tradução nossa)

Já uma sentença com um verbo de *accomplishment*, como em *João matou o Bill*, pode ser representada a partir da estrutura lógica em (38), enquanto uma sentença como *João pintou uma imagem* pode ser representada por meio da estrutura lógica em (39):

(38) [[*John does something*] CAUSE [BECOME \neg [*Bill is alive*]]]

(39) [[*John paints*] CAUSE [BECOME [*a picture exists*]]]

(DOWTY, 1979, p. 91)

Essas representações refletem a ideia do autor de que os estados são categorias básicas e que os *accomplishments* derivam de estados a partir da ação de operadores como CAUSE e BECOME sobre esses estados.

Rappaport Hovav e Levin (1998, p. 108), por outro lado, propõem as seguintes estruturas de representação para as classes aspectuais de Vendler (1967):

- | | | |
|------|--|---------------------------|
| (40) | [x <STATE>] | (estado) |
| (41) | [x ACT <MANNER>] | (atividade) |
| (42) | [BECOME [x <STATE>]] | (<i>achievement</i>) |
| (43) | [[x ACT <MANNER>] CAUSE [BECOME [y <STATE>]]] | (<i>accomplishment</i>) |
| (44) | [x CAUSE [BECOME [y <STATE>]]] | (<i>accomplishment</i>) |

A estrutura de representação dos verbos de estado em (40), como podemos perceber, corresponde a uma estrutura simples que necessita de apenas um argumento que complete o sentido da raiz <STATE>. A partir dessa estrutura simples são formadas estruturas complexas que representam verbos eventivos, como vemos nas representações dos verbos de *achievement* em (42) e dos verbos de *accomplishment* em (43) e em (44), que contêm a estrutura [x <STATE>]. De acordo com Rothmayr (2009), estudiosos que propõem estruturas como essas para os verbos de estado compartilham do pressuposto de que:

- Os predicados estativos são os menores e mais simples blocos de construção da estrutura de eventos;
- Os verbos estativos têm uma estrutura menos complexa que verbos eventivos;
- Os verbos estativos são muito semelhantes às construções copulares;
- Os verbos estativos contêm apenas um argumento (estrutural) que é o detentor do estado. (ROTHMAYR, 2009, p.27)²⁷

²⁷ Do original: “– Stative predicates are the smallest and simplest building-blocks of event structure. – Stative verbs have a less complex structure than eventive verbs. – Stative verbs are very similar to copular constructions.

Autores como Jackendoff (1983) e Van Valin (2005) propõem estruturas de decomposição de predicados para os estados. No entanto, como veremos a seguir, observa-se que as estruturas propostas por Jackendoff (1983) abarcam basicamente apenas verbos estativos copulares e as estruturas propostas por Van Valin (2005) não demonstram que os estados são de fato decomponíveis.

Segundo Jackendoff (1990), cada um dos constituintes sintáticos de uma sentença pertence a um constituinte conceptual, assim como a sentença como um todo. Sendo assim, em uma sentença como *o livro está sobre a mesa*, o constituinte *o livro* pertence à categoria conceptual [THING], o constituinte *a mesa* pertence à categoria conceptual [PLACE] e a sentença como um todo pertence à categoria conceptual [STATE]. Dentre as categorias conceptuais propostas pelo autor estão [THING], [PLACE], [DIRECTION], [ACTION], [EVENT], [MANNER], [STATE], [PROPERTY], [PATH] e [AMOUNT].

A sentença acima pertence ao campo semântico locacional. De acordo com Jackendoff (1983) existem dois tipos de verbos que indicam locação: verbos estativos que denotam estados e verbos de movimento que denotam eventos. Conforme o autor, os predicados GO, BE e STAY podem ser utilizados para representar tanto os verbos de movimentos quanto os verbos que indicam locação, em estados e eventos. No entanto, para Jackendoff (1983), dentre esses predicados, apenas o predicado BE é essencialmente estativo. Segundo o autor, uma sentença como *a estátua está no parque* é representada pelo predicado BE; uma sentença como *nós movemos a estátua do parque para o zoológico* é representada pelo predicado GO e uma sentença como *nós mantivemos a estátua em seu pedestal* é representada pelo predicado STAY. Para os verbos que indicam locação, Jackendoff (1983) apresenta as seguintes regras especializadas de formação:

- | | | |
|------|--|----------------------------|
| (45) | a. [State BE ([Thing x], [Place y])] | (JACKENDOFF, 1983, p. 172) |
| | b. [State ORIENT ([Thing x], [Path y])] | (JACKENDOFF, 1983, p. 173) |
| | c. [State GO _{EXT} ([Thing x], [Path y])] | (JACKENDOFF, 1983, p. 173) |

“A função BE especifica a localização de objetos em relação a um [PLACE], enquanto ORIENT especifica a sua orientação em relação a um [PATH], e GO_{EXT}, a extensão espacial

Stative verbs contain only a single (structural) argument which is the holder of the state.” (ROTHMAYR, 2009, p.27) (tradução nossa)

de objetos ao longo de uma trajetória.” (RIBEIRO, 2019, p. 22). Conforme Ribeiro (2019), as sentenças abaixo são exemplos das estruturas conceituais apresentadas em (45):

(46) a. Maria está no quarto.

[State BE ([Thing MARIA], [Place IN [Thing QUARTO]])]

b. A seta apontou para o norte.

[State ORIENT ([Thing SETA], [Path TO [Thing NORTE]])]

c. A Estrada vai de Porto Alegre a Curitiba.

[State GO_{Ext} ([Thing ESTRADA], $\left(\begin{array}{l} \text{FROM [Thing PORTO ALEGRE] } \\ \text{Path TO [Thing CURITIBA] } \end{array} \right)$)]

(RIBEIRO, 2019, p.22)

Segundo Jackendoff (1983), os predicados BE e GO, apresentados acima, e o predicado CAUSE também aparecem nos campos abstratos identificacional, temporal, possessional e outros. Como estamos interessados apenas nos estados, abaixo apresentamos exemplos de sentenças que correspondem apenas à categoria [STATE]. Vejamos dois exemplos de sentenças em que o predicado BE aparece nos campos semânticos identificacional e possessional:

(47) Campo identificacional: *Elise é uma pianista.*

[State BE_{Ident} ([Thing Token ELISE],
[Place AT_{Ident} [Thing Type PIANIST]])]

(JACKENDOFF, 1983, p. 194)

(48) Campo possessional: *Beth tem/possui uma boneca /A boneca pertence a Beth.*

[State BE_{Poss} ([DOLL], [Place AT_{Poss} ([BETH]]))]

(JACKENDOFF, 1983, p. 192)

Apesar de Jackendoff (1983) propor representações para verbos que indicam posse, como vimos acima, percebe-se que grande parte dos estativos que Jackendoff (1983) analisa corresponde a sentenças com os verbos copulativos *ser* e *estar*. Van Valin (2005), por outro lado, apresenta propostas de representações que abarcam outros tipos de verbos estativos e não apenas os copulativos. No entanto, na proposta teórica utilizada pelo autor, denominada

Role and Reference Grammar (RRG), apesar de os verbos serem analisados em termos de um sistema de decomposição lexical, os “predicados de estado e de atividade são tomados como básicos e as outras classes são derivadas deles. Os estados são representados como predicados nus, por exemplo, **Know**´(x, y), **dead**´(x)”²⁸ (VAN VALIN, 2005, p. 42). Em outras palavras, para Van Valin (2005), os verbos de estado continuam sendo considerados verbos que possuem estruturas simples ou até mesmo verbos sem nenhuma estrutura.

As representações propostas por Van Valin (2005) são denominadas “estruturas lógicas”. Tais estruturas seguem as convenções da semântica formal, em que “as constantes (que normalmente são predicados) são apresentadas em negrito, seguidas por linhas (´), enquanto os elementos variáveis são apresentados por um tipo de letra normal”²⁹ (VAN VALIN, 2005, p. 45). Por exemplo, nessa abordagem, a estrutura lógica da classe aspectual dos estados é **predicado**´(x) ou (x, y) (VAN, VALIN, 2005, p. 45), enquanto a estrutura lógica da classe aspectual dos *accomplishments* é BECOME **predicado**´(x) ou (x, y), ou BECOME **do**´(x, [**predicado**´(x) ou (x, y)])” (VAN, VALIN, 2005, p. 45).

Vejamos algumas das estruturas lógicas que o autor propõe para os estados:

I. STATE VERBS

A. Single argument

- | | | |
|-----------------------|--------------------|-------------|
| 1. State or condition | broken ´(x) | x = PATIENT |
| 2. Existence | exist ´(x) | x = ENTITY |

B. Two arguments

- | | | |
|---------------------------|-------------------------|----------------------------------|
| 1. Pure location | be-LOC ´(x, y) | x = LOCATION
y = THEME |
| 2. Perception | hear ´(x, y) | x = PERCEIVER
y = STIMULUS |
| 3. Cognition | know ´(x, y) | x = COGNIZER
y = CONTENT |
| 4. Desire | want ´(x, y) | x = WANTER
y = DESIRE |
| 5. Propositional Attitude | consider ´(x, y) | x = JUDGER
y = JUDGMENT |
| 6. Possession | have ´(x, y) | x = POSSESSOR
y = POSSESSED |
| 7. Internal Experience | feel ´(x, y) | x = EXPERIENCER
y = SENSATION |
| 8. Emotion | love ´(x, y) | x = EMOTER |

²⁸ Do original: “state and activity predicates are taken as basic and the other classes are derived from them. States are represented as bare predicates, e.g. **know**´(x, y), **dead**´(x).” (VAN VALIN, 2005, p. 42) (tradução nossa)

²⁹ Do original: “Following the conventions of formal semantics, constants (which are normally predicates) are presented in boldface followed by a prime, whereas variable elements are presented in normal typeface”.(VAN VALIN, 2005, p. 45) (tradução nossa)

9. Attributive	be' (x, [pred'])	y = TARGET x = ATTRIBUTANT y = ATTRIBUTE
10. Identificational	be' (x, [pred'])	x = IDENTIFIED y = IDENTITY
11. Specificational	be' (x, y)	x = VARIABLE y = VALUE
12. Equational	equate' (x, y)	x, y = REFERENT

(VAN VALIN, 2005, p. 55)

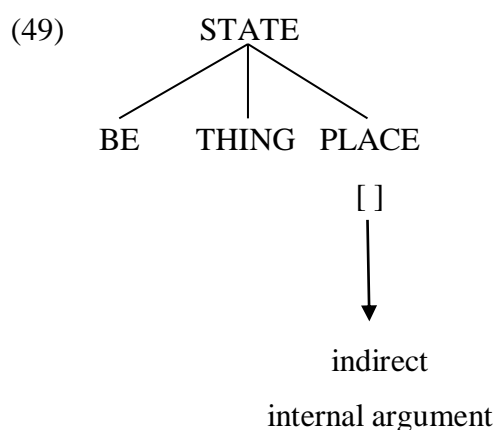
Com base nas representações acima, nota-se que Van Valin (2005) utiliza diversos predicados, como **exist'**, **hear'**, **be-LOC'**, **love'**, **want'**, **be'** etc. No entanto, não parece haver uma decomposição do significado desses predicados já que eles correspondem exatamente aos verbos que estão sendo representados, mesmo o autor afirmando que o predicado **be'** não corresponde ao verbo *be* do inglês. Nota-se que o autor parte do pressuposto de que os verbos estativos são os próprios predicados, tanto que ele afirma que os estados são representados como predicados nus. Assim, as representações acima, apesar de mostrarem a quantidade de argumentos que o predicado exige e apresentarem os papéis temáticos atribuídos a esses argumentos, não decompõem os verbos estativos. Por exemplo, veja que na proposta do autor um verbo como *amar* é representado como **love'** (x, y), em contrapartida, em uma proposta de decomposição lexical, como a realizada pelo VerboWeb, esse mesmo verbo é representado da seguinte maneira: [BE [[X <STATE>] REL Y]] (CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017). Desse modo, como as representações propostas por Van Valin (2005) são formadas por predicados que parecem corresponder aos próprios verbos estativos, não adotamos os predicados propostos pelo autor em nossas análises.

Grosso modo, pode-se dizer que os autores que apresentamos até aqui assumem ou que os verbos de estado são muito semelhantes às construções copulares ou que os verbos de estado não possuem estruturas complexas, como os verbos eventivos, e até mesmo que são básicos e indecomponíveis. Todavia, Dowty (1979), por exemplo, já havia notado que os verbos estativos não se comportam da mesma maneira, uma vez que uns ocorrem com a perífrase de gerúndio e outros não. Dentro dessa mesma linha de raciocínio, autores como Pinker (2013 [1989]) e Rothmayr (2009) assumem que não existe apenas um tipo de estado e propõem representações de decomposição de predicados para alguns verbos de estado.

Pinker (2013 [1989]), por exemplo, propõe o predicado estativo HAVE e, baseado no predicado primitivo estativo BE e nas categorias conceituais ou ontológicas básicas Thing

‘coisa’, State ‘estado’, Place ‘lugar’, Path ‘trajetória’, Property ‘propriedade’ e Amount ‘quantidade’, propostas por Jackendoff (1983), apresenta diversas representações semânticas para os verbos de estado. Já Rothmayr (2009), apoiada na distinção entre estados Davidsonianos e estados Kimianos de Maienborn (2003), argumenta que os predicados estativos não podem ser considerados blocos de construção menores e mais simples da estrutura de eventos. Segundo a autora, também existem estados que são complexos e decomponíveis.

Como vimos nos exemplos em (45), os conceitos semânticos das representações propostas por Jackendoff (1983) são estruturados de maneira linear. Todavia, Pinker (2013 [1989]) sugere que as representações semânticas podem ser dadas por meio de estruturas arbóreas, já que quando os conceitos semânticos se tornam mais complexos, as estruturas lineares passam a ter sequências ilegíveis de parênteses. Desse modo, na proposta de Pinker (2013 [1989]), a estrutura apresentada em (45a) é representada da seguinte maneira:

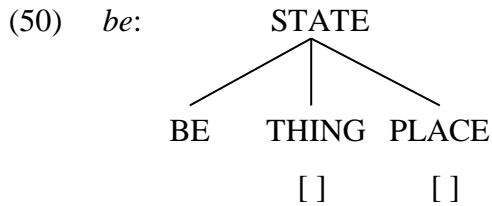


(PINKER, 2013 [1989], p. 209)

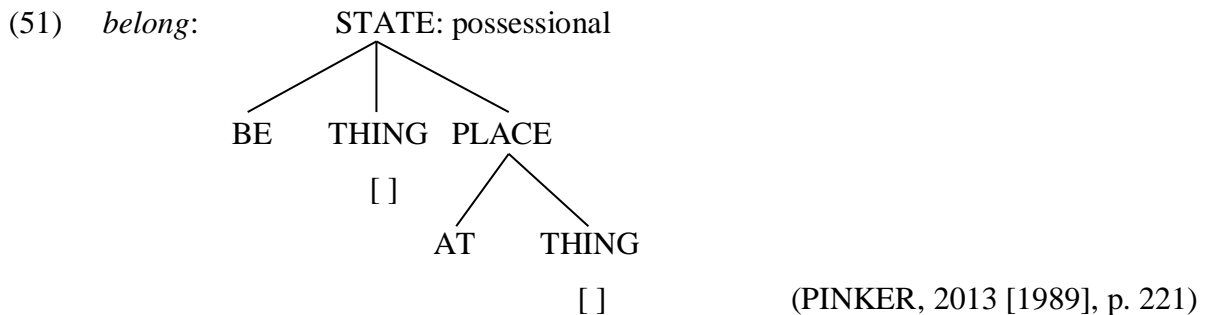
Conforme o autor, representações como essas podem ser interpretadas mais ou menos da mesma maneira que as estruturas arbóreas da Teoria X: “o nó superior indica o tipo de constituinte; o inferior mais à esquerda representa o predicado; os outros, ao lado, representam seus argumentos”³⁰ (PINKER, 2013 [1989], p. 207). No exemplo em (49), portanto, STATE é o nó superior e indica que o tipo de eventualidade é um estado, BE representa o predicado, THING representa o argumento interno direto e PLACE representa o argumento interno indireto. O símbolo “[]”, por sua vez, significa uma variável ou um lugar argumental.

³⁰ Do original: “the mother node indicates the type of constituent; the leftmost daughter stands for the predicate; the other daughters stand for its arguments”. (PINKER, 2013[1989], p. 207) (tradução nossa)

De acordo com Pinker (2013 [1989]), o verbo *be* ‘ser/estar’ é o exemplo prototípico da categoria conceitual dos verbos que expressam estados (STATE) e os estados que indicam que uma coisa está situada em algum lugar são normalmente representados pelo predicado BE. Assim sendo, Pinker (2013 [1989], p. 214) propõe a seguinte estrutura para o verbo *be* ‘ser/estar’:



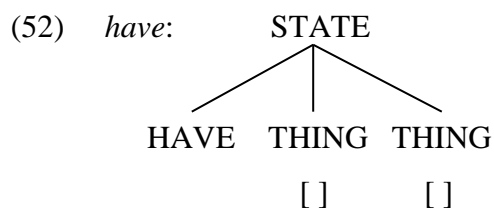
Pinker (2013 [1989], p.220) afirma que no campo da posse proposto por Jackendoff (1983), “temas e objetos de referência devem ser classificados como THING; a noção ‘X estar no local Y’ é interpretada cognitivamente como Y possuindo X”³¹. Desse modo, o autor propõe a seguinte representação para o verbo *belong* ‘pertencer’:



Contudo, Pinker (2013 [1989], p. 221) argumenta que não existe apenas uma maneira de conceitualizar a posse. Segundo o autor, a posse pode ser conceitualizada como uma relação metafórica de localização, a partir do predicado BE, como ocorre em (51), ou também a partir do predicado HAVE proposto por ele. Ou seja, para Pinker (2013 [1989]), a relação estativa de posse pode ser representada tanto pelo predicado primitivo BE quanto pelo predicado primitivo HAVE. Entretanto, apesar de também funcionar no campo possessional, BE é essencialmente definido no campo locacional e o predicado HAVE, apesar de também funcionar no campo locacional, é essencialmente definido no campo possessional.

³¹ Do original: “For example, in the possessional field, themes and reference objects both must be THINGS; the notion of “X being at location Y” is interpreted cognitively as Y possessing X. (PINKER, 2013[1989], p. 220) (tradução nossa)

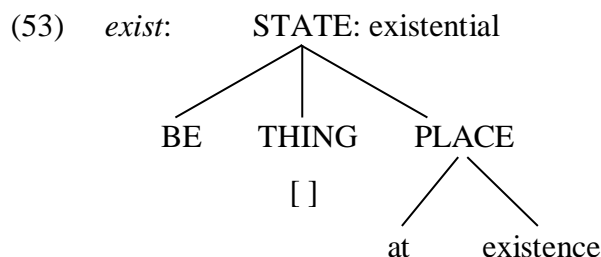
Conforme Pinker (2013 [1989]), os predicados BE e HAVE se distinguem por meio do traço *controle*, já que BE não possui o traço de dinamicidade e nem de controle, enquanto HAVE não possui o traço de dinamicidade, mas possui o traço controle. Para o autor, o estado HAVE é meramente o inverso do estado de BE, uma vez que HAVE trata a localização como o “sujeito lógico”, em substituição de *locatum*. Vejamos a representação que o autor propõe para o verbo *have* ‘ter’:



(PINKER, 2013 [1989], p. 222)

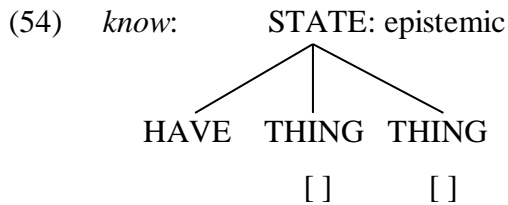
Conforme Pinker (2013 [1989], p. 228), os predicados HAVE e BE são canonicamente categorizados como STATE, no entanto, o primeiro argumento de HAVE é normalmente um humano que controla a posse e o primeiro argumento de BE é normalmente adimensional, sem controle.

Por meio do predicado BE, Pinker (2013 [1989], p. 224) propõe a seguinte representação para o verbo *exist* ‘existir’:

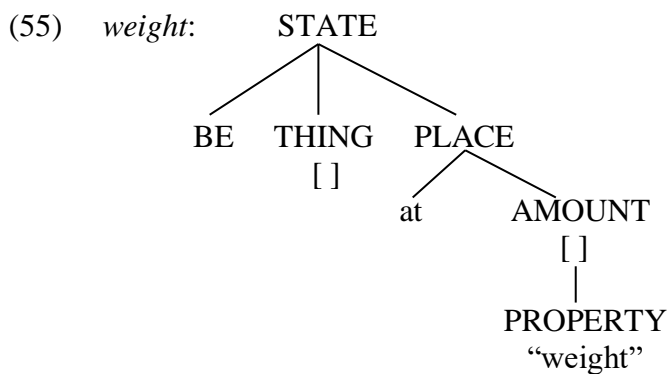


Nessa estrutura, STATE ‘estado’ é a categoria ontológica do verbo *exist* ‘existir’, que pertence ao campo semântico *existential* ‘existencial’; BE é um predicado biargumental que toma THING ‘coisa’, uma variável [], e PLACE ‘lugar’ como argumentos. O autor tem uma visão “localista” da existência, uma vez que, para ele, *existir* é “estar em existência”, e a existência é vista como um lugar (PLACE).

Já por meio do predicado HAVE, Pinker (2013 [1989], p.225) propõe a seguinte representação para o verbo *know* ‘saber’, que pertence ao campo epistêmico:



Por fim, por meio do predicado BE, Pinker (2013 [1989], p. 287) propõe a seguinte representação para o verbo *weight* ‘pesar’, que pertence aos verbos de medida:



Wunderlich (2012), apesar de não propor representações semânticas para os verbos de estado, propõe os predicados estativos POSS e LOC, que posteriormente são adotados por Cançado e Amaral (2016). De acordo com Wunderlich (2012), quando um verbo contém o sentido de lugar, esse sentido pode ser representado na estrutura semântica por meio do predicado LOC, que pode ou não ser instanciado por diversas preposições locativas e que exige dois argumentos para ter o seu sentido saturado. Cançado e Amaral (2016, p. 214), adotam o sentido do predicado LOC proposto por Wunderlich (2012) e assumem, assim como o autor, que “semanticamente o predicado é representado pelo primitivo LOC (locativo), uma ideia mais ampla de lugar, pois o verbo não traz a especificidade desse lugar em sua estrutura”. Ou seja, um verbo não especifica, por exemplo, se algo está *em*, *dentro de*, *atrás de*, *sobre* algo, etc. Por outro lado, de acordo com Wunderlich (2012), quando um verbo contém o sentido de posse, esse sentido pode ser representado na estrutura semântica por meio do predicado POSS, que pode ou não ser instanciado por preposições denotativas de posse, como *com* e *de*, e que também exige dois argumentos para ter o seu sentido saturado. Dessa forma, o predicado POSS também é considerado um predicado amplo que não traz em sua estrutura a especificação da posse. Ou seja, os sentidos específicos das preposições possessivas não aparecem na estrutura semântica dos verbos.

Com base nas propostas de preposições apresentadas até aqui, percebe-se que existem tanto propostas como a de Jackendoff (1983), que utilizam predicados mais específicos, que levam o nome das preposições, como os predicados IN, AT, FROM, TO e outros, quanto propostas como a de Wunderlich (2012), que utilizam predicados mais amplos, como LOC e POSS. Neste trabalho, seguindo o VerboWeb e a versão mais recente do Catálogo de verbos do português brasileiro (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017), optamos por utilizar predicados mais amplos para tirar a relação direta das preposições com a língua e enfatizar as relações semânticas presentes no sentido dos verbos.

Resumidamente, a partir das estruturas que apresentamos podemos dizer que os principais predicados estativos propostos na literatura para decompor o sentido dos verbos de estado são: o predicado BE, proposto por Jackendoff (1983), e o predicado HAVE, proposto por Pinker (2013 [1989]). Vale ressaltar que, além dos predicados BE e HAVE, Van Valin (2005) também utiliza os predicados **exist´**, **be-LOC´**, **hear´**, **know´**, **want´**, **consider´**, **fell´**, **love´** e **equate´**, que, segundo o autor, são predicados (nus). Todavia, como já salientamos, neste trabalho não adotamos os predicados nus propostos por Van Valin (2005), tendo em vista que esses predicados parecem corresponder aos próprios verbos estativos, impossibilitando, portanto, a decomposição do sentido desses verbos.

Além dos predicados apresentados acima, as propostas apresentadas até aqui também utilizam predicados que denotam preposições ou relações semânticas mais amplas, como lugar e posse. Os predicados mais utilizados para representar as preposições presentes nos estados são IN, TO, FROM (JACKENDOFF, 1983), AT (DOWTY, 1979; PINKER, (2013 [1989]) e WITH (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998) e os predicados mais utilizados para representar as relações semânticas mais amplas de lugar e posse são os predicados LOC e POSS (WUNDERLICH, 2012). Como também já realçamos, neste trabalho não adotamos predicados que denotam preposições, pois optamos por utilizar predicados mais amplos para tirar a relação direta das preposições com a língua e enfatizar as relações semânticas presentes no sentido dos verbos.

Por fim, as estruturas semânticas apresentadas nesta seção também são formadas por categorias conceptuais/ontológicas. As categorias conceptuais/ontológicas mais utilizadas para representar os verbos de estado são STATE, THING, PLACE, AMOUNT e PROPERTY. Não obstante, como veremos ao longo da nossa análise, acreditamos que apenas as categorias conceptuais/ontológicas STATE e THING são suficientes para representar o sentido dos verbos de estado do PB estudados nesta pesquisa.

Abaixo, no quadro 1, apresentamos os predicados primitivos estativos encontrados na literatura e com as categorias conceituais/ontológicas mais utilizadas nas representações semânticas dos verbos de estado:

Quadro 1 – Predicados primitivos estativos e categorias ontológicas.

PREDICADOS PRIMITIVOS	PREDICADOS NUS	PREDICADOS PREPOSICIONAIS	CATEGORIAS ONTOLÓGICAS
HAVE	exist'	IN	STATE
BE	be-LOC'	TO	THING
	hear'	FROM	PLACE
	know'	AT	AMOUNT
	want'	WITH	PROPERTY
	consider'	LOC	
	have'	POSS	
	feel'		
	love'		
	be'		
	equate'		

Fonte: elaborado pela autora.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste segundo capítulo, apresentamos, em duas grandes partes, todo o referencial teórico que norteia esta pesquisa. Na primeira parte, esclarecemos melhor a noção de aspecto lexical, diferenciando-a das noções de aspecto gramatical e de aspecto derivado e dando ênfase ao aspecto lexical dos estados, e salientamos que a literatura linguística propõe a existência de diferentes tipos de estados: estados dinâmicos e estados estáticos (BACH, 1986), estados do tipo *Object-level* e estados do tipo *Stage-level* (CARLSON, 1977) e estados Kimianos e estados Davidsonianos (MAIENBORN, 2003). Na segunda parte do capítulo, apresentamos a linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical e, para tanto, explicamos a noção de classe verbal e expomos a abordagem de decomposição de predicados, evidenciando as principais vantagens de se utilizar uma abordagem como essa para representar o significado dos verbos e das classes verbais. Por fim, mostramos como os

estados são vistos dentro da abordagem de decomposição de predicados, realçamos que dentro dessa abordagem existem tanto autores que consideram que os estados são simples e indecomponíveis quanto autores que consideram o contrário e investigamos quais são os predicados primitivos estativos que existem na literatura.

Acreditamos ter apresentado todo o subsídio teórico utilizado nesta pesquisa, portanto, no próximo capítulo, nos dedicamos a analisar os nossos dados.

3. CAPÍTULO 3: CLASSES E REPRESENTAÇÕES

Neste terceiro capítulo, primeiramente discorreremos sobre as propriedades semânticas e sintáticas que todos os verbos de estado que analisamos compartilham e mostramos que essas propriedades, por não distinguirem os verbos de estado entre si, não caracterizam classes verbais. Na sequência, com o objetivo de corroborar a nossa hipótese de que os verbos de estado do PB podem ser divididos em classes verbais distintas no nível *medium-grained*, investigamos quais são as propriedades mais relevantes desses verbos e com isso motivamos a divisão dos verbos de estado do PB em duas grandes classes: “a classe dos verbos de estado inerente” e “a classe dos verbos de estado intermitente”. Por fim, na última seção do capítulo, argumentamos que o sentido dos verbos de estado também é decomponível e propomos representações semânticas em decomposição de predicados para as classes verbais estativas encontradas e para os verbos que as constituem.

3.1 A GRANDE CATEGORIA DOS ESTADOS

Nesta seção, apresentamos brevemente quais são as propriedades semânticas e sintáticas que todos os verbos de estado estudados nesta pesquisa compartilham. É importante ressaltar que as propriedades que apresentamos nesta seção, por estarem presentes em todos os verbos analisados, não distinguem os verbos de estado entre si, logo, não são propriedades definidoras de classes verbais. Inicialmente, podemos elencar duas propriedades compartilhadas por esses verbos, que estão diretamente relacionadas à propriedade de estatividade. São propriedades relativas ao aspecto gramatical. Segundo Lakoff (1966), os estados normalmente não ocorrem no progressivo e não possuem uma leitura habitual quando estão no tempo presente simples. Ou seja, os verbos analisados, por retratarem situações estáticas que não possuem progressão, não podem ter a interpretação imperfectiva contínua

progressiva e nem a interpretação imperfectiva de habitualidade (CANÇADO; AMARAL, 2016). Como mostram os exemplos abaixo, os verbos de estado, quando se combinam com a perífrase de gerúndio, não geram sentenças gramaticais:

- (56)
- a. **Estava havendo* uma capela na cidadezinha.
 - b. *A palavra “*murus*” do latim *estava significando* “*muro*” em português.
 - c. *A justiça não *estava convindo* aos políticos.
 - d. *Igor *estava acreditando* na teoria do Big Bang.
 - e. *A Maria *estava crendo* em Deus.
 - f. *A fala *estava preexistindo* à escrita.
 - g. *O senado Nacional *estava se compondo* de trinta senadores da República.
 - h. *A Paula *estava possuindo* duas casas.
 - i. *O Bruno *estava tendo* dois carros.

No entanto, é preciso ressaltar que, apesar da agramaticalidade das sentenças acima, grande parte dos estados se combina com a perífrase de gerúndio, mas sem gerar uma leitura progressiva. Quer dizer, quando se combinam com a perífrase de gerúndio, os verbos de estado podem ter tanto uma leitura de continuidade quanto uma leitura de mudança de estado.

Por exemplo, abaixo vemos que alguns verbos de estado, quando combinados com a perífrase de gerúndio, geram apenas uma leitura de continuidade³², que pode ser interpretada como o aspecto imperfectivo contínuo não-progressivo (COMRIE, 1976). Veja:

- (57)
- a. Eu fiquei muito decepcionado com informações que eu tive de que *estava existindo* algum tipo de boicote.³³
 - b. A bateria do celular *estava durando* menos de uma hora.
 - c. O litro da gasolina *estava custando* R\$4,00.
 - d. O carro *estava valendo* R\$45.000,00.
 - g. A chuva *estava perdurando* por muito tempo.
 - h. A ignorância *estava coexistindo* com a desinformação.
 - i. O abajur não *estava condizendo* com o restante dos móveis.

³² Vale ressaltar que, para Cançado e Amaral (2016), os estados não atualizam nenhum tipo de aspecto gramatical, nem mesmo a diferença entre perfectivo e imperfectivo (ex: *A Maria teve uma casa* vs. *A Maria tinha uma casa*). Sendo assim, nesse sentido a nossa proposta se difere da proposta das autoras.

³³ Dado disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/03/20/apos-denuncias-de-boicote-na-saude-do-df-ibaneis-exonera-diretor-do-hran.ghtml> (Acesso em 13 de setembro de 2019).

- j. Um dólar *estava equivalendo* a cinco reais.
- k. Os meus horários *estavam coincidindo* com os seus.
- l. A demanda da indústria *estava conflitando* com as reivindicações do setor rural.
- m. A empresa estava *devendo milhões* de reais ao banco.

Os exemplos acima mostram que alguns verbos de estado aceitam a perífrase de gerúndio, mas não a interpretação do aspecto gramatical progressivo. O sentido de continuidade não progressiva ocorre quando as situações descritas pelos verbos são contínuas, isto é, perduram sem interrupção durante um intervalo de tempo, porém não progridem, ou seja, não ocorre um aumento ou um agravamento das situações descritas. Em (57d), por exemplo, temos a interpretação de que, em um determinado período de tempo, o carro estava valendo R\$45.000,00, no entanto, não temos a interpretação de que esse valor progredia ao longo desse período de tempo.

Segundo Comrie (1976), o aspecto gramatical imperfectivo é subdividido entre imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo. O aspecto imperfectivo contínuo, por sua vez, é subdividido entre contínuo progressivo e contínuo não-progressivo. Seguindo essa proposta de subdivisão do imperfectivo, propomos que alguns verbos estativos, como os das sentenças acima, quando combinados com a perífrase de gerúndio, atualizam o aspecto gramatical imperfectivo contínuo não-progressivo. A própria definição de “progressividade” estabelecida por Comrie (1976), como podemos ver abaixo, evidencia que os estativos não se combinam com o progressivo:

Podemos dar a definição geral de progressividade como a combinação de significado progressivo e significado não-estativo. Naturalmente, então, os verbos estativos não têm formas progressivas, pois isso envolveria uma contradição interna entre a estabilidade do verbo e a não-estatividade essencial para o progressivo. (COMRIE, 1976, p. 35)³⁴

Além da interpretação de continuidade, alguns verbos de estado, como já haviam observado Cançado e Amaral (2016), quando combinados com a perífrase de gerúndio, também podem passar a ter uma interpretação de mudança de estado, como vemos na sentença abaixo:

³⁴ Do original: “We can give the general definition of progressiveness as the combination of progressive meaning and nonstative meaning. Naturally, then, stative verbs do not have progressive forms, since this would involve an internal contradiction between the stativity of the verb and the nonstativity essential to the progressive.” (COMRIE, 1976, p. 35) (tradução nossa)

- (58) a. O João *está sabendo* a matéria (antes o João não sabia a matéria e agora ele sabe).
b. O Felipe *está precisando* de dinheiro. (antes o Felipe não precisava de dinheiro e agora ele precisa).
c. O paciente *está carecendo* de ajuda. (antes o paciente não carecia de ajuda e agora ele carece).
d. A Lorena *está morando* em São Paulo (antes a Lorena não morava em São Paulo e agora ela mora).
e. O netinho *estava parecendo* com o avô (antes o netinho não parecia com o avô e agora ele parece).
f. O vestido *está cabendo* na noiva (antes o vestido não cabia na noiva e agora ele cabe).

Pode-se verificar que nos exemplos acima há uma mudança de estado para cada exemplo. Por exemplo, *o Felipe passa a precisar de dinheiro* em (58b) e *o vestido passa a caber na noiva* em (58f). Conforme Cançado e Amaral (2016, p.168), quando isso ocorre, “têm-se um primeiro exemplo da alteração de um verbo que, com aspecto básico de estado, adquire uma leitura de *achievement*, seu aspecto derivado, quando marcado para um aspecto gramatical não atualizado em sua forma básica”.

Além disso, como também já haviam observado Cançado e Amaral (2016), os verbos de estado não possuem a interpretação imperfectiva de habitualidade, portanto, nenhum desses verbos se combina com estruturas do tipo *todos os anos* quando estão no presente, veja:

- (59) a. Há uma capela na cidadezinha (**todos os anos*).
b. O João sabe história (**todos os anos*).
c. A palavra “murus” do latim significa “muro” em português (**todos os anos*).
d. O neto lembra o avô (**todos os anos*).
e. A justiça não convém aos políticos (**todos os anos*).
f. Os trabalhadores necessitam de seus direitos (**todos os anos*).
g. Igor acredita na teoria do Big Bang (**todos os anos*).
h. A Lorena mora em São Paulo (**todos os anos*).

Com base nos exemplos mostrados até aqui, podemos dizer que as propriedades relacionadas ao aspecto gramatical apresentadas pelos verbos de estado não definem classes verbais, uma vez que essas propriedades não distinguem esses verbos entre si. Melhor dizendo, o fato de os verbos de estado não gerarem a interpretação do aspecto gramatical contínuo progressivo quando combinados com a perífrase de gerúndio e o fato de os verbos de estado não ocasionarem uma leitura habitual quando combinados com o tempo presente simples não são propriedades que fazem com que esses verbos se dividam em classes verbais distintas, já que todos os verbos analisados apresentam esses mesmos comportamentos.

Em relação à sintaxe, verifica-se que todos os verbos de estado estudados são biargumentais, ou seja, são predicados que exigem dois argumentos para terem o seu sentido saturado, inclusive os inacusativos e os transitivos indiretos. Verbos como *existir* e *haver*, apesar de serem inacusativos, são verbos que apresentam dois argumentos acarretados pelo verbo em sua estrutura semântica, assim como os verbos *ter*, *custar*, *saber*, *significar* e *lembrar*, que são tipicamente transitivos diretos. Verbos como *necessitar*, *acreditar* e *coexistir* também são verbos que apresentam dois argumentos acarretados pelo verbo em sua estrutura semântica, no entanto, o segundo argumento desses verbos é encabeçado por uma preposição na sua estrutura sintática. Como veremos abaixo, conforme Cançado (2005), preposições como essas, que são exigidas pelos verbos, devem ser consideradas como parte inerente desses verbos.

De acordo com Cançado (2005), os verbos transitivos indiretos do PB podem apresentar três tipos distintos de preposição: preposições predicadoras, preposições funcionais ou preposições inerentes. Segundo a autora, as preposições predicadoras são caracterizadas por introduzirem um argumento que não é exigido pelo verbo, como em *a dançarina dançou de salto alto*, em que o verbo *dançar* é intransitivo e a preposição *de* predica o SN *salto alto*, atribuindo-lhe papel temático. As preposições funcionais³⁵, por outro lado, conforme Cançado (2005), são caracterizadas por não serem predicadoras, mas sim por serem atribuidoras de caso e especificadoras do sentido da predicação do verbo. Ou seja, o argumento introduzido por uma preposição funcional recebe o papel temático do verbo e não da preposição que o introduz, como é o caso das preposições *para* e *por* em *a Ana vendeu*

³⁵ Como mostra Godoy (2008b), as preposições funcionais se dividem em três subtipos: (i) preposições funcionais que introduzem o terceiro e o quarto argumentos do verbo, como as preposições *para* e *por* em *a Ana vendeu uma bolsa para a Joana por 150 reais*; (ii) preposições funcionais que marcam o argumento deslocado de um verbo que sofreu alternância de diátese, como a preposição *pelo* em *a porta foi aberta pelo Pedro* e (iii) preposições funcionais que introduzem o(s) argumento(s) de verbos de trajetória, como as preposições *de* e *a* em *o turista foi de Paris a Londres*.

uma bolsa para a Joana por 150 reais. As preposições inerentes, por sua vez, são caracterizadas por não serem predicadoras, por serem fixas, isto é, por não poderem ser trocadas por outras, e por terem uma existência idiossincrática, como a preposição *de* em *as crianças gostam de chocolate*. Conforme Cançado (2005), pode-se dizer que as preposições inerentes estão associadas ao verbo em sua entrada lexical, logo, seriam inerentes a esse. Berg (2005) mostra que o fato de as preposições inerentes não poderem ser trocadas por outras preposições é uma boa maneira de diferenciar as preposições inerentes das preposições predicadoras. Veja:

- (60) a. O menino necessita *de* dinheiro/*O menino necessita *para/com* dinheiro.
b. A Maria acredita *em* Deus/*A Maria acredita *para/de/com* Deus.
c. A ignorância coexiste *com* a informação/*A ignorância coexiste *de/para/em* a informação.

A agramaticalidade das sentenças com preposições alternadas acima evidencia que as preposições contidas nesses verbos são preposições inerentes. Nesta dissertação, da mesma maneira que Bechir (em prep.)³⁶, propomos que os verbos transitivos indiretos que aparecem em nossos dados podem ser agrupados junto com os verbos transitivos diretos. Em vista disso, pode-se dizer que a transitividade também não é uma propriedade que divide os verbos de estados em classes diferentes, dado que todos os verbos de estado estudados são biargumentais.

Por fim, pode-se dizer que grande parte dos verbos de estado analisados não admite uma perspectiva passiva, como mostramos nos exemplos em (61), e nem uma estrutura sintática ergativa, como mostramos nos exemplos em (62), o que já foi mostrado em Moreira (2000):

- (61) a. *Uma capela *foi havida* na/pela cidadezinha.
b. *A matéria *foi sabida* pelo João.
c. *"Muro" em português *foi significado* pela palavra "murus" do latim.
d. *Aos políticos não *foram convidas* a/pela justiça.
e. *Os seus direitos *foram necessitados* pelos trabalhadores.

³⁶ Nessa proposta, a autora desvincula a possibilidade de formação de passiva do tipo lexical do verbo, propondo que vários verbos transitivos indiretos com preposição invisível ao componente sintático podem ser agrupados em classes contendo verbos transitivos diretos.

- f. *A teoria do Big Bang *foi acreditada* por Igor.
- g. *São Paulo *foi morado* pela Lorena.
- h. *A escrita *foi preexistida* pela fala.
- i. *Duas casas *foram tidas* pela Paula.
- j. *Dois carros *foram possuídos* pelo Bruno.
- k. *Deus *foi crido* pela Maria.
- l. *R\$4,00 *foi custado* pelo litro da gasolina.
- m. *R\$45.000,00 *foi valido* pelo carro.
- n. *A desinformação *foi coexistida* pela ignorância.
- o. *Cinco reais *foram equivalidos* a/pelo um dólar.
- p. *As reivindicações do setor rural *foram conflitadas* pela demanda da indústria.
- q. *Milhões de reais *foram devidos* ao banco pela empresa.

- (62)
- a. *Livros *(se) haviam*.
 - b. *A Matéria *(se) soube*.
 - c. *"Muro" *(se) significou*.
 - d. *Aos políticos *(se) convieram*.
 - e. *Os seus direitos *(se) necessitaram*.
 - f. *A teoria do Big Bang *(se) acreditou*.
 - g. *São Paulo *(se) morou*.
 - h. *A escrita *(se) preexistiu*.
 - i. *Duas casas *(se) tiveram*.
 - j. *Dois carros *(se) possuíram*.
 - k. *Deus *(se) creu*.
 - l. *R\$4,00 *(se) custaram*.
 - m. *R\$45.000,00 *(se) valeram*.
 - n. *A desinformação *(se) coexistiu*.
 - o. *Cinco reais *(se) equivaleram*.
 - p. *As reivindicações do setor rural *(se) conflitaram*.
 - q. *Milhões de reais *(se) deveram*.

Embora grande parte dos verbos de estado não aceite a passivização e nem a ergativização, é interessante acentuar que a estatividade não parece bloquear esses processos.

Existem verbos estativos que aceitam essas estruturas. Por exemplo, conforme Cançado (1995), os verbos de estado psicológico, como *temer*, *preocupar*, *acalmar* e *animar*, aceitam a passiva (*O futuro foi temido pelos brasileiros/A mãe foi acalmada pela filha, A festa foi animada pela cantora*) e, conforme a autora, em trabalho mais recente (CANÇADO *et al.*, 2018), outros tipos de verbos de estado psicológico também permitem a ergativização, como em *A mãe se acalmou/preocupou/animou*. Ainda, dentre os verbos analisados nesta pesquisa também é possível encontrar alguns verbos de estado que permitem a passivização. Veja:

- (63)
- a. O senado Nacional *é composto* por trinta senadores da República.
 - b. O limite de tempo *foi excedido* pelo servidor.
 - c. *Foi sabido* que o jovem não tinha carteira de motorista.
 - d. A palestra *foi antecedida* pela fala do reitor da universidade.
 - e. O casarão antigo *foi habitado* pelos moradores de rua.

Com base nessas análises, constatamos que os verbos de estado analisados compartilham as seguintes propriedades semânticas e sintáticas: em relação ao aspecto gramatical, não geram a interpretação progressiva quando estão com a perífrase de gerúndio e nem a interpretação habitual quando estão no tempo presente simples; são biargumentais e geralmente não permitem a passivização e nem a ergativização. Por conseguinte, depreende-se que nenhuma dessas propriedades é capaz de distinguir os verbos de estado entre si e nem de agrupar esses verbos em classes no nível de análise *medium-grained*.

Tendo visto isso, na seção seguinte, como o objetivo de comprovar a nossa hipótese de que os verbos de estado se distribuem em diferentes classes verbais, buscamos mostrar quais são as propriedades semânticas e sintáticas responsáveis por agrupar os verbos estudados em classes verbais distintas.

3.2 CLASSES DE VERBOS DE ESTADO

Como mostramos no decorrer desta dissertação, autores como Carlson (1977), Bach (1986), Pinker (2013 [1989]), Moreira (2000), Maienborn (2003), Rothmayr (2009) e Cunha (2004, 2011) propõem, de diferentes maneiras, que os verbos de estado não constituem uma classe homogênea. No entanto, nenhum desses autores propõe que os estados podem ser divididos em classes verbais distintas no nível *medium-grained*, que, como já vimos,

corresponde a uma classificação em que os verbos são agrupados em classes verbais mais refinadas, que dispõem de muitas informações sobre a semântica e a sintaxe dos verbos.

Na seção anterior mostramos que, apesar de serem importantes e caracterizarem o nosso objeto de estudo, as propriedades relacionadas ao aspecto gramatical, à transitividade, à passivização e à ergativização não são propriedades relevantes gramaticalmente para o nível de análise *medium-grained*, já que todos os verbos de estado do PB têm o mesmo comportamento em relação a essas propriedades. Tendo isso em mente, após analisar mais a fundo o nosso objeto de estudo, argumentamos, baseados em Carlson (1977), que o que divide os verbos de estado do PB em classes do tipo *medium-grained* distintas é o fato de esses predicados caracterizarem propriedades de dois tipos diferentes de entidades: predicados que caracterizam propriedades de indivíduos (predicados de *Individual-level*) e predicados que caracterizam propriedades de estágios (predicados de *Stage-level*).

Como mostraremos ao longo desta seção, os verbos de estado do PB podem ser divididos dessa maneira, porque ser um predicado que caracteriza uma propriedade de indivíduo ou ser um predicado que caracteriza uma propriedade de estágio interfere na maneira em que o verbo se comporta sintaticamente. Ou seja, se um determinado verbo é um predicado que caracteriza uma propriedade de indivíduo, ele apresentará determinados comportamentos sintáticos e se um determinado verbo é um predicado que caracteriza uma propriedade de estágio, ele apresentará outros comportamentos sintáticos. Assim, pode-se dizer que ser um predicado de *Individual-level* ou ser um predicado de *Stage-level* é relevante gramaticalmente do ponto de vista da análise *medium-grained*.

De acordo com Carlson (1977), predicados de *Individual-level*, também chamados de *Object-level*, denotam propriedades permanentes ou estáveis (como *ser inteligente*, *ser alto*, etc.) e predicados de *Stage-level* denotam propriedades transitórias ou temporárias (como *estar feliz*, *estar cansada*, etc.). Na literatura linguística, existe um consenso geral de que os predicados se classificam dessa maneira. Dentro da tradição da gramática gerativa, por exemplo, essa tipologia está inserida no domínio do léxico. Segundo autores como Kratzer (1995) e Chierchia (1995), a divisão entre predicados de *Individual-level* e predicados de *Stage-level* corresponde a características inerentes aos predicados como itens lexicais, ou seja, para esses autores os predicados já vêm do léxico com essas propriedades. Assumindo que os verbos de estado do PB também já trazem essa informação no léxico e que essa é uma propriedade relevante gramaticalmente, propomos que eles podem ser divididos em duas classes semânticas distintas: a classe dos verbos estativos do tipo *Individual-level*, que daqui

para frente chamaremos de “classe de verbos de estado inerente”, e a classe dos verbos estativos do tipo *Stage-level*, que daqui para frente chamaremos de “classe de verbos de estado intermitente”³⁷.

A classe dos verbos de estado inerente denota estados permanentes ou estáveis de seus argumentos, ou podem ser predicados de seus argumentos de forma “atemporal” (FILIP, 1999). A classe dos verbos de estado intermitente, por outro lado, denota estados episódicos e são analisados por Carlson (1977) como aplicados a “fatias espaço-temporais” de indivíduos e não aos indivíduos propriamente (FILIP, 1999). Tendo visto que os verbos de estado do PB se diferem semanticamente, a seguir mostramos como as propriedades semânticas desses verbos interferem em seus comportamentos sintáticos.

Como mostram os exemplos abaixo, verbos de estado intermitente se combinam mais facilmente com advérbios como *provisoriamente* e locuções adverbiais como *às vezes*³⁸ (MAGRI, 2009) do que os verbos de estado inerente. Veja alguns exemplos:

- (64) a. *Provisoriamente/Às vezes* o João tem dois celulares. (estado intermitente)
b. *Provisoriamente/Às vezes* o livro custa R\$70,00. (estado intermitente)
c. *Provisoriamente/Às vezes* o Pedro necessita de dinheiro. (estado intermitente)
d. *Provisoriamente/Às vezes* a Lorena mora em São Paulo. (estado intermitente)
e. **Provisoriamente/Às vezes* a Joana sabe matemática. (estado inerente)
f. **Provisoriamente/Às vezes* a palavra “*murus*” do latim significa “muro” em português. (estado inerente)
g. **Provisoriamente/Às vezes* o ovo preexiste à galinha. (estado inerente)
h. **Provisoriamente/Às vezes* a Maria crê em Deus. (estado inerente)

Além disso, como já havia notado Cunha (2004, 2001), apenas estados de *Stage-Level*, que estamos chamando de estado intermitente, são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc. Veja:

³⁷ Decidimos trocar os nomes “*Individual-level*” e “*Stage-level*” por “estado inerente” e estado “intermitente” para termos uma nomenclatura mais descritiva e condizente com as nomenclaturas das classes que já estão presentes no banco de dados VerboWeb.

³⁸ De acordo com Magri (2009), predicados de *Individual-level* não toleram o advérbio *sometimes* ‘às vezes’. Conforme o autor, uma sentença como *Jonh is sometimes tall* ‘Jonh às vezes é alto’ “parece estranha porque desencadeia a implicatura escalar de que *Jonh is always tall* ‘João é sempre alto’ é falsa, o que não pode ser, dado que a altura é uma propriedade permanente” (MAGRI, 2009, p. 247).

- (65) a. *Sempre que/Todas as vezes que tem dois celulares, o João empresta um para o seu filho.* (estado intermitente)
- b. *Sempre que/Todas as vezes que custa R\$70,00, o livro não vende.* (estado intermitente)
- c. *Sempre que/Todas as vezes que necessita de dinheiro, o Pedro vai ao banco fazer um empréstimo.* (estado intermitente)
- d. *Sempre que/Todas as vezes que mora em São Paulo, a Lorena corre no parque Ibirapuera.* (estado intermitente)
- e. **Sempre que/Todas as vezes que sabe matemática, a Joana resolve continhas.* (estado inerente)
- f. **Sempre que/Todas as vezes que significa “muro” em português, a palavra “murus” do latim é muito utilizada.* (estado inerente)
- g. **Sempre que/Todas as vezes que preexiste à galinha, o ovo quebra mais fácil.* (estado inerente)
- h. **Sempre que/Todas as vezes que crê em Deus, a Maria vai à igreja.* (estado inerente)

Como também já havia notado Cunha (2004, 2011), apenas verbos de estado intermitente se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização, como mostramos abaixo:

- (66) a. *Ontem/No domingo/Na empresa, o João teve dois celulares.* (estado intermitente)
- b. *Ontem/No sábado/Na livraria nova, o livro custou R\$70,00.* (estado intermitente)
- c. *Anteontem/No feriado/No mercado, o Pedro necessitou de dinheiro.* (estado intermitente)
- d. *(?Ontem)/No ano passado, a Lorena morou em São Paulo (no Bairro Bela Vista).* (estado intermitente)
- e. **Ontem/Na segunda/Na escola, a Joana soube matemática.* (estado inerente)
- f. **Ontem/Na sexta/No colégio, a palavra “murus” do latim significou “muro” em português.* (estado inerente)
- g. **Anteontem/No domingo/No galinheiro, o ovo preexistiu à galinha.* (estado inerente)
- h. **Ontem/Na terça/Na igreja, a Maria creu em Deus.* (estado inerente)

Os comportamentos apresentados acima podem ser utilizados para diferenciar os verbos de estado inerente dos verbos de estado intermitente. Todavia, é importante salientar que um mesmo verbo, como *ter*, pode ser classificado como sendo um verbo de estado inerente em uma sentença como *O João tem olhos claros* e como um verbo de estado intermitente em uma sentença como *O João tem duas casas*. Portanto, apesar de propormos que um determinado verbo é um verbo de estado inerente ou um verbo de estado intermitente, precisamos ter em mente que um determinado verbo pode transitar entre essas duas classes dependendo do tipo de argumento que ele toma.

Como já vimos, autores como Diesing (1992) e Kratzer (1995) argumentam que é possível estabelecer uma relação entre os predicados de *Stage-level* e as eventualidades Davidsonianas, pois esses predicados, ao contrário dos predicados de *Individual-level*, apresentam uma variável evento. Contudo, em nossos dados, não observamos uma relação unívoca entre os predicados de *Stage-level* (estado intermitente) e as eventualidades Davidsonianas e nem entre os predicados de *Individual-level* (estado inerente) e os estados Kimianos. Todavia, essas propriedades não foram analisadas a fundo e, portanto, merecem uma maior investigação em um trabalho futuro.

Finalmente, tendo visto que é possível dividir os verbos de estado em verbos inerentes e verbos intermitentes, a seguir mostramos quais são os verbos estativos que fazem parte de cada uma dessas classes e reforçamos quais são as suas características sintáticas e semânticas.

3.2.1 Verbos de estado inerente

A classe que denominamos de “verbos de estado inerente” é composta por verbos que denotam estados permanentes ou estáveis de seus argumentos, ou podem ser predicados de forma “atemporal” (FILIP, 1999). Fazem parte dessa classe, os seguintes verbos: *existir*, *haver* (existencial), *ter* (existencial), *abundar*, *caber*, *compor*, *saber*, *entender*, *conhecer*, *denotar*, *significar*, *lembrar* (parecer), *aparentar*, *parecer*, *acreditar*, *crer*, *concernir*, *consistir*, *constar*, *preexistir*, *equivaler*, *corresponder*, *coexistir*, *coincidir*, *condizer*, *conflitar*, *destoar*, *discrepar*, *anteceder*, *preceder* e *chamar*.³⁹

Em uma primeira análise desses dados, verificamos que dentro desse conjunto de verbos existem grupos com diversas semânticas, como: verbos existenciais (*existir*, *coexistir*, *haver*, *ter* (existencial) e *abundar*); verbos epistêmicos (*saber*, *conhecer* e *entender*); verbos

³⁹ A lista completa desses verbos está presente no Apêndice.

de significação (*denotar* e *significar*); verbos de aparência (*parecer*, *lembrar* e *aparentar*); verbos de crença (*crer* e *acreditar*), verbos recíprocos (*coexistir*, *coincidir*, *condizer*, *conflitar*, *destoar*, *discrepar*, *equivaler* e *corresponder*), verbos de ordem (*anteceder*, *preceder*, *preceder*) e outros.⁴⁰ No entanto, como não apresentam um conjunto de propriedades sintáticas em comum, constatamos que nenhum desses grupos de verbos poderia ser classificado como uma classe no nível *medium-grained*. Em contrapartida, em análises seguintes, notamos que todos esses grupos de verbos poderiam ser classificados em uma única classe, já que todos esses verbos expressam propriedades permanentes ou estáveis de seus argumentos e possuem alguns comportamentos sintáticos em comum.

Como vimos na seção anterior, os verbos de estado inerente são caracterizados sintaticamente por não se combinarem com advérbios como *provisoriamente* e nem com locuções adverbiais como *às vezes*, o que exemplificamos em (67); não serem compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc., o que exemplificamos em (68), e por não se combinarem livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização, o que exemplificamos em (69):

- (67) a. **Provisoriamente/Às vezes* a Maria sabe matemática.
b. **Provisoriamente/Às vezes* a palavra “murus” em latim significa “muro” em português.
c. **Provisoriamente/Às vezes* a Tereza crê em Deus.
d. **Provisoriamente/Às vezes* o ovo preexiste à galinha.
e. **Provisoriamente/Às vezes* a bolsa condiz com o restante do look.
f. **Provisoriamente/Às vezes* as cortinas berrantes denotam mau gosto.
- (68) a. **Sempre que/Todas as vezes que* sabe matemática, a Maria resolve continhas.
b. **Sempre que/Todas as vezes que* significa “muro” em português, a palavra “murus” do latim é muito usada.⁴¹
c. **Sempre que/Todas as vezes que* crê em Deus, a Tereza vai à igreja.
d. **Sempre que/Todas as vezes que* preexiste à galinha, o ovo quebra fácil.

⁴⁰ No capítulo 4 mostramos quais desses grupos de verbos podem ser considerados subclasses e quais grupos não podem ser classificados como tal.

⁴¹ O teste com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc. é o mais complicado, pois exige que na sentença subordinada tenha um indivíduo que possa realizar alguma ação e nem todos os verbos estativos permitem isso. De qualquer maneira, como veremos na próxima seção, os verbos de estado intermitente funcionam bem com esse teste, o que evidencia uma diferença entre os verbos de estado inerente e os verbos de estado intermitente.

- e. **Sempre que/Todas as vezes que* condiz com o restante do look, a bolsa escorrega do ombro.
- f. **Sempre que/Todas as vezes que* denotam mau gosto, as cortinas berrantes balançam muito.
- (69) a. **Ontem/No sábado/Na escola*, a Maria soube matemática.
- b. **Anteontem/No domingo/No colégio*, a palavra “murus” em latim significou “muro” em português.
- c. **Ontem/Na sexta/Na igreja*, a Tereza creu em Deus.
- d. **Anteontem/No sábado/Na fazenda*, o ovo preexistiu à galinha.
- e. **Ontem/Na terça/No salão de festas*, a bolsa condisse com o restante do look.
- f. **Ontem/No sábado/Na sala*, as cortinas berrantes denotaram mau gosto.

Como vemos, o que caracteriza esses verbos como uma classe é o fato de todos apresentarem o sentido de estado mais permanente ou estável e de compartilharem as propriedades sintáticas descritas acima. Resumidamente, pode-se dizer que os verbos de estado inerente acarretam o sentido de estados permanentes ou estáveis; não se combinam com advérbios como *provisoriamente* e nem com locuções adverbiais como *às vezes*; não são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc. e não se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização.

3.2.2 Verbos de estado intermitente

A classe que denominamos de “verbos de estado intermitente” é composta por verbos que descrevem estados transitórios ou episódicos de seus argumentos. Fazem parte dessa classe os seguintes verbos: *ter*, *possuir*, *pertencer*, *durar*, *custar*, *valer*, *pesar*, *medir*, *perdurar*, *exceder*, *carecer*, *necessitar*, *precisar*, *depende*, *morar*, *residir*, *habitar*, *viver*, *permanecer*, *convir* e *dever*⁴².

Em uma primeira análise desses dados, verificamos que dentro desse conjunto de verbos existem grupos de verbos com diversas semânticas, como: verbos de posse alienável (*ter*, *possuir* e *pertencer*), verbos de medida (*durar*, *custar*, *valer*, *pesar*, *medir*, *perdurar* e

⁴² A lista completa desses verbos encontra-se no Apêndice.

exceder), verbos de necessidade (*carecer, necessitar, precisar e depender*), verbos locativos (*morar, residir, habitar, viver e permanecer*) e outros.⁴³ Contudo, como não apresentam um conjunto de propriedades sintáticas em comum, constatamos que nenhum desses grupos de verbos poderia ser classificado como uma classe no nível *medium-grained*. Em contrapartida, em análises seguintes, observamos que todos esses grupos de verbos poderiam ser classificados em uma única classe, já que todos esses verbos expressam propriedades transitórias ou episódicas de seus argumentos e manifestam alguns comportamentos sintáticos em comum.

Os verbos de estado intermitente, como já vimos, são caracterizados por se combinarem com advérbios como *provisoriamente* e com locuções adverbiais como *às vezes*, como exemplificado em (70); por serem compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que, todas as vezes que*, etc., como nos exemplos em (71), e por se combinarem livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização, como nos exemplos em (72):

- (70) a. *Provisoriamente/Às vezes* o João tem dois celulares.
b. *Provisoriamente/Às vezes* o livro custa R\$70,00.
c. *Provisoriamente/Às vezes* o Pedro necessita de dinheiro.
d. *Provisoriamente/Às vezes* a Lorena mora em São Paulo.
e. *Provisoriamente/Às vezes* a empresa deve milhões de reais ao banco.
f. *Provisoriamente/Às vezes* o carro vale R\$45.000,00.
g. *Provisoriamente/Às vezes* a Ana precisa de doação de sangue.
- (71) a. *Sempre que/Todas as vezes que* tem dois celulares, o João empresta um para o seu filho.
b. *Sempre que/Todas as vezes que* custa R\$70,00, o livro não vende.
c. *Sempre que/Todas as vezes que* necessita de dinheiro, o Pedro faz um empréstimo no banco.
d. *Sempre que/Todas as vezes que* mora em São Paulo, a Lorena corre no parque Ibirapuera.
e. *Sempre que/Todas as vezes que* deve milhões de reais ao banco, a empresa quebra.
f. *Sempre que/Todas as vezes que* vale R\$45.000,00, o carro vende fácil.

⁴³ No capítulo 4 mostramos quais desses grupos de verbos podem ser considerados subclasses e quais grupos não podem ser classificados como tal.

g. *Sempre que/Todas as vezes que precisa* de doação de sangue, a Ana avisa seus familiares.

- (72) a. *Anteontem/No sábado/Na empresa*, o João teve dois celulares.
b. *Ontem/No sábado/Na livraria nova*, o livro custou R\$70,00.
c. *Ontem/No domingo/No mercado*, o Pedro necessitou de dinheiro.
d. (*?Ontem*)/*No ano passado*, a Lorena morou em São Paulo (*no bairro Bela Vista*).
e. *Anteontem/No sábado/No chile*, a empresa deveu milhões de reais ao banco.
f. *Ontem/Na terça/Na concessionária*, o carro valeu R\$45.000,00.
g. *Ontem/Na segunda/No hospital*, a Ana precisou de doação de sangue.

Como vemos, o que caracteriza esses verbos como uma classe é o fato de todos apresentarem o sentido de estados transitórios ou episódicos e de compartilharem as propriedades sintáticas descritas acima. Resumidamente, pode-se dizer que os verbos de estado intermitente acarretam o sentido de estados transitórios ou episódicos; se combinam com advérbios como *provisoriamente* e com locuções adverbiais como *às vezes*; são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc. e se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização.

Tendo apresentado as propriedades semânticas e sintáticas dos verbos de estado inerente e dos verbos de estado intermitente, na próxima seção propomos representações semânticas em decomposição de predicados para essas classes e para os verbos pertencentes a elas.

3.3 REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA EM DECOMPOSIÇÃO DE PREDICADOS

Apoiados em autores como Pinker (2013 [1989]), Rothmayr (2009) e Caçado, Amaral e Meirelles (2017), assumimos que os verbos de estado, assim como os verbos eventivos, também são decomponíveis. Ou seja, como veremos a seguir, pode-se dizer que os verbos que denotam estados, da mesma maneira que os verbos que denotam ações e processos, também são compostos por elementos semânticos menores que são composicionais. As paráfrases são um método muito utilizado dentro da abordagem de decomposição de predicados para evidenciar que os verbos não são itens semanticamente

atômicos. É possível, por exemplo, mostrar, por meio de paráfrases, que existem componentes de sentido recorrentes em cada uma das classes de verbos propostas acima. Como exemplificamos abaixo, os verbos que pertencem à classe dos verbos de estado inerente compartilham o sentido *estar x em algum estado em relação à y*:

- (73)
- a. existir = *estar x em existência em y*.
 - b. coincidir = *estar x em coincidência com y*.
 - c. saber = *estar x em sabedoria em relação a y*.
 - d. conflitar = *estar x em conflito com y*.
 - e. discrepar = *estar x em discrepância com y*.
 - f. preexistir = *estar x em preexistência em relação a y*.
 - g. corresponder = *estar x em correspondência a y*.

Já os verbos que pertencem à classe dos verbos de estado intermitente, como exemplificamos abaixo, compartilham o sentido *x ter algo em relação à y*:

- (74)
- a. possuir = *x ter posse de y*.
 - b. custar = *x ter custo de y*.
 - c. morar = *x ter morada em y*.
 - d. necessitar = *x ter necessidade de y*.
 - e. durar = *x ter duração de y*.
 - f. depender = *x ter dependência de y*.
 - g. valer = *x ter valor de y*.

Com base nessas paráfrases, assumimos, portanto, que os verbos de estado são decomponíveis e se constituem de partes menores de sentido. Assim sendo, precisamos definir quais são os predicados primitivos que melhor representam o sentido presente nesses verbos. De acordo com as representações apresentadas no referencial teórico desta dissertação, pode-se dizer que os predicados estativos mais utilizados para representar os estados são BE e HAVE. Como já vimos, conforme Pinker (2013 [1989]), os predicados BE e HAVE se distinguem por meio do traço *controle*, já que BE não possui o traço de dinamicidade e nem de controle, enquanto HAVE não possui o traço de dinamicidade, mas

possui o traço controle ⁴⁴. Para o autor, o predicado BE, apesar de também funcionar no campo possessional, é essencialmente definido no campo locacional, ao passo que o predicado HAVE, apesar de também funcionar no campo locacional, é essencialmente definido no campo possessional.

Acreditamos que é possível representar os sentidos dos verbos de estado partindo desses dois predicados. Como o verbo *ser* é o verbo mais prototípico dos predicados que denotam estados permanentes ou estáveis e é o verbo mais próximo do predicado BE, elegemos BE para representar o sentido dos verbos da classe dos verbos de estado inerente. A partir das paráfrases apresentadas em (73), podemos dizer que esse componente semântico está dentro do sentido dos verbos dessa classe, uma vez que o predicado BE também pode ser parafraseado pelo verbo *estar* no PB. Além disso, com base nas paráfrases em (73), também é possível prever que as raízes dos verbos de estado inerente são classificadas ontologicamente como STATE.

Da mesma maneira, como *ter* é o verbo mais prototípico dos predicados que denotam estados transitórios ou temporários e é o verbo mais próximo do predicado HAVE, elegemos HAVE para representar o sentido dos verbos de estado intermitente. Com base nas paráfrases apresentadas em (74), não há dúvidas de que o componente semântico HAVE compõe o sentido dos verbos dessa classe. Além do mais, com base nas paráfrases em (74), também é possível prever que as raízes dos verbos de estado inerente são classificadas ontologicamente como THING. Vale ressaltar que, nesses casos, a categoria ontológica THING ‘coisa’, também abarca coisas abstratas.

Tendo mostrado que os verbos de estado do PB também são decomponíveis e definido quais são os principais predicados primitivos que podem ser utilizados para representar as classes verbais estativas propostas neste trabalho, a seguir compartilhamos as nossas propostas de representações para cada uma dessas classes, a começar pela classe dos verbos de estado inerente.

⁴⁴ Neste trabalho, diferentemente do que propõe Pinker (2013 [1989]), não assumimos que o predicado HAVE veicula a ideia de controle.

3.3.1 Representação semântica dos verbos de estado inerente

Como mostramos abaixo, a representação semântica dos verbos de estado psicológico, proposta por Cançado, Amaral e Meirelles (2017), também pode ser utilizada para representar o sentido da classe dos verbos de estado inerente ⁴⁵:

(75) *verbos de estado inerente*: [[BE [X <STATE>]] REL Y]

(CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017)

Identifiquemos, pois, o que representam os componentes da linguagem utilizados na construção dessa estrutura. Conforme Pinker (2013 [1989]) e Jackendoff (1990), BE é um predicado biargumental. Contudo, seguindo a proposta do VerboWeb, assumiremos que BE é um predicado monoargumental que toma como argumento a estrutura complexa composta pela raiz <STATE> e seu argumento, a variável X, que representa o indivíduo ou a coisa que está em determinado estado. A proposta de que BE é monoargumental é fundamentada pela análise de Cançado, Godoy e Amaral (2017) para o predicado BECOME. Conforme as autoras, BECOME é monoargumental, tomando também a estrutura [X <STATE>] como argumento. O predicado REL, por sua vez, é um predicado biargumental que toma como argumentos a variável Y e a estrutura complexa [BE [X <STATE>]]. Baseados nas propostas de Wunderlich (2012) e de Cançado e Amaral (2016) para os predicados LOC e POSS, assumimos o predicado REL, já proposto pelo VerboWeb, para introduzir o segundo argumento dos verbos de estado inerente, pois esse predicado retira a associação direta das preposições com a língua e enfatiza a existência de algum tipo de relação semântica entre os argumentos. Como os verbos de estado dessa classe de verbos denotam diversos tipos de relações semânticas, como locação, posse e reciprocidade, o predicado REL deve ser entendido como um predicado que abarca todos esses tipos de relações.

Uma boa paráfrase para a estrutura em (75) é:

(76) X está em determinado estado em relação à Y.

Abaixo apresentamos as representações de alguns verbos que pertencem a essa classe:

⁴⁵ Não nos aprofundamos nessa discussão, mas é bem provável que os verbos de estado psicológico também pertençam à classe dos verbos de estado inerente, já que eles apresentam a mesma estrutura em decomposição de predicados.

- (77) a. *existir*: [[BE [X <EXISTÊNCIA>]] REL Y]
 b. *abundar*: [[BE [X <ABUNDÂNCIA>]] REL Y]
 c. *saber*: [[BE [X <SABEDORIA>]] REL Y]
 d. *denotar*: [[BE [X <DENOTAÇÃO>]] REL Y]
 e. *significar*: [[BE [X <SIGNIFICAÇÃO>]] REL Y]
 f. *aparentar*: [[BE [X <APARÊNCIA>]] REL Y]
 g. *crer*: [[BE [X <CRENÇA>]] REL Y]
 h. *preexistir*: [[BE [X <PREEXISTÊNCIA>]] REL Y]
 i. *equivaler*: [[BE [X <EQUIVALÊNCIA>]] REL Y]
 j. *corresponder*: [[BE [X <CORRESPONDÊNCIA>]] REL Y]
 k. *coexistir*: [[BE [X <COEXISTÊNCIA>]] REL Y]
 l. *coincidir*: [[BE [X <COINCIDÊNCIA>]] REL Y]
 m. *discrepar*: [[BE [X <DISCREPÂNCIA>]] REL Y]

A partir da estrutura [[BE [X <STATE>]] REL Y], mais especificamente pelo predicado BE, pode-se prever que os verbos de estado inerente possuem o aspecto lexical de estado. Também podemos antever, por meio das variáveis X e Y, que esses verbos possuem dois argumentos. Ainda, o fato de X não representar uma causa e nem um agente, mas sim um Objeto Estativo, pode ser derivado do sentido do predicado BE, que, como já vimos no referencial teórico, não possui os traços de dinamicidade e nem controle, e também pelo sentido da categoria ontológica STATE.

Tendo visto a proposta de representação dos verbos de estado inerente, passemos agora para a proposta de representação dos verbos de estado intermitente.

3.3.2 Representação semântica dos verbos de estado intermitente

Inspirados nos trabalhos de Cançado (2012) e de Bechir (2016), propomos que o sentido dos verbos de estado intermitente pode ser representado da seguinte maneira:

- (78) *verbos de estado intermitente*: [[X HAVE <THING>] REL Y]

Identifiquemos, pois, o que representam os componentes da linguagem utilizados na construção dessa estrutura. Conforme Pinker (2013 [1989]), HAVE é um predicado biargumental, portanto, na estrutura acima esse predicado possui dois argumentos que o saturam: a variável X, que representa o sujeito desses verbos, e a raiz <THING>, que traz a categoria ontológica da classe. Nessa estrutura, a categoria ontológica THING deve ser compreendida de maneira ampla, de modo que também abarque “coisas” abstratas. Por sua vez, o predicado REL, como já vimos, também é um predicado biargumental, portanto, na estrutura acima ele toma como argumentos a variável Y, que representa o complemento dos verbos, e a estrutura complexa [X HAVE <THING>]. Tal predicado, como também já vimos, deve ser entendido como um predicado que engloba diversos tipos de relações semânticas, como locação, posse e reciprocidade.

Uma boa paráfrase para a estrutura em (78) é:

(79) X tem algo em relação à Y.

Abaixo apresentamos as representações de alguns verbos que pertencem a essa classe:

- (80) a. *possuir*: [[X HAVE <POSSE>] REL Y]
 b. *durar*: [[X HAVE <DURAÇÃO>] REL Y]
 c. *custar*: [[X HAVE <CUSTO>] REL Y]
 d. *valer*: [[X HAVE <VALOR>] REL Y]
 e. *pesar*: [[X HAVE <PESO>] REL Y]
 f. *medir*: [[X HAVE <MEDIDA>] REL Y]
 g. *perdurar*: [[X HAVE <PERDURAÇÃO>] REL Y]
 h. *exceder*: [[X HAVE <EXCESSO>] REL Y]
 i. *carecer*: [[X HAVE <CARÊNCIA>] REL Y]
 j. *necessitar*: [[X HAVE <NECESSIDADE>] REL Y]
 k. *depende*: [[X HAVE <DEPENDÊNCIA>] REL Y]
 l. *morar*: [[X HAVE <MORADA>] REL Y]
 m. *residir*: [[X HAVE <RESIDÊNCIA>] REL Y]
 n. *habitar*: [[X HAVE <HABITAÇÃO>] REL Y]

A partir da estrutura [[X HAVE <THING>] REL Y], mais especificamente pelo predicado HAVE, pode-se prever que os verbos de estado intermitente possuem o aspecto lexical de estado. Também podemos prever, por meio das variáveis X e Y, que esses verbos possuem dois argumentos. Ainda, o fato de X não representar uma causa e nem um agente pode ser derivado do sentido do predicado HAVE, que, como já vimos no referencial teórico, não possui o traço de dinamicidade.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste terceiro capítulo, nos dedicamos a analisar os verbos de estado que constituem o nosso objeto de estudo. Na primeira seção, apontamos as propriedades semânticas e sintáticas que todos esses verbos compartilham e mostramos que essas propriedades não caracterizam classes verbais, já que elas não distinguem os verbos de estado entre si. Na segunda seção do capítulo, mostramos que o que divide os verbos de estado do PB em classes no nível *medium-grained* de análise é o fato de esses predicados serem predicados que caracterizam propriedades de indivíduos (predicados de *Individual-level*) ou predicados que caracterizam propriedades de estágios (predicados de *Stage-level*) (CARLSON, 1977). Ou seja, esclarecemos que é possível, baseados na proposta de Carlson (1977), dividir os verbos de estado do PB analisados em duas classes distintas: a classe dos verbos de estado inerente e a classe dos verbos de estado intermitente. Na sequência, dentro dessa mesma seção, nos aprofundamos na análise de cada uma dessas classes. Finalmente, na última seção do capítulo, argumentamos que o sentido dos verbos de estado também é decomponível e propomos representações semânticas em decomposição de predicados para as classes acima.

Tendo visto as propriedades gerais dos verbos de estado do PB analisados e mostrado que esses verbos podem ser divididos em duas classes verbais distintas, no capítulo seguinte demonstramos que essas classes apresentam subclasses, no nível *fine-grained* de análise, e exibem outros grupos de verbos que não são caracterizados como subclasses.

4. CAPÍTULO 4: SUBCLASSES

Neste quarto capítulo, primeiramente, mostramos que as classes apresentadas no capítulo anterior podem ser subdivididas em subclasses mais restritas, no nível *fine-grained* de análise, em que os verbos compartilham apenas algumas informações sobre determinados

sentidos muito particulares. Como mostramos ao longo deste capítulo, os sentidos mais restritos dos verbos de estado do PB que parecem ter alguma relevância para a gramática são os sentidos de existência, de reciprocidade, de locação e de medida. Na sequência, após descrever cada uma das subclasses encontradas, esclarecemos que as classes dos verbos de estado do PB também se constituem de outros grupos semânticos de verbos, como os verbos de posse, verbos de necessidade, verbos epistêmicos, etc. No entanto, como esses grupos de verbos não apresentam propriedades semânticas relevantes gramaticalmente para o nível de análise *fine-grained*, eles não são classificados como subclasses.

4.1 SUBCLASSES DE VERBOS DE ESTADO INERENTE

Nesta seção, nos dedicamos a descrever as subclasses de verbos que fazem parte da classe dos verbos de estado inerente, a saber: a subclasse dos verbos existenciais e a subclasse dos verbos recíprocos. Como mostramos a seguir, os verbos que fazem parte dessas subclasses, além das informações semânticas e sintáticas da classe da qual fazem parte, também partilham informações sobre sentidos particulares da subclasse.

4.1.1 Verbos existenciais

A subclasse que denominamos descritivamente de “verbos existenciais” é composta por verbos como *existir*, *haver*, *ter* (existencial) e *abundar*. Esses verbos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado inerente, também trazem, como parte de seu sentido mais particular, um componente semântico de existência. Tais verbos podem ser do tipo que apenas afirmam ou negam a existência de algo, como é o caso do verbo *existir*, ou do tipo que afirmam a existência de algo e também indicam que essa existência se dá em grande quantidade, como é o caso do verbo *abundar*. Em termos sintáticos, os verbos existenciais “são os verbos que ocorrem em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por um sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial” (SILVA, 1996, p. 186).

Vejamos alguns exemplos de sentenças com esses verbos:

- (81) a. *Existem* carros na garagem.
b. *Há* uma lagoa na cidade.

- c. *Tem* estrelas no céu.
- d. *Abundam* aves na ilha.

Um assunto muito discutido na literatura sobre as sentenças existenciais é o chamado “efeito de definitude”. Sentenças existenciais como as que apresentamos acima parecem possuir uma forte restrição em relação à presença de sintagmas nominais precedidos por determinantes fortes, já que esses determinantes desencadeiam pressuposições de existência e seriam incompatíveis com um contexto em que o item introduzido por eles passa a existir. Na literatura sobre o efeito de definitude, entende-se por determinantes fortes tanto os artigos definidos (*o, a, os e as*), quanto os pronomes possessivos (*meu(s), teu(s), seu(s), nosso(s)*, etc.), os pronomes demonstrativos (*este(s), isto, aquele(s)*, etc.) e os quantificadores fortes (*todo, todos os, cada, a maioria de*, etc.) (VIOTTI, 2002). Heim e Kratzer (1998), seguindo Milsark (1974), definem “determinantes fortes” como sendo os determinantes que são barrados pelas sentenças existenciais (*there sentences* do inglês), como *todos, não todos, a maioria de, ambos, nenhum dos dois*, etc. As autoras definem “determinantes fracos” como sendo os determinantes que podem ocorrer em sentenças existenciais, como o operador de negação *não*, os numerais, como *um, dois, cinco*, etc., os advérbios *poucos, muitos*, os artigos indefinidos, etc. Sendo assim, como já mostraram autores como Milsark (1974, 1977) e Barwise e Cooper (1981), sentenças como as que apresentamos abaixo são agramaticais:

- (82)
- a. *Havia/Existia/Tinha *a capela* no vilarejo.
 - b. *Havia/Existia/Tinha *nossa* professora na escola.
 - c. *Havia/Existia/Tinha *Maria* no escritório.
 - d. *Havia/Existia/Tinha *ela* no escritório.
 - e. *Havia/Existia/Tinha *toda* pessoa no escritório.
 - f. *Havia/Existia/Tinha *a maioria das* pessoas no escritório.
 - g. *Havia/Existia/Tinha *ambas as* pessoas no escritório.

Ao passo que as sentenças que apresentamos a seguir são gramaticais:

- (83)
- a. Havia/Existia/Tinha *uma capela* no vilarejo.
 - b. Havia/Existiam/Tinha *uma* professora na escola.
 - c. Havia/Existiam/Tinham *poucas* pessoas no escritório.

d. Havia/Existiam/Tinham *cinco pessoas* no escritório.

b. Havia/Existiam/Tinham *várias pessoas* no escritório.

Segundo Milsark (1974, 1977) e Enç (1991) *apud* Viotti (2002, p.136), a função semântico-pragmática das sentenças existenciais “é predicar ou asseverar a existência de uma entidade ou estado-de-coisas”.⁴⁶ Como essas sentenças introduzem um elemento novo no discurso e possuem o objetivo de assegurar a existência desse elemento, elas tendem a não se combinar com determinantes fortes, já que esses desencadeiam uma pressuposição de existência. Conforme Hawkins (1978) *apud* Viotti (2002, p. 130), “o artigo definido é usado como uma instrução para que o ouvinte localize o referente de um sintagma nominal definido em um conjunto de conhecimento compartilhado”. Ou seja, um falante utiliza um artigo definido quando está se referindo a algo que já foi dito no discurso e utiliza um artigo indefinido quando está se referindo a algo que ainda não foi dito e que é novo no discurso.

Como vimos, autores como Milsark (1974, 1977) e Enç (1991) afirmam que a função das sentenças existenciais é assertar a existência de alguma entidade. Isto é, quando um falante diz uma sentença como *tem/existe/há uma capela no vilarejo*, ele está introduzindo uma nova afirmação sobre a existência dessa capela. Por esse motivo, as sentenças existenciais possuem maior restrição de se combinarem com determinantes fortes, que pressupõem a existência de algo/alguém e são incompatíveis, portanto, com um contexto em que essa existência não é pressuposta, mas assertada, dita. O mesmo não acontece nas sentenças em (83), porque tais sentenças estão combinadas com determinantes fracos que, de acordo com Heim e Kratzer (1998), são aqueles que, ao contrário dos determinantes fortes, não desencadeiam a pressuposição de existência em qualquer contexto. Assim sendo, essa restrição é capaz de mostrar que os verbos existenciais realmente possuem um componente semântico de existência em seu sentido.

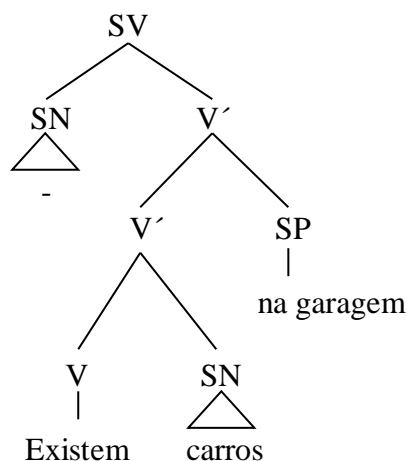
Em relação à sintaxe, Duarte (2003) propõe que os verbos de existência do PE são verbos inacusativos. A autora sugere que os verbos de existência do PE podem ser subdivididos em: verbos existenciais (*constar, existir, perdurar*), existenciais locativos (*morar, residir, viver*) e verbos que denotam ausência ou carência (*escassear, faltar*). Segundo a autora, apesar de esses verbos não serem prototipicamente inacusativos, eles

⁴⁶ Viotti (2002, p. 137) assume que “a função pragmática das sentenças existenciais vai além da introdução de um novo referente no discurso”. Por isso, a autora defende em seu trabalho que descrições definidas em posição pós-verbal podem ocorrer em sentenças existenciais. Não entraremos em detalhes aqui, já que nosso objetivo não é analisar os determinantes fracos e fortes, mas mostrar, a partir deles, a semântica existencial nos verbos de estado. Remetemos o leitor interessado a Viotti (2002).

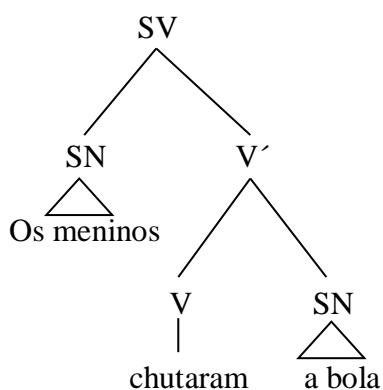
compartilham uma quantidade suficiente de propriedades que permite classificá-los como inacusativos: tais verbos geralmente não admitem nominalizações em *-or* (**existidor*); não aceitam muito bem objetos cognatos (**Os preconceituosos existem uma existência infeliz*) e em contextos neutros aceitam nomes simples como sujeitos pós-verbais (*Existem dúvidas*). Ainda segundo Duarte (2003), os verbos de existência possuem a particularidade sintática de possuírem um constituinte locativo que faz parte da eventualidade descrita por esses verbos.

Desta forma, baseados em Duarte (2003), propomos que os verbos existenciais do PB também são inacusativos. Conforme Duarte (2003, p.509), “os verbos inacusativos não atribuem caso acusativo ao seu argumento interno direto e não atribuem papel temático externo à posição de sujeito”. Vejamos as árvores sintáticas das sentenças a seguir:

(84) Existem carros na garagem:



(85) Os meninos chutaram a bola:



No exemplo em (85) temos a representação em árvore de análise sintática da sentença *Os meninos chutaram a bola*, que contém o verbo transitivo *chutar*. Nessa sentença a posição

de especificador SV está ocupada pelo argumento externo *os meninos*, que recebe o caso nominativo e o papel temático de agente, enquanto a posição de argumento interno está ocupada pelo SN *a bola*, que recebe o caso acusativo e o papel temático de paciente. No exemplo em (84), temos a representação em árvore de análise sintática da sentença *Existem carros na garagem*. Como podemos ver, a posição de especificador de SV não está preenchida por nenhum argumento, pois o verbo inacusativo *existir* não seleciona argumento externo e o SN argumento interno não recebe caso acusativo, corroborando assim a Generalização de Burzio (BURZIO, 1986), que diz que um verbo atribui caso acusativo ao seu objeto se e somente se atribuir papel temático externo. Ainda, percebe-se que os verbos existenciais do PB possuem dois argumentos internos, um direto e um indireto. O argumento interno direto *carros* recebe o papel temático de Objeto estativo e o argumento interno indireto *na garagem* recebe o papel temático de Locativo.

Como podemos ver abaixo, os verbos existenciais aceitam mais facilmente o argumento não locativo na posição de objeto do que na posição de sujeito:

(86) a. ??*Carros* existem na garagem.

b. Existem *carros* na garagem.

(87) a. ??*Uma lagoa* há na cidade.

b. Há *uma lagoa* na cidade.

(88) a. ??*Estrelas* têm no céu.

b. Tem *estrelas* no céu.

Os exemplos acima, portanto, contribuem para a ideia de que os verbos existenciais são inacusativos. Como vimos anteriormente, os verbos existenciais possuem dois argumentos internos: um argumento direto e um argumento indireto locativo. No entanto, como podemos ver nos exemplos a seguir, tais verbos também aceitam apenas um objeto genérico, omitindo o locativo, caso haja uma especificação do argumento interno direto:

(89) a. Existe um buraco na minha rua.

b. Existe um buraco *que me incomoda muito*.

c. *Existe um buraco.

d. Existe um buraco na minha rua que me incomoda muito.

- (90) a. Há pessoas na faculdade.
b. Há pessoas *felizes*.
c. *Há pessoas.
d. Há pessoas felizes na FALE.

A partir das sentenças em (89c) e (90c), podemos notar que quando não há um locativo ou a especificação do argumento nas sentenças, elas se tornam agramaticais, o que mostra que o locativo faz parte do sentido do verbo. Nos exemplos em (89b) e (90b), por outro lado, não temos um argumento locativo e as sentenças são gramaticais. Todavia, apesar de não terem um locativo, essas sentenças não são como as sentenças em (89c) e (90c) porque elas apresentam uma especificação do argumento interno direto (*buraco que me incomodava muito e pessoas felizes*). Quando isso ocorre, temos a interpretação de que o lugar em que a situação ocorre é um lugar genérico, pois quando alguém diz *Há pessoas felizes* ou *Existe um buraco que me incomoda muito*, esse alguém quer dizer que há pessoas felizes no mundo e que existe um buraco, no mundo, que a incomoda muito. Perceba que quando não se quer ter a interpretação de que o lugar é genérico é necessário especificar o lugar, como nas sentenças em (89d) e em (90d).

É possível se pensar que todo verbo tem um locativo, pois toda situação deve ocorrer em um lugar. Contudo, como sugerem Corrêa e Cançado (2006), é necessário distinguir as noções de locativo do evento e locativo do predicador. É fato que todos os eventos ocorrem em um local, no entanto, esse local pode ou não ser lexicalizado como argumento do verbo. Segundo as autoras, o locativo do evento não é exigido pelo verbo, mas sim pelo evento, por isso não aparece na estrutura argumental. O locativo do predicador, em contrapartida, faz parte do sentido do verbo, por isso aparece na estrutura argumental. No primeiro caso, é a preposição que exige um complemento que expresse lugar, que atribui o papel temático de locativo. No segundo caso é o verbo que atribui o papel temático de locativo a um de seus argumentos. Na prática, é muito difícil estabelecer a diferença entre locativo do evento e locativo do predicador, tendo em vista que os dois apontam o lugar em que o evento ocorre. Por esse motivo, Miotto, Silva e Lopes (2013) indicam um teste que mostra o valor argumental do locativo a partir da ambiguidade ou não das sentenças. Veja o teste:

- (91) a. O Pedro disse que *existe* uma capela no vilarejo.
b. A mulher disse que *há* uma lagoa na cidade.

c. A Maria disse que *tem* carros na garagem.

As sentenças acima não são ambíguas, pois os sintagmas *no vilarejo*, *na cidade* e *na garagem* só podem estar relacionados aos verbos *existir*, *haver* e *ter*, já que esses verbos pedem um argumento locativo para ter seu sentido saturado. Ao contrário, o verbo *dizer* não pede um locativo para ter seu sentido saturado. Em contrapartida, as sentenças abaixo são ambíguas, pois possuem locativos que não são exigidos por nenhum dos verbos das sentenças:

- (92) a. A Ana disse que *dança* em São Paulo.
b. O Pedro disse que *corre* na academia.

Como se pode notar, as sentenças acima podem ter duas interpretações: a Ana estava em São Paulo quando ela disse que dança ou a Ana disse que o lugar em que ela dança é São Paulo; o Pedro estava na academia quando disse que corre ou o Pedro disse que o lugar em que ele corre é na academia. Como nenhum dos dois verbos das sentenças, *dizer* e *dançar* e nem *dizer* e *correr*, exigem um complemento locativo para que seu sentido seja saturado, os locativos presentes nas sentenças podem funcionar como adjunto de qualquer um dos verbos das sentenças, ocasionando, assim, a ambiguidade.

Por fim, vimos anteriormente que os verbos existenciais, por serem inacusativos, não aceitam muito bem o argumento direto na posição de sujeito. No entanto, encontramos exemplos em que o verbo *existir* aparece em sentenças intransitivas, com o alçamento do objeto para a posição de sujeito e sem o locativo. Veja:

- (93) a. Deus existe.
b. Unicórnios não existem.
c. *Um unicórnio existe.
d. O unicórnio existe.
- (94) a. *Deus há.
b. *Unicórnios tem.

Foltran (1988), baseada em Givón (1979), sugere que isso ocorre devido ao fato de o verbo *existir*, ao contrário do verbo *haver*, ter passado por todo o processo que a autora chama

de “branqueamento” semântico. *Grosso modo*, esse processo tem a ver com a possibilidade de um verbo, ao longo do tempo, poder possuir traços mais genéricos de “concreto”, “temporal” e “abstrato”, que equivalem, respectivamente a “existir no espaço”, “existir no tempo” e “existir”. Ou seja, parece que com o passar do tempo, o verbo *existir* adquiriu a possibilidade de descrever apenas a existência de algo, sem precisar necessariamente indicar o tempo ou o espaço dessa existência, como ocorre nas sentenças em (93). No entanto, isso não ocorre com outros verbos existenciais, tanto que as sentenças em (94) são agramaticais. Além do mais, os exemplos em (93) nos mostram que, quando esse verbo aparece em sentenças intransitivas, o sujeito precisa ser determinado e denota um conjunto de indivíduos, tanto que a sentença em (93c) é agramatical. Portanto, a nossa hipótese é a de que quando o verbo *existir* aparece em sentenças intransitivas, ele continua sendo inacusativo. Contudo, devido ao processo de “branqueamento”, o locativo pode ser omitido e o argumento interno direto pode ser alçado para a posição de sujeito.

Resumidamente, os verbos que constituem a subclasse dos verbos existenciais, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado inerente, da qual fazem parte, também acarretam o sentido de existência; são inacusativos; possuem uma forte restrição em relação à presença de sintagmas nominais precedidos por determinantes fortes em posição pós-verbal e podem ter o locativo omitido caso haja uma especificação do primeiro argumento interno.

4.1.2 Verbos recíprocos

A subclasse que denominamos descritivamente de “verbos recíprocos” é composta por verbos como *coexistir*, *coincidir*, *condizer*, *conflitar*, *destoar* e *discrepar*. Pode-se dizer que esses verbos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado inerente, também trazem, como parte de seu sentido mais particular, um componente semântico de reciprocidade. Segundo Levin (1993), verbos como *coexist* ‘coexistir’ e *conflict* ‘conflitar’ pertencem à subclasse dos *correspond verbs* ‘verbos de correspondência’, que pertencem à classe dos *verbs of social interaction* ‘verbos de interação social’. Conforme a autora, “os membros desse subconjunto dos verbos de interação social tomam como complemento uma frase acompanhada da preposição ‘com’ quando não tomam um NP coletivo como sujeito”⁴⁷

⁴⁷ Do original: “The members of this subset of the verbs of social interaction take a *with* phrase complement when they do not take a collective NP as subject.” (LEVIN, 1993, p. 201) (tradução nossa)

(LEVIN, 1993, p. 201). Ainda segundo a autora, os verbos de correspondência permitem a *simple reciprocal alternation (intransitive)* ‘alternância recíproca simples (intransitiva)’, que será explicada mais à frente.

Godoy (2008a) realiza um amplo trabalho sobre os verbos recíprocos do PB. Conforme a autora, verbos como *coexistir, condizer, conflitar*, etc. fazem parte de um grande grupo de verbos do PB que são considerados verbos lexicalmente recíprocos. Segundo a autora, “os verbos recíprocos são um conjunto de verbos que representam uma relação sistemática entre um traço do seu significado – a reciprocidade – e uma dupla ocorrência sintática” (GODOY, 2008a, p. 34), isto é, “a reciprocidade é uma propriedade semântica comum aos verbos que alternam sua diátese entre as formas simples e descontínua” (GODOY, 2008a, p. 50). Vale ressaltar que a propriedade semântica de reciprocidade é uma propriedade que permeia diversos tipos de verbos, independentemente do tipo de eventualidade (ação/causação, processo ou estado) denotada pelo verbo. Neste trabalho, analisamos apenas os verbos recíprocos que denotam estados. Em síntese, pode-se dizer que os verbos lexicalmente recíprocos são aqueles que trazem em seu sentido o traço de reciprocidade e ocorrem tanto na forma simples quanto na forma descontínua. Vejamos alguns exemplos em que os verbos de estado recíprocos ocorrem nessas duas formas sintáticas:

- (95) a. *A ignorância e a desinformação coexistem.* (forma simples)
b. *A ignorância coexiste com a desinformação.* (forma descontínua)
- (96) a. *Os dados do aumento do desmatamento e a realidade da Amazônia condizem.*
(forma simples)
b. *Os dados do aumento do desmatamento condizem com a realidade da Amazônia.*
(forma descontínua)
- (97) a. *A demanda da indústria e as reivindicações do setor rural conflitam.* (forma simples)
b. *A demanda da indústria conflita com as reivindicações do setor rural.* (forma descontínua)
- (98) a. *O meu aniversário e o aniversário da minha mãe coincidem.* (forma simples)
b. *O meu aniversário coincide com o aniversário da minha mãe.* (forma descontínua)

De acordo com Godoy (2008a), na forma simples, os participantes do evento recíproco aparecem descritos em apenas um argumento e “o argumento-sujeito na forma simples deve sempre ter uma denotação plural” (GODOY, 2008a, p. 35). Sendo assim, na sentença em (95a), por exemplo, os participantes *a ignorância* e *a desinformação* representam um único argumento que possui uma denotação plural e ocupa a posição sintática de sujeito. Na forma descontínua, por outro lado, os participantes do evento recíproco aparecem descritos em dois argumentos. Nessa forma, um dos participantes ocupa uma posição estrutural na sentença e o outro aparece introduzido por uma preposição e “os participantes denotados podem ser singulares ou plurais nos dois argumentos da forma descontínua” (GODOY, 2008a, p. 35). Portanto, na sentença em (95b), por exemplo, o participante *a ignorância* é um argumento que ocupa a posição estrutural na sentença e *a desinformação* é outro argumento que é introduzido pela preposição *com*.

Godoy (2008a) salienta o fato de que existem outros verbos, como *amar*, *beijar* e *jantar*, que, apesar de não serem lexicalmente recíprocos, também apresentam as formas simples e descontínua. Assim sendo, a autora propõe que o teste de acarretamento entre sentenças pode ser utilizado como ferramenta para diferenciar os verbos lexicalmente recíprocos dos verbos não lexicalmente recíprocos. O acarretamento é uma noção lógica, utilizado no estudo semântico das línguas naturais, que nos permite verificar uma relação entre sentenças. Uma sentença (a) acarreta a sentença (b) se e somente se a informação da sentença (b) está contida na informação da sentença (a) (CANÇADO, 2013). Portanto, segundo Godoy (2008a), um verbo é lexicalmente recíproco se a sua forma simples acarreta sentenças descontínuas. Abaixo evidenciamos, a partir dos acarretamentos, que os verbos que denominamos recíprocos realmente são verbos lexicalmente recíprocos:

- (99) a. A ignorância e a desinformação *coexistem*.
b. ⊢ A ignorância *coexiste com* a desinformação.⁴⁸
c. ⊢ A desinformação *coexiste com* a ignorância.
- (100) a. Os dados do aumento do desmatamento e a realidade da Amazônia *condizem*.
b. ⊢ Os dados do aumento do desmatamento *condizem com* a realidade da Amazônia.
c. ⊢ A realidade da Amazônia *condiz com* os dados do aumento do desmatamento.
- (101) a. A demanda da indústria e as reivindicações do setor rural *conflitam*.
b. ⊢ A demanda da indústria *conflita com* as reivindicações do setor rural.

⁴⁸ Relembrando, o símbolo ⊢ assinala que existe um acarretamento entre as sentenças (CANN, 1993).

- c. \vdash As reivindicações do setor rural *conflitam com* a demanda da indústria.
- (102) a. O meu aniversário e o aniversário da minha mãe *coincidem*.
- b. \vdash O meu aniversário *coincide com* o aniversário da minha mãe.
- c. \vdash O aniversário da minha mãe *coincide com* o meu aniversário.

Godoy (2008a) assume que as construções simples e descontínua não são sinônimas, uma vez que apresentam estruturas argumentais distintas. Conforme Godoy (2008a, p. 55), “os participantes no evento denotado por uma construção simples têm uma mesma função semântica e, no evento denotado por uma construção descontínua, duas funções distintas”. Ou seja, para a autora, por mais que as duas formas estabeleçam referências aos mesmos participantes no mundo, essas duas formas representam descrições de eventos distintos. De acordo com Godoy (2008a), as eventualidades expressas por um verbo recíproco podem ser de dois tipos: simétrica e assimétrica. A forma simples expressa uma reciprocidade simétrica, em que os participantes do evento possuem exatamente a mesma função no evento recíproco no mundo. A forma descontínua, por outro lado, expressa uma reciprocidade assimétrica, em que os participantes do evento possuem funções distintas no evento recíproco no mundo. Logo, conforme a autora, por não serem paráfrases e se tratar de eventualidades distintas, as formas simples e descontínua são consideradas uma alternância de diátese.

De acordo com Godoy (2008a), a alternância simples-descontínua, chamada de alternância recíproca simples (intransitiva) por Levin (1993), é uma alternância que se dá na estrutura argumental dos verbos, fazendo com que o número de argumentos verbais das construções seja variado. Por isso, a autora propõe que cada verbo recíproco possui apenas uma única estrutura argumental. Por exemplo, conforme Godoy (2008a), os verbos de estado recíproco, como *coexistir*, *condizer*, *combinar*, etc., são verbos intransitivos alternantes, que possuem a estrutura sintática [x V (P z)] e a grade temática {Estativo, (E/ponto de referência)}. Ou seja, para a autora, a forma simples, como em *a roupa e o sapato combinam*, é a forma básica desses verbos e a forma descontínua, como em *a roupa combina com o sapato*, seria uma forma derivada, tanto que a preposição (P) e o argumento preposicionado (z) aparecem entre parênteses nas estruturas propostas pela autora, indicando que a presença do argumento Estativo/ponto de referência é opcional.

Vale lembrar que, para Godoy (2008a), a propriedade semântica de reciprocidade é uma propriedade lógica, não temática, que agrupa todos os verbos que possuem essa propriedade em uma mesma classe verbal, independentemente da transitividade do verbo. Em

contrapartida, Cançado, Godoy e Amaral (2017) e Bechir (2016) assumem que a reciprocidade não é uma propriedade semântica que agrupa os verbos em classes em nível *medium-grained*. Para essas autoras, os verbos recíprocos transitivos e intransitivos não podem ser classificados como uma única classe verbal.

Assumindo que os verbos recíprocos não formam uma única classe verbal, Bechir (2016) toma como objeto de estudo apenas os verbos recíprocos intransitivos do PB e conclui que esses verbos podem ser subdivididos entre verbos recíprocos intransitivos que possuem o aspecto lexical de atividade, como *brigar* e *conversar*, e verbos intransitivos que possuem o aspecto lexical de estado, como *coincidir* e *combinar*. Segundo a autora, os verbos recíprocos intransitivos de atividade são inergativos, estritamente agentivos e aceitam um objeto cognato em sua estrutura (ex: *os meninos brigaram uma briga feia*), ao passo que os verbos recíprocos intransitivos de estado são inacusativos, não agentivos e não aceitam um objeto cognato em sua estrutura (ex: **as peças combinam uma combinação perfeita*). Para Bechir (2016), os verbos recíprocos intransitivos de atividade pertencem à mesma classe que os verbos do tipo *correr* (AMARAL; CANÇADO, 2015) e os verbos recíprocos intransitivos de estado estão agrupados em uma classe que contém outros tipos de verbos de estado, como *existir* e *proceder*.

Concordamos com a autora que os verbos recíprocos de atividade e os verbos recíprocos de estado pertencem a classes verbais distintas, contudo, diferentemente da autora, assumimos, baseados em Meirelles (2018), que os verbos recíprocos de estado não são verbos intransitivos. Além disso, também concordamos que os verbos recíprocos de estado estão agrupados na mesma classe que verbos do tipo *existir*, contudo, propomos que esses verbos pertencem a subclasses diferentes, já que os verbos existenciais e os verbos recíprocos apresentam algumas peculiaridades sintáticas distintas. Dentre os verbos de estado analisados, apenas os verbos que pertencem à subclasse que denominamos “verbos recíprocos” permitem a alternância simples-descontínua. Assim sendo, pode-se dizer que, dentro dos verbos de estado, a propriedade de reciprocidade parece ser uma propriedade semântica que agrupa os verbos no nível *fine-grained*. Abaixo mostramos o motivo pelo qual assumimos que os verbos recíprocos não são intransitivos.

Como vimos acima, Godoy (2008a) assume que as formas alternantes – simples/descontínua – não estabelecem uma relação de paráfrase entre si. Contudo, conforme Meirelles (2018), essas formas devem ser consideradas paráfrases, uma vez que a afirmação de uma com a negação da outra gera uma sentença contraditória. Veja:

- (103) a. ⊥ A ignorância e a desinformação *coexistem*, mas a ignorância não *coexiste com* a desinformação.⁴⁹
b. ⊥ A ignorância *coexiste* com a desinformação, mas a ignorância e a desinformação não *coexistem*.

Assim, além de mostrar que as formas simples e descontínua estabelecem uma relação de paráfrase entre si, Meirelles (2018) também demonstra que a alternância simples-descontínua corresponde a um fenômeno distinto do fenômeno da fatoração de argumento verbal. Segundo a autora, é possível se pensar que a alternância que ocorre com os verbos lexicalmente recíprocos se pareça com um caso de fatoração de argumento verbal, já que nessa alternância um mesmo argumento verbal pode aparecer de duas maneiras. No entanto, Meirelles (2018) nota que a fatoração que ocorre com os verbos recíprocos é diferente dos outros tipos de fatoração de argumentos verbais que ela analisa, devido ao fato de na forma descontínua dos verbos recíprocos o argumento preposicionado não poder ser apagado, como mostramos abaixo:

- (104) a. *A ignorância e a desinformação coexistem.*
b. *A ignorância coexiste com a desinformação.*
c. **A ignorância coexiste.*

De acordo com Meirelles (2018), o fato de o argumento preposicionado dos verbos lexicalmente recíprocos não poder ser apagado é uma evidência de que a alternância que ocorre com esses verbos é um fenômeno distinto da fatoração de argumento. Assim sendo, a autora propõe que a alternância simples-descontínua seja um caso de fusão de argumentos verbais, “de modo que a forma básica dos verbos é a que apresenta o PP (geralmente encabeçado pela preposição *com*), enquanto a forma alternada é a que apresenta um argumento com denotação plural” (MEIRELLES, 2018, p. 94). Ou seja, para a autora, os verbos lexicalmente recíprocos são verbos transitivos indiretos que permitem uma forma intransitiva quando seus argumentos se juntam.

⁴⁹ O símbolo ⊥ assinala que existe contradição entre as sentenças (CANN, 1993).

Resumidamente, os verbos que constituem a subclasse dos verbos recíprocos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado inerente, da qual fazem parte, também acarretam o sentido de reciprocidade e aceitam a alternância simples-descontínua.

4.2 SUBCLASSES DE VERBOS DE ESTADO INTERMITENTE

Nesta seção, nos dedicamos a descrever as subclasses de verbos que fazem parte da classe dos verbos de estado intermitente, a saber: a subclasse dos verbos locativos e a subclasse dos verbos de medida. Como mostramos a seguir, os verbos que fazem parte dessas subclasses, além das informações semânticas e sintáticas da classe da qual fazem parte, também partilham informações sobre sentidos particulares da subclasse.

4.2.1 Verbos locativos

A subclasse que denominamos descritivamente de “verbos locativos” é composta por verbos como *morar*, *residir*, *habitar* e *viver* (no sentido de *morar*). Pode-se dizer que esses verbos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado intermitente, também trazem, como parte de seu sentido mais particular, um componente semântico de lugar. Conforme Garcia (2004) *apud* Maculan e Lima (2014, p.194), os verbos locativos “estabelecem uma relação de localização entre os elementos do seu domínio”, podendo indicar uma localização espacial ou uma localização temporal. De acordo com o autor, os verbos locativos podem ser divididos em diversos tipos de verbos, como os posicionais, conjuntivas (ou associativas) e disjuntivas (ou dissociativas), veja:

(1) posicionais: indicam a posição de uma entidade em relação a um lugar ou a outra entidade (ex.: *morar*, *encontrar-se*, *espalhar-se*, *cruzar*, *circundar*, *ladear*, etc.); (2) conjuntivas (ou associativas): indicam a conjunção de duas entidades (ex.: *juntar-se*, *aliar-se*, *vincular-se*, *aproximar-se*, entre outros); (3) disjuntivas (ou dissociativas): indicam a disjunção de duas entidades (ex.: *separar-se*, *apartar-se*, *isolar-se*; *afastar-se*, etc.) (GARCIA, 2004 *apud* MACULAN; LIMA, 2014, p.194)

Nesta pesquisa, abarcamos apenas os verbos locativos posicionais que indicam estados. Conforme Levin (1993), verbos como *live* ‘viver’ e *reside* ‘residir’ pertencem à classe dos *lodge verbs* ‘verbos de alojar/alojamento’. De acordo com Levin (1993, p. 249), “esses verbos são usados para descrever a situação de vida de alguém. No sentido pretendido aqui, eles envolvem controle protagonista. No entanto, alguns desses verbos podem ser

usados como verbos de existência – afirmando pouco mais do que a existência em um local”⁵⁰. Vejamos alguns exemplos de sentenças com verbos locativos de estado:

- (105) a. A Lorena *mora* em São Paulo.
b. A Joana *reside* em Salvador.
c. Lucas *habita* em Santa Catarina.
d. O Diego *vive* em Belo Horizonte.

Os verbos locativos acima, como podemos notar, possuem um constituinte locativo. Esse constituinte locativo é um argumento, já que é exigido pelo verbo. Portanto, podemos dizer que tais verbos pedem dois argumentos para terem seu sentido saturado: um argumento interno e um argumento externo. Não há dúvidas de que o locativo que aparece nas sentenças acima é um locativo do predador e não um locativo do evento e isso pode ser evidenciado a partir do teste de Miotto, Silva e Lopes (2013), observe:

- (106) a. O Pedro disse que a Lorena *mora* em São Paulo.
b. A Karla disse que a Joana *reside* em Salvador.
c. O Paulo disse que o Lucas *habita* em Santa Catarina.
d. O Luan disse que Diego *vive* em Belo Horizonte.

Nota-se que as sentenças acima não são ambíguas, pois os sintagmas *em São Paulo*, *em Salvador*, *em Santa Catarina*, *na sepultura* e *em Belo Horizonte* só podem estar relacionados aos respectivos verbos *morar*, *residir*, *habitar*, *jazer*, e *viver* das orações subordinadas e não ao verbo *dizer* da oração principal.

Como mostram as sentenças acima, o locativo desses verbos aparece encabeçado pela preposição *em*. No entanto, segundo Godoy (2008b), verbos como esses pertencem ao grupo dos “verbos transitivos indiretos com preposição cambiável”, uma vez que permitem a troca de uma preposição por outras que tenham sentido compatível. Isto é, conforme Godoy (2008b, p.53), verbos transitivos indiretos com preposições locativas, como os que estamos analisando, “aceitam diversas preposições, como *em*, *sobre*, *sob*, *entre*, *ao lado*, complexos

⁵⁰ Do original: “These verbs are used to describe one's living situation. In the sense intended here, they involve protagonist control. However, some of these verbs can be used as verbs of existence-asserting little more than existence at a location.” (LEVIN, 1993, p. 249) (tradução nossa)

preposicionais como *em cima de*, *embaixo de*, *atrás de*, e também palavras como *aqui*, *ali* e *lá*". Veja:

- (107) a. A Lorena mora *ao lado* da prefeitura.
b. A Joana reside *em* Salvador.
c. A família habita *embaixo* da ponte.
d. O Diego vive *em cima da* casa de seus pais.

Todavia, como salienta a autora, apesar de aceitarem essa troca de preposições, as preposições dos exemplos acima não são predicadoras, ou seja, não atribuem papel temático, sendo o verbo o responsável pela atribuição do papel temático Locativo ao seu argumento interno. Seguindo Cançado (2005) e Godoy (2008b), assumimos que as preposições presentes nos verbos da subclasse dos verbos locativos são preposições funcionais, já que não são predicadoras, mas sim especificadoras do sentido do verbo e “só aceitam a troca [por outra preposição] quando é mantido o sentido da predicação (compatibilidade entre o sentido da preposição e o papel temático atribuído pelo verbo ao DP que ela introduz)” (GODOY, 2008b, p. 53). Vale ressaltar que, como já argumentamos, os verbos dessa subclasse, apesar de apresentarem uma preposição, possuem apenas dois argumentos, assim como todos os verbos analisados nesta pesquisa. Assim sendo, como essa preposição não é predicadora e não antecede um terceiro argumento verbo, da mesma maneira que Bechir (em prep.), assumimos que tais verbos também podem ser agrupados com verbos transitivos diretos.

Ainda, neste trabalho também observamos que, apesar de possuírem um argumento locativo, os verbos dessa subclasse parecem permitir que o seu locativo seja omitido quando há uma especificação do verbo por meio de adjetivos, como *sozinha* e *bem*, advérbios, como *perto*, *longe*, *aqui*, *lá*, ou sintagmas preposicionais que expressam companhia, como *com*:

- (108) a. A Lorena morou *sozinha* (em São Paulo/em apartamento) durante muitos anos.
b. A Joana residiu *perto daqui/da praia*.
c. A família habitou *longe da cidade grande* a vida inteira.
d. O Diego vive *com os seus pais* (em Belo Horizonte/em um sítio).

Por fim, pode-se dizer que tais verbos, apesar de não serem lexicalmente recíprocos, também aparecem em construções sintáticas comitativas, semelhantes à forma descontínua da

alternância simples-descontínua. Como vemos nos exemplos abaixo, os verbos locativos, quando aparecem em uma construção sintática com um argumento comitativo, também apresentam o sentido de reciprocidade:

- (109) a. A Maria mora (*junto*) *com o João*.
b. O adolescente reside *junto com a avó*.⁵¹
c. Hemera habita *junto com a sua mãe* além do Oceano.⁵²
d. O Diego vive (*junto*) *com os seus pais*.

Conforme Ignácio (2009), o argumento comitativo é um termo nuclear que aparece na estrutura oracional em posição de complemento, mas que possui a mesma função que o argumento externo da oração. Segundo o autor, o argumento comitativo pode ser inserido na sentença a partir da preposição *com* ou a partir da estrutura *junto com*.

Todavia, é preciso salientar que esse fenômeno não é o mesmo que o da alternância simples-descontínua. Os verbos recíprocos são transitivos indiretos e aceitam um tipo de fusão de argumentos, os verbos locativos, por outro lado, são transitivos indiretos e aceitam um argumento comitativo que não faz parte da sua estrutura, ou seja, não fazem a fusão. Como mostram os exemplos a seguir, o fato de os verbos locativos não aceitarem a forma simples sem a inserção do adjetivo “juntos” ou de expressões como “na mesma casa” “no mesmo lugar”, etc. é uma evidência de que a construção comitiva que ocorre com esses verbos não é o mesmo fenômeno que a alternância contínua-descontínua:

- (110) a. *A Maria e o João moram.
b. A Maria e o João moram *juntos/na mesma casa*.
(111) a. *A professora e o namorado residem.
b. A professora e o namorado residem *juntos/na mesma casa*.
(112) a. *A Ana e o seu tio habitam.
b. A Ana e o seu tio habitam *juntos/na mesma casa*.
(113) a. *O Diego e os seus pais vivem.
b. O Diego e os seus pais vivem *juntos/na mesma casa*.

⁵¹ Dado disponível em: <https://www.clubenoticia.com.br/Noticia/index/4219> (Acesso em 12 de dezembro de 2019).

⁵² Dado disponível em: https://aminoapps.com/c/mitologicpt/page/blog/hemera/6gLw_L6hzuWDRRq05DbjJL2Z3P3MvLn1Zgu2 (Acesso em 12 de dezembro de 2019).

Resumidamente, os verbos que constituem a subclasse dos verbos locativos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado intermitente, da qual fazem parte, também acarretam o sentido de lugar; permitem que o seu locativo seja omitido quando há uma especificação do verbo por meio de adjetivos, advérbios ou sintagmas preposicionais que expressam companhia e permitem uma construção comitativa.

4.2.2 Verbos de medida

A subclasse que denominamos descritivamente de “verbos de medida” é composta por verbos como *durar*, *custar*, *valer*, *pesar*, *medir* e *perdurar*. Pode-se dizer que esses verbos, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado intermitente, também trazem, como parte de seu sentido mais particular, um componente semântico de medida. Conforme Levin (1993), que faz uma ampla descrição das classes dos verbos em inglês, verbos como esses pertencem à classe denominada *measure verbs* (verbos de medida). Segundo a autora, a classe *measure verbs* se divide em cinco subclasses: *register verbs* ‘verbos de registro’ (*measure* ‘medir’, *read* ‘ler’, *register* ‘registrar’, *total* ‘somar’ e *weigh* ‘pesar’), *cost verbs* ‘verbos de custo’ (*carry* ‘carregar’, *cost* ‘custar’, *last* ‘durar’ e *take* ‘tomar/levar’), *fit verbs* ‘verbos de encaixe’ (*carry* ‘carregar’, *contain* ‘conter’, *fit* ‘caber’, *feed* ‘alimentar’, *hold* ‘segurar’, *house* ‘abrigar’, *seat* ‘assentar’, *serve* ‘servir’, *sleep* ‘dormir’, *store* ‘armazenar’, *take* ‘tomar’ e *use* ‘usar’), *price verbs* ‘verbos de preço’ (*appraise* ‘avaliar’, *assess* ‘avaliar’, *estimate* ‘estimar’, *fix* ‘fixar’, *peg* ‘cavilhar’, *price* ‘precificar’, *rate* ‘avaliar’ e *value* ‘avaliar’) e *bill verbs* ‘verbos de faturação’ (*bet* ‘apostar’, *bill* ‘faturar’, *charge* ‘cobrar’, *fine* ‘multar’, *mulct* ‘multar’, *overcharge* ‘sobrecarregar’, *save* ‘economizar’, *spare* ‘poupar’, *tax* ‘taxar’, *tip* ‘dar gorjeta’, *undercharge* ‘levar pouco dinheiro a’ e *wager* ‘apostar/jogar’). Como podemos ver, essas subclasses contêm verbos que indicam estados, ações/causações e processos. Em nosso trabalho, analisamos apenas os verbos de medida que indicam estados. Vejamos alguns exemplos de sentenças com esses verbos:

- (114) a. A aula *dura* 50 minutos.
b. O livro *custa* R\$ 70,00.
c. O carro *vale* R\$ 45.000,00.
d. O bebê *pesa* 3 kg.
e. A criança *mede* 92 cm.

f. A chuva *perdurou* por duas horas.

Todos esses verbos denotam algum tipo de medida/mensuração, podendo essa medida representar *tempo, valor, peso, medida, etc.* Para Bosque (1998, p. 60):

As unidades de medida correspondem, é claro, às que reconhecemos para cada magnitude que pode designar alguma propriedade de um objeto: tempo (dia, hora, minuto, século ...), peso (quilo, grama ...), custo ou valor (peseta, dólar, franco), capacidade ou volume (litro, galão ...), temperatura (grau) e outras dimensões longitudinais (metro, milha), área de superfície (área, metro quadrado ...) ou outras escalas, como pressão, intensidade do som (atmosfera, decibéis) etc.⁵³

Conforme Levin (1993, p. 272), esses verbos “descrevem o valor de algum atributo de uma entidade (por exemplo, altura, peso, temperatura) ao longo de uma escala relevante para a caracterização desta propriedade. O atributo específico é determinado pelo verbo”.⁵⁴ Da mesma maneira, Rothmayr (2009, p. 131) também assume que “os verbos de medida são verbos que expressam o grau de uma determinada propriedade, como comprimento ou duração”.⁵⁵ Pode-se dizer, portanto, que os verbos de medida denotam o valor de algum atributo de uma entidade, no entanto, a especificação desse atributo é determinada por cada verbo. Por exemplo, o verbo *durar* determina que esse atributo deve estar relacionado ao tempo, enquanto verbos como *custar* e *valer* determinam que esse atributo deve estar relacionado a um valor.

Os verbos de medida são verbos transitivos diretos que pedem dois argumentos para terem seu sentido saturado: um argumento interno, que corresponde à medida, e um argumento externo, que é o detentor da medida. O complemento desses verbos, portanto, é formado por um sintagma de medida. Segundo Bosque (1998), os sintagmas de medida que constituem o complemento dos verbos de medida também podem ser formados por pronomes e advérbios de intensidade (ou quantificadores). No entanto, esse tipo de sintagma, como afirma Bosque (1998), não vêm do léxico, mas sim da sintaxe. Logo, podemos dizer que todos os verbos de medida podem omitir o argumento interno, que é lexicalizado pelo verbo, quando apresentam um advérbio de intensidade. Veja:

⁵³ Do original: “Las unidades de medida corresponden, como es lógico, a las que reconocemos para cada magnitud que pueda designar alguna propiedad de un objeto: tiempo (día, hora, minuto, siglo...), peso (kilo, gramo...), coste o valor (peseta, dólar, franco), capacidad o volumen (litro, galón...), temperatura (grado) y otras dimensiones longitudinales (metro, milla), de superficie (área, metro cuadrado...) o de otras escalas, como presión, intensidad sonora (atmósfera, decibelio), etc.” (BOSQUE, 1998, p. 60) (tradução nossa)

⁵⁴ Do original: “These verbs describe the value of some attribute of an entity (e.g., height, weight, temperature) along a scale relevant to the characterization of this property. The particular attribute is determined by the verb.” (LEVIN, 1993, p. 273) (tradução nossa)

⁵⁵ Do original: “Measure verbs are verbs that express the degree of a certain property such as length or duration.” (ROTHMAYR, 2009, p. 131) (tradução nossa)

- (115) a. A aula durou *muito/bastante/pouco* (tempo).
b. O livro custou *muito/bastante/pouco* (dinheiro) *caro/barato*.
c. O carro valia *muito/bastante/pouco* (dinheiro).
d. O bebê pesou *muito/bastante/pouco* (peso).
e. A criança mediu *muito/bastante/pouco* (centímetros/metros).
f. A chuva perdurou *muito/bastante/pouco* (tempo).

Isso ocorre porque cada um desses verbos traz em seu sentido a especificação de alguma medida, por isso, não precisam obrigatoriamente explicitá-la sintaticamente. Ainda, como mostram os exemplos abaixo, os verbos de medida também permitem um sintagma nominal pós-verbal expressando a medida:

- (116) a. A aula durou *uma eternidade/muito tempo*.
b. O livro custou *uma fortuna/um absurdo/muito dinheiro*.
c. O carro valia *o olho da cara/muita grana*.
d. O bebê pesou *pouco peso*.
e. A criança mediu *muitos centímetros*.
d. A chuva perdurou *uma eternidade/muito tempo*.

Resumidamente, os verbos que constituem a subclasse dos verbos de medida, além de apresentarem as propriedades da classe dos verbos de estado intermitente, da qual fazem parte, também acarretam o sentido de medida; aceitam a omissão do argumento interno, que é lexicalizado pelo verbo, e permitem um sintagma nominal pós-verbal expressando a medida.

4.3 OUTROS GRUPOS DE VERBOS ENCONTRADOS NA LITERATURA

Nas seções anteriores, vimos que dentro da classe dos verbos de estado inerente há a subclasse dos verbos existenciais e a subclasse dos verbos recíprocos e que dentro da classe dos verbos de estado intermitente há a subclasse dos verbos locativos e a subclasse dos verbos de medida. No entanto, pode-se dizer que as classes dos verbos de estados do PB também se constituem de outros grupos semânticos de verbos que não apresentam propriedades

semânticas relevantes gramaticalmente para o nível de análise *fine-grained* e, portanto, não são classificados como subclasses.

Por exemplo, dentro do nosso objeto de estudo também encontramos verbos com o sentido de posse alienável (que pode ser transferida), como *ter*, *possuir* e *pertencer*, verbos com sentido de conhecimento, como *saber* e *conhecer*, verbos com sentido de necessidade, como *necessitar*, *precisar* e *carecer*, verbos com sentido de significação, como *significar* e *denotar*, verbos com sentido de semelhança, como *lembrar*, *aparentar*, *parecer* e *diferir*, verbos com sentido de crença, como *crer* e *acreditar* e outros. Todavia, após analisar esses verbos, observamos que esses sentidos mais específicos não influenciam a realização sintática de seus argumentos. Sendo assim, tais sentidos não são relevantes para a classificação desses verbos.

4.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste quarto capítulo, mostramos que os verbos de estado do PB também podem ser classificados em nível *fine-grained* de análise. Ou seja, evidenciamos que a classe dos verbos de estado inerente, do tipo *medium-grained*, pode ser subdivida na subclasse dos verbos existenciais e na subclasse dos verbos recíprocos e que a classe dos verbos de estado intermitente, do tipo *medium-grained*, pode ser subdivida na subclasse dos verbos locativos e na subclasse dos verbos de medida. Por fim, após descrever as propriedades semânticas e sintáticas de cada uma dessas subclasses, salientamos que os verbos de estado do PB analisados também trazem dentro de seus componentes outros sentidos mais específicos que não interferem em seus comportamentos sintáticos, como o sentido de posse alienável, o sentido de conhecimento, o sentido de necessidade, o sentido de significação, o sentido de semelhança, o sentido de crença, e outros.

Tendo mostrado, com base nas propostas de Levin (2010), de Caçado e Gonçalves (2016) e de Caçado e Amaral (2016), que os verbos de estado do PB podem ser classificados em diferentes níveis de análise, acreditamos ter realizado uma ampla descrição e classificação do nosso objeto de estudo. Assim sendo, no próximo capítulo, a partir das análises realizadas até aqui, apresentamos as considerações finais do nosso trabalho.

5. CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como principal propósito realizar uma ampla descrição e classificação dos verbos de estado PB. Esperamos, até então, ter desempenhado essa função e cumprido todos os objetivos postulados no Capítulo 1. Neste último capítulo, apresentamos as considerações finais a respeito da nossa pesquisa e, para isso, retomamos as etapas que foram seguidas ao longo da realização desta dissertação.

No primeiro capítulo, apresentamos a pesquisa que nos encarregamos de realizar. Primeiramente, expomos a nossa linha de pesquisa, a Interface Sintaxe-Semântica Lexical, e os seus principais objetivos; delimitamos o nosso objeto de estudo, os verbos de estado do PB, e mostramos as suas propriedades aspectuais centrais: estatividade, duratividade e atelicidade. Em seguida, expomos a nossa hipótese de que a classe aspectual dos verbos de estado pode ser dividida em classes verbais menores devido à sua diversidade semântica e sintática e, a fim de verificar tal hipótese, determinamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Fazer uma coleta dos verbos de estado do PB, a partir do dicionário de verbos do Borba (1990) e do trabalho de Moreira (2000);
- b) Realizar uma ampla descrição das propriedades semânticas e sintáticas dos verbos de estado do PB;
- c) Verificar se tais verbos formam uma ou mais classes no nível *medium-grained*, segundo as definições de classe verbal de Levin (2010), Caçado e Gonçalves (2016) e Caçado e Amaral (2016);
- d) Averiguar quais são as propriedades semânticas dos verbos de estado do PB que possuem maior relevância para o comportamento sintático desses verbos;
- e) Chegar a uma classificação mais precisa dos verbos de estado do PB, do ponto de vista semântico;
- f) Propor estruturas de representação lexical para os verbos da classe estudada, com fundamento na metalinguagem de decomposição de predicados.

Ainda no primeiro capítulo, justificamos a realização da nossa pesquisa; fizemos um breve percurso sobre os principais trabalhos que abordam os verbos de estado na literatura e, por último, descrevemos a metodologia adotada. Antes de iniciarmos a nossa pesquisa, fizemos uma ampla coleta dos verbos de estado PB no dicionário do Borba (1990) e no

trabalho de Moreira (2000). Ao total, coletamos 52 verbos, que estão listados no Apêndice. Sendo assim, acreditamos que o nosso primeiro objetivo específico tenha sido cumprido.

No segundo capítulo, apresentamos todo o referencial que norteou esta pesquisa. Primeiro, esclarecemos melhor a noção de aspecto lexical, diferenciando-a das noções de aspecto gramatical e de aspecto derivado e dando ênfase ao aspecto lexical dos estados, e salientamos que a literatura linguística propõe a existência de diferentes tipos de estados: estados dinâmicos e estados estáticos (BACH, 1986), estados do tipo *Object-level* e estados do tipo *Stage-level* (CARLSON, 1977) e estados Kimianos e estados Davidsonianos (MAIENBORN, 2003). Em seguida, descrevemos melhor a nossa linha de pesquisa, a Interface Sintaxe-Semântica Lexical e, para tanto, esclarecemos os conceitos de classe verbal e de representação semântica. Mostramos que, conforme Levin (2010), Cançado e Gonçalves (2016) e Cançado e Amaral (2016), os verbos podem ser classificados a partir de três níveis de classificação distintos: *coarse-grained*, *medium-grained* e *fine-grained*. Também frisamos que dentro da Semântica Lexical os verbos podem ser representados por meio de papéis temáticos e por meio da decomposição de predicados. Contudo, salientamos que as representações por meio da decomposição de predicados são mais finas e apresentam muitas vantagens em relação às representações por meio de papéis temáticos. Assim, justificamos a nossa escolha em utilizar a abordagem de decomposição de predicados para representar o sentido dos verbos de estado do PB analisados em nossa pesquisa. Após justificarmos a nossa escolha, descrevemos melhor a abordagem de decomposição de predicados e explicamos como essa linguagem funciona a partir de algumas representações semânticas propostas na literatura para os verbos eventivos. Por fim, ao final do segundo capítulo, investigamos como os estados são vistos e representados dentro dessa abordagem. Para isso, mostramos que há autores que consideram que os estados são simples e indecomponíveis e autores que propõem que os estados são complexos e podem ser decompostos; expomos quais são os principais predicados primitivos estativos que existem na literatura; apresentamos e discutimos sobre as representações semânticas já propostas para os verbos de estado e constatamos que os predicados primitivos HAVE e BE são os principais predicados estativos utilizados nas representações desses verbos.

No terceiro capítulo, partimos para análise dos dados à luz do referencial teórico adotado. Na primeira parte da análise, discutimos sobre as propriedades semânticas e sintáticas que todos os verbos de estado do PB analisados compartilham e argumentamos que essas propriedades não caracterizam classes verbais, uma vez que elas não distinguem os

verbos de estado entre si. Ou seja, nessa primeira parte do capítulo, esclarecemos que algumas propriedades apresentadas pelos verbos de estado do PB, como a impossibilidade de gerar uma leitura progressiva quando estão na perífrase de gerúndio, a impossibilidade de gerar uma leitura habitual quando estão no tempo presente simples, a transitividade, a não passivização e a não ergativização não são propriedades que configuram classes verbais estativas no nível *medium-grained* de análise.

Na sequência, na segunda seção do capítulo 3, mostramos que o que divide os verbos de estado do PB em classes no nível *medium-grained* de análise é o fato de esses predicados serem predicados que caracterizam propriedades de indivíduos (predicados de *Individual-level*) ou predicados que caracterizam propriedades de estágios (predicados de *Stage-level*) (CARLSON, 1977). Isto é, evidenciamos que é possível, baseados na proposta de Carlson (1977), dividir os verbos de estado do PB analisados em duas classes distintas: a classe dos verbos de estado inerente e a classe dos verbos de estado intermitente. Em seguida, nos aprofundamos na análise de cada uma dessas classes. Durante a análise dos verbos de estado inerente, mostramos que os verbos que constituem essa classe acarretam o sentido de estados permanentes ou estáveis; não se combinam com advérbios como *provisoriamente* e nem com locuções adverbiais como *às vezes*; não são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que, todas as vezes que*, etc. e não se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização. Já durante a análise dos verbos de estado intermitente, mostramos que os verbos que constituem essa classe acarretam o sentido de estados transitórios ou episódicos; se combinam com advérbios como *provisoriamente* e com locuções adverbiais como *às vezes*; são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como *sempre que, todas as vezes que*, etc. e se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização.

Finalmente, na última seção do capítulo 3, baseados em autores como Pinker (2013 [1989]), Rothmayr (2009) e Caçado, Amaral e Meirelles (2017), argumentamos que os verbos de estado, assim como os verbos eventivos, também são decomponíveis e evidenciamos isso por meio de paráfrases. Em seguida, tendo em mente que os predicados BE e HAVE são os principais predicados estativos, demonstramos que o componente semântico BE está dentro do sentido dos verbos que constituem a classe dos verbos de estado inerente e que o componente semântico HAVE está dentro do sentido dos verbos que constituem a classe dos verbos de estado intermitente. Assim sendo, tendo comprovado que esses

predicados primitivos podem ser utilizados na representação semântica das classes verbais, propomos representações semânticas em decomposição de predicados para essas duas classes verbais e para os verbos que fazem parte delas. Isto é, sugerimos que a classe de verbos de estado inerente pode ser representada pela estrutura [[BE [X <STATE>]] REL Y] e que a classe de verbos de estado intermitente pode ser representada pela estrutura [[X HAVE <THING>] REL Y].

Com o propósito de melhor descrever os verbos de estado do PB analisados nesta pesquisa, estendemos a nossa análise de dados para o Capítulo 4. Como vimos, no capítulo 3, baseados nas propostas Levin (2010), Caçado e Gonçalves (2016) e Caçado e Amaral (2016), demonstramos que os verbos de estado do PB constituem duas classes distintas no nível de classificação *medium-grained* de análise: a classe dos verbos de estado inerente e a classe dos verbos de estado intermitente. No capítulo 4, por outro lado, também baseados nas propostas de Levin (2010), Caçado e Gonçalves (2016) e Caçado e Amaral (2016), buscamos mostrar que os verbos de estado do PB também podem ser classificados em um nível *fine-grained* de análise. Ou seja, argumentamos que os verbos de estado do PB constituem quatro subclasses distintas no nível de classificação *fine-grained*: a subclasse dos verbos existenciais, a subclasse dos verbos recíprocos, a subclasse dos verbos locativos e a subclasse dos verbos de medida.

Durante a primeira parte do capítulo 4, nos dedicamos a descrever as duas subclasses que pertencem à classe dos verbos de estado inerente: a subclasse dos verbos existenciais e a subclasse dos verbos recíprocos. Primeiro, mostramos que os verbos que constituem a subclasse dos verbos existenciais, além de apresentarem as propriedades da classe à qual pertencem, também acarretam o sentido de existência; possuem uma forte restrição em relação à presença de sintagmas nominais precedidos por determinantes definidos em posição pós-verbal e podem ter o locativo omitido caso haja uma especificação do primeiro argumento interno. Em seguida, demonstramos que os verbos que constituem a subclasse dos verbos recíprocos, além de apresentarem as propriedades da classe à qual pertencem, também acarretam o sentido de reciprocidade e aceitam a alternância simples-descontínua.

Já na segunda parte do capítulo 4, nos dedicamos a descrever as duas subclasses que pertencem à classe dos verbos de estado intermitente: a subclasse dos verbos locativos e a subclasse dos verbos de medida. Primeiro, mostramos que os verbos que constituem a subclasse dos verbos locativos, além de apresentarem as propriedades da classe à qual pertencem, também acarretam o sentido de lugar; permitem que o seu locativo seja omitido

quando há uma especificação do verbo por meio de adjetivos e, quando trazem o sentido de companhia, permitem uma construção comitativa. Em seguida, salientamos que os verbos que constituem a subclasse dos verbos de medida, além das propriedades da classe da qual fazem parte, também acarretam o sentido de medida; aceitam a omissão do argumento interno, que é lexicalizado pelo verbo, e permitem um sintagma nominal pós-verbal expressando a medida.

Por fim, ao final do capítulo 4, mostramos ainda que os verbos de estado do PB analisados também trazem dentro de seus componentes outros sentidos mais específicos, como o sentido de posse alienável, o sentido de conhecimento, o sentido de necessidade, o sentido de significação, o sentido de semelhança, o sentido de crença e outros. Contudo, salientamos que esses sentidos não interferem em seus comportamentos sintáticos e, portanto, não caracterizam subclasses.

Portanto, a partir das análises realizadas nos Capítulos 3 e 4, acreditamos ter cumprido os demais objetivos propostos nesta dissertação, já que realizamos uma ampla descrição das propriedades semânticas e sintáticas dos verbos de estado do PB; verificamos que tais verbos podem ser subdivididos em duas classes e em quatro subclasses; averiguamos que as propriedades semânticas de ser um predicado que caracteriza propriedades de indivíduos (predicados de *Individual-level*) ou de ser um predicado que caracteriza propriedades de estágios (predicados de *Stage-level*) são as propriedades semânticas que possuem maior relevância para o comportamento sintático dos verbos de estado do PB; chegamos a uma classificação mais precisa desses verbos, do ponto de vista semântico, e propomos estruturas de representação lexical para os verbos estudados, com fundamento na metalinguagem de decomposição de predicados. A seguir, no quadro 2, sintetizamos a classificação final dos verbos de estado do PB analisados neste trabalho:

Quadro 2 – Classificação dos verbos de estado do PB

CLASSES <i>(medium-grained)</i>	VERBOS DE ESTADO INERENTE	VERBOS DE ESTADO INTERMITENTE
REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA	[[BE [X <STATE>]] REL Y]	[[X HAVE <THING>] REL Y]
PROPRIEDADES	<ul style="list-style-type: none"> - Acarretam o sentido de estados permanentes ou estáveis; - Não se combinam com advérbios como <i>provisoriamente</i> e nem com locuções adverbiais como <i>às vezes</i>; - Não são compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como <i>sempre que, todas as vezes que</i>, etc.; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acarretam o sentido de estados transitórios ou episódicos; - Se combinam com advérbios como <i>provisoriamente</i> e com locuções adverbiais como <i>às vezes</i>; - São compatíveis com expressões que quantificam sobre eventualidades como <i>sempre que, todas as vezes que</i>, etc.;

	- Não se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização.	- Se combinam livremente com todos os tipos de advérbios temporais, duracionais e de localização.		
VERBOS	<i>existir, haver</i> (existencial), <i>ter</i> (existencial), <i>abundar, caber, compor, saber, entender, conhecer, denotar, significar, lembrar</i> (parecer), <i>aparentar, parecer, acreditar, crer, concernir, consistir, constar, preexistir, equivaler, corresponder, coexistir, coincidir, condizer, conflitar, destoar, discrepar, anteceder, preceder e chamar.</i>	<i>ter, possuir, pertencer, durar, custar, valer, pesar, medir, perdurar, exceder, carecer, necessitar, precisar, depender, morar, residir, habitar, viver, permanecer, convir e dever.</i>		
SUBCLASSES <i>(fine-grained)</i>	VERBOS EXISTENCIAS	VERBOS RECÍPROCOS	VERBOS LOCATIVOS	VERBOS DE MEDIDA
PROPRIEDADES	- Acarretam o sentido de existência; - São inacusativos; - Possuem uma forte restrição em relação à presença de sintagmas nominais precedidos por determinantes fortes em posição pós-verbal; - Podem ter o locativo omitido caso haja uma especificação do primeiro argumento interno.	- Acarretam o sentido de reciprocidade; - Aceitam a alternância simples-descontínua.	- Acarretam o sentido de lugar; - Permitem que o seu locativo seja omitido quando há uma especificação do verbo por meio de adjetivos, advérbios ou sintagmas preposicionais que expressam companhia; - Permitem uma construção comitativa.	- Acarretam o sentido de medida; - Aceitam a omissão do argumento interno, que é lexicalizado pelo verbo; - Permitem um sintagma nominal pós-verbal expressando a medida.
VERBOS	<i>existir, haver, ter</i> (existencial) e <i>abundar.</i>	<i>coexistir, coincidir, condizer, conflitar, destoar e discrepar.</i>	<i>morar, residir, habitar e viver</i> (no sentido de <i>morar</i>)	<i>durar, custar, valer, pesar, medir e perdurar.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Concluimos, por meio da realização deste trabalho, que a nossa hipótese inicial, de que a classe aspectual dos verbos de estado do PB pode ser fragmentada em classes verbais menores, devido à sua diversidade semântica e sintática, é apropriada e corroborada pelos dados do PB que apresentamos. Como mostramos ao longo desta pesquisa, os verbos de estado do PB realmente apresentam propriedades semânticas e particularidades sintáticas distintas que fazem com que eles se distribuam em duas classes e em quatro subclasses. Dessa maneira, acreditamos que os resultados da nossa pesquisa contribuem para a descrição do sistema linguístico do PB, uma vez que esclarece a maneira pela qual os componentes verbais estativos da gramática do PB são organizados.

Para finalizar, gostaríamos de expor qual foi o principal ganho deste trabalho e de acentuar o que mais é possível realizar a partir dele. Imaginamos que a descrição, a divisão dos verbos de estado do PB em classes e em subclasses e as representações semânticas propostas foram os principais proveitos deste trabalho. No entanto, temos consciência de que esta pesquisa é apenas um pequeno e corajoso passo na tentativa de compreender os comportamentos e a maneira pela qual expressamos a classe vendleriana estativa que ainda é tão pouco representada na literatura. Assim sendo, acreditamos que a nossa pesquisa abre caminho para várias outras investigações, como: investigar se os verbos de estado apresentam outras propriedades semânticas e sintáticas que são relevantes para os níveis de análise *medium-grained* e *fine-grained*; incluir nesta análise outros tipos de verbos de estado, como os psicológicos e os copulativos (*ser*, *estar* e *ficar*), para termos uma visão global da classe; melhorar a estrutura de representação em decomposição de predicados proposta neste trabalho; verificar se há uma correspondência entre os verbos do tipo *Individual-level* e os estados Kimianos e entre os verbos do tipo *Stage-level* e os estados Davidsonianos; averiguar quais são os verbos eventivos do PB que permitem uma leitura estativa, mostrando como isso se dá e comparando-os com os verbos estritamente estativos e, se possível, também realizar uma análise dos verbos e das construções estativas por meio de dados e usos reais do PB.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- AMARAL, L.; CANÇADO, M. *Argument structure of activity verbs in Brazilian Portuguese*. *Semantics-Syntax interface*, vol.2, n.2, p. 115-140, 2015.
- BACH, E. *On Time, Tense, and Aspects: An Essay in English Metaphysics*. In: Peter Cole (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 63-81, 1981.
- BACH, E. *The Algebra of Events*. *Linguistics and Philosophy*, Vol. 9, n.1, p. 5-16, 1986.
- BARWISE, J.; COOPER, R. *Generalized Quantifiers and Natural Language*. *Linguistics and Philosophy*, 4, 159-219, 1981.
- BEAVERS, J. *The structure of lexical meaning: why semantics really matters*. *Language*, v.86, n 4, p.821-864, 2010.
- BECHIR, T. *Os verbos recíprocos intransitivos no português brasileiro*. 2016. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- BECHIR, T. *Uma análise sintático-semântica dos verbos transitivos indiretos do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, (em prep.).
- BERG, M. *O comportamento semântico lexical das preposições no português brasileiro*. 128f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
- BORBA, F. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

BOSQUE, I. *Sobre los complementos de medida*. En: DELBECQUE, N.; PAEPE, C. *Estudios en Honor del Profesor Josse de Kock*, Lovaina, Leuven University Press, 57-73, 1998.

BURZIO, L. *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos visto sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M. *Propriedades semânticas e posições argumentais*. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23- 56, 2005.

CANÇADO, M. *Argumentos: complementos e adjuntos*. *ALFA – Revista de Linguística*, volume 53, número 1, pg. 35-59, 2009.

CANÇADO, M. *Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach*. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2010.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente?* *Veredas*, vol. 6, n.2, p. 1-18, 2012.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 3. ed. São Paulo: Contexto [1. ed., 2005, Editora UFMG], 2013.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: Papéis Temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. e colaboradores. *Banco de Dados Lexicais VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro*. UFMG. 2017. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/verboweb/>

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *VerboWeb: uma proposta de classificação verbal*. *Revista da Anpoll*, n. 46, v.1, 2018.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.; FOLTRAN, M. *Causative-inchoative alternation with complex states: evidence from BP ObjExp-verbs*. Conference: 12 Workshop on Formal Linguistics. UFPR, 2018.

CANÇADO, M.; GODOY, L. *Representação Lexical de Classes Verbais do PB*. ALFA, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Vol I. Verbos de mudança, 2 ed. Edição Revisada Amazon, [1. ed., 2013, Editora UFMG], 2017.

CANÇADO, M.; GONÇALVES, A. *Lexical Semantics: verb classes and alternations*. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Willey/Blackwell, 2016.

CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CARLSON, G. *Reference to Kinds in English*. PhD dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1977.

CHIERCHIA, G. *Individual-Level Predicates as Inherent Generics*. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. (eds.), *The Generic Book*, Chicago, the University of Chicago Press: 176-223, 1995.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT, 1995.

CLARK, E. V.; CLARK, H. H. *When nouns surface as verbs*. Language, v. 55, p. 767-811, 1979.

COMRIE, B. *Aspect: an Introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. *Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.

CRUSE, D. *Some thoughts on agentivity*. Journal of Linguistics, vol. 9, n. 1, p. 11-23, 1973.

CUNHA, L. *As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Porto, F.L.U.P., 1998.

CUNHA, L. *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

CUNHA, L. *Phase states and their Interaction with individual-level and stage-level predicates*. In: *Sobre los estados y estatividad*, GUTIÉRREZ, A. Munique: Lincom GmbH, p. 45-62, 2011.

DAVIDSON, D. *The Logic of Decision and Action*. Chapter: *The logical form of action sentences*, 81–95. Pittsburgh PA: Pittsburgh University Press, 1967.

DIESING, M. *Indefinites*. Cambridge MA: The MIT Press, 1992.

DIK, S. *The Theory of Theory of Funcional Grammar*, 2nd, rev, ed. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DOWTY, D. *The stative in the progressive and other essence/accident contrasts*. *Linguistic Inquiry*, 6.579-88, 1975.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

DOWTY, D. *Thematic proto-roles and argument selection*. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

DUARTE, I. *A família das construções inacusativas*. In: MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.507-548, 2003.

ENÇ, M. *The Semantics of Specificity*. *Linguistic Inquig*, 22: 1. 1-25, 1991.

FILIP, H. *Aspect, Eventuality Types and Noun Phrase Semantics*. New York: Routledge, 1999.

FILLMORE, C. *The case for case*. In BACH, E.; HARMS, R. *Universals in linguistic theory*. New York, New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-90, 1968.

FILLMORE, C. *The grammar of hitting and breaking*. In: JACOBS, R. & ROSENBAUM, P. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, p. 120-133, 1970.

FILLMORE, C. *Types of lexical information*. In: STEINBERG, D. & JAKOBOVITS, L. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

FOLTRAN, M. *A função semântico-pragmática das sentenças existenciais*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1988.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. *Teoria generalizada dos papéis temáticos*. Revista de Estudos da Linguagem. v. 11. n. 2. 2003 [1997].

GARCIA, A. *Uma tipologia semântica do verbo*. In: *Soletras*, ano IV, n. 8. São Gonçalo: UERJ, pp. 52-70, 2004.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB: Interface sintaxe-semântica lexical*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008a.

GODOY, L. *Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe semântica lexical*. Revista da Abralín, João Pessoa, v.7, n.1, p.49-68, 2008b.

GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe*. ALFA, v. 53, n. 1. 2009.

GODOY, L. *A Semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos*. Revista do GEL, v. 7, n. 1. 2010.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

- GOLDBERG, A. *Constructions: a constructions grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GRIMSHAW, J. *Words and structure*. Stanford: CSLI/University of Chicago Press, 2005.
- GRUBER, J. *Studies in Lexical Relations*. Tese de doutorado, MIT. Cambridge, 1965.
- HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- HAWKINS, J. *Definiteness and Indefiniteness: A Study in Reference and Grammaticality Predication*. London: Croom Helm, 1978.
- HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Massachusetts, Wiley-Blackwell, 1998.
- HOLT, J. *Etudes d'aspect*. Acta Jutlandica 1 5.2., 1943.
- IGNÁCIO, S. *O caso comitativo*. Revista (Con) Textos Linguísticos, v.3, n.3, p.11-25, 2009.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- KIM, J. *Events and their descriptions: Some considerations*. In: *Essays in the Honor of Carl G. Hempel*, N. Rescher (Ed.), 198–215. Dordrecht: Reidel, 1969.
- KIM, J. *Events as property exemplifications*. In: *Proceedings of the Winnipeg Conference on Human Action*, M. Brand & D. Walton (eds), 159–177. Dordrecht: Reidel, 1976.
- KRATZER, A. *Stage-level and individual-level predicates*. In: *The Generic Book*, CARLSON; G.; PELLETIER; J. (Eds.). Chicago IL: Chicago University Press, 1995.
- LAKOFF, G. *Stative verbs and adjectives in English*. Harvard Computation. Laboratory Report NSF-I7, Havard University, Cambridge, Massachusetts, 1966.

- LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- LAPORTE, E. *Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática*. Revista (Con)textos Linguísticos, v. 2, p. 26-51, 2008.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B. *Objecthood: an event structure perspective*. Proceedings of CLS 35 – Vol. 1: The Main Session. Chicago: Chicago Linguistic Society/University of Chicago, p. 223-247, 1999.
- LEVIN, B. *What is the best grain-size for defining verb classes?*, Conference on Word Classes: Nature, Typology, Computational Representations, Second TRIPLE International Conference, Università Roma Tre, Rome, Março 24-26, 2010.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity*. In: ROCA, I. *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. Berlin: Foris, p. 247-269, 1992.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Lexical Conceptual Structure*. In: HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (eds), *Semantics: An international Handbook of Natural Language Meaning I*. Mouton de Gruyter: Berlin, p. 418-438, 2011.
- LYONS, J. *Semantics*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MACULAN, B.; LIMA, G. *Relacionamentos em tesouros: o valor semântico dos verbos*. Perspectivas em Ciência da Informação, [S.l.], v. 19, n. 4, p. 182-201, 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2209>>. Acesso em: 24 out. 2019.

- MAGRI, G. *A theory of individual-level predicates based on blind mandatory scalar implicatures*. *Natural Language Semantics* 17, p. 245– 297, 2009.
- MAIENBORN, C. *Die logische Form von Kopula-Sätzen*. Berlin: Akademie-Verlag, 2003.
- MAIENBORN, C. *On the limits of the Davidsonian approach: the case of copula sentences*. *Theoretical Linguistics*, 2005.
- McCAWLEY, J. *Lexical insertion in a Transformation Grammar without Deep Structure*. *Chicago Linguistics Society* 4, 1968a.
- McCAWLEY, J. *The role of semantics in a grammar*. In: BACH, E.; HARMS, R. (Eds.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, p. 124-169, 1968b.
- MEIRELLES, L. *A fatoração de argumentos verbais no PB*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- MILSARK, G. *Existential sentences in English*. Doctoral dissertation. Cambridge: MIT, 1974.
- MILSARK, G. *Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English*. *Linguistic Analysis* 3, 1–29, 1977.
- MIOTO, C.; SILVA, M.; LOPES, R. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3ed, 2007.
- MOREIRA, C. *Princípio de Ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2000.
- MORGAN, J. L. *On Arguing about semantics*. *Papers in linguistics*, v.1, p. 49-70, 1969.
- MOURELATOS, A. *Events, Processes and States*. *Linguistics and Philosophy* 2:415-434, 1978.
- PARSONS, T. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A study in subatomic Semantics*. Cambridge (MA): MIT Press. p.186-206, 1994.

PESETSKY, D.M. *Zero Syntax*. Cambridge: MIT, 1995.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The Acquisition of Argument Structure* (1989/2013) (New Edition.). Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. *What To Do with Theta-Role*. In: WILKINS, W. (Org.). *Syntax and Semantics 21* (Thematic Relations). New York: Academic Press, p.7-36, 1988.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. *Building Verb Meanings*. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: Lexical and Syntactic Constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. *Reflections on Manner/Result Complementarity*. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38, 2010.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B.; LAUGHREN, M. *Levels of lexical representation*. In: PUSTEJOVSKY, J. *Semantics and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, p. 37-54, 1993.

RIBEIRO, P. *Semântica Conceitual*. In: ROMERO; M.; GOLDNADEL; M.; RIBEIRO, P.; FLORES; V. *Manual de Linguística: Semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 15-63, 2019.

ROSS, J. R. *Adjectives as noun phrases*. In: REIBEL, D.; SCHANE, S. *Modern studies in English*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.

ROSS, J. R. *Act*. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, 1972.

ROTHMAYR, A. *The structure of stative verbs*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2009.

SILVA, R. V. M. *A variação 'haver/ter'*. In: SILVA, R. V. M. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, p. 181-93, 1996.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

STECHOW, A. *Lexical decomposition in syntax*. In: EGLI, U.; PAUSE, P.; SCHWARZE, C.; STECHOW, A. & WIENOLD, G. *Lexical knowledge in the organization of language*. Amsterdã: John Benjamins, p. 81-118, 1995.

STECHOW, A. *The different readings of wieder "again"*. *Journal of Semantics*, vol. 12, n.2, p. 87-138, 1996.

TRAVAGLIA, L. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia, Gráfica da UFU, 1981.

VAN VALIN, R. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.

VIOTTI, E. *Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais*. *Revista do Gel*, n. especial, 127-153, 2002.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. Campinas: Unicamp (Dissertação de mestrado), 1989.

WUNDERLICH, D. *Cause and the structure of verbs*. *Linguistic Inquiry*. vol. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.

WUNDERLICH, D. *Lexical Decomposition in Grammar*. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, p. 307-327, 2012.

ZAGONA, K. *Ser and estar: Phrase structure and aspect*. University of Washington, Seattle, p. 303-327, 2012.

APÊNDICE

Os verbos utilizados nesta pesquisa foram retirados de Borba (1990) e de Moreira (2000).

Verbos de estado inerente: [[BE [X <STATE>]] REL Y]

Paráfrase: X está em determinado estado em relação à Y

(1) EXISTIR

Sentença: Existe uma capela no vilarejo.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??Existiu uma capela no vilarejo. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

Existiu uma capela no vilarejo *durante o período colonial*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*Existiu uma capela no vilarejo *em cinquenta anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

**Existe* uma capela no vilarejo *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

Existiu uma capela no vilarejo (*?todos os anos*) NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

**Estava existindo* uma capela no vilarejo. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

Eu fiquei muito decepcionado com informações que eu tive de que *estava existindo* algum tipo de boicote. TEM UMA LEITURA CONTÍNUA NÃO-PROGRESSIVA QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*Uma capela *foi existida* no vilarejo. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A capela (*se*) *existiu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes existe* uma capela no vilarejo. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que existe* no vilarejo, a capela desaba. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado, existiu* uma capela no vilarejo. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos existenciais:

Existiu *uma capela* no vilarejo/??*Uma capela existiu* no vilarejo. O PRIMEIRO ARGUMENTO PREFERE A POSIÇÃO DE OBJETO: INDÍCIOS DE INACUSATIVIDADE

Ele *disse* que existia uma capela no vilarejo. NÃO TEM AMBIGUIDADE, LOGO É UM LOCATIVO DO PREDICADOR

*Existia *a capela* na cidade. NÃO ACEITA UM DETERMINANTE FORTE EM POSIÇÃO PÓS-VERBAL PORQUE É EXISTENCIAL

Existia uma capela *que me incomoda muito*. OMITI O LOCATIVO CASO HAJA UMA ESPECIFICAÇÃO DO PRIMEIRO ARGUMENTO

(2) HAVER (existencial)

Sentença: Há um lago na cidade.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??Houve um lago na cidade. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

Houve um lago na cidade *durante a minha infância*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*Houve um lago na cidade *em cem anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

**Há* um lago na cidade *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE

Havia um lago na cidade (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

**Estava havendo* um lago na cidade. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

Falou da discriminação que *estava havendo* em relação aos gays, depois do surgimento da AIDS. TEM UMA LEITURA CONTÍNUA NÃO-PROGRESSIVA QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*Um lago *foi havido* na cidade. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Um lago (*se*) *houve*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

*Provisoriamente/Às vezes há um lago na cidade. ESTADO INERENTE

*Sempre que/Todas as vezes que há na cidade, o lago seca. ESTADO INERENTE

*Ontem/No domingo, houve um lago na cidade. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos existenciais:

Havia *um lago* na cidade/??*Um lago* havia na cidade. O PRIMEIRO ARGUMENTO PREFERE A POSIÇÃO DE OBJETO:

INDÍCIOS DE INACUSATIVIDADE

Ele *disse* que havia um lago na cidade. NÃO TEM AMBIGUIDADE, LOGO É UM LOCATIVO DO PREDICADOR

*Havia *o lago* na cidade. NÃO ACEITA UM DETERMINANTE FORTE EM POSIÇÃO PÓS-VERBAL PORQUE É EXISTENCIAL

Havia um lago *que inundava muito*. OMITE O LOCATIVO CASO HAJA UMA ESPECIFICAÇÃO DO PRIMEIRO ARGUMENTO

(3) TER (existencial)

Sentença: Tem estrelas no céu.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??Teve estrelas no céu. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

Teve estrelas no céu *durante toda a história do universo*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*Teve estrelas no céu *em milhões de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

**Tem* estrelas no céu *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

Tinha estrelas no céu (*?todos os anos*) NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

**Estava tendo* estrelas no céu. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Estrelas *foram tidas* no céu. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Estrelas (*se*) *tiveram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

?Provisoriamente/Às vezes tem estrelas no céu. ESTADO INERENTE

*Sempre que/Todas as vezes que tem no céu, as estrelas *brilham muito*. ESTADO INERENTE

?Ontem/No sábado, teve estrelas no céu. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos existenciais:

Tinha *estrelas* no céu/??*Estrelas* tinham no céu. O PRIMEIRO ARGUMENTO PREFERE A POSIÇÃO DE OBJETO: INDÍCIOS DE INACUSATIVIDADE

Ele *disse* que tinha um lago na cidade. NÃO TEM AMBIGUIDADE, LOGO É UM LOCATIVO DO PREDICADOR

*Tinha *as estrelas* no céu. NÃO ACEITA UM DETERMINANTE FORTE EM POSIÇÃO PÓS-VERBAL PORQUE É EXISTENCIAL

Tinha uma estrela *que brilhava muito*. OMITE O LOCATIVO CASO HAJA UMA ESPECIFICAÇÃO DO PRIMEIRO ARGUMENTO

(4) ABUNDAR

Sentença: Abundam aves na ilha.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??Abundaram aves na ilha. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO(NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

Abundaram aves na ilha *durante a primavera*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*Abundaram aves na ilha *em quatro meses*. NÃO POSSUI TELICIDADE

**Abundam* aves na ilha *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE

Abundaram aves na ilha (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES

Está abundando aves na ilha. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Aves *foram abundadas* pela ilha. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Aves (*se*) *abundaram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

?Provisoriamente/Às vezes abundam aves na ilha. ESTADO INERENTE

?Sempre que/Todas as vezes que abundam na ilha, as aves morrem de fome. ESTADO INERENTE

?Ontem/No sábado, abundaram aves na ilha. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos existenciais:

Abundam *aves* na ilha./??*Aves* abundam na ilha. O PRIMEIRO ARGUMENTO PREFERE A POSIÇÃO DE OBJETO: INDÍCIOS DE INACUSATIVIDADE
Ele *disse* que abundavam *aves* na ilha. NÃO TEM AMBIGUIDADE, LOGO É UM LOCATIVO DO PREDICADOR
*Abundam *as aves* na ilha. NÃO ACEITA UM DETERMINANTE FORTE EM POSIÇÃO PÓS-VERBAL PORQUE É EXISTENCIAL
Abundam *aves que voam alto*. OMITE O LOCATIVO, CASO HAJA UMA ESPECIFICAÇÃO DO PRIMEIRO ARGUMENTO

(5) CABER

Sentença: O carro cabe na garagem.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O carro coube na garagem. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O carro coube na garagem *durante muitos anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O carro coube na garagem *em duas horas*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O carro *cabe* na garagem *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE

O carro cabia na garagem (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES

?O carro *estava cabendo* na garagem. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O carro *está cabendo* na garagem/O vestido *está cabendo* na noiva. (antes o vestido não cabia na noiva e agora cabe) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*A garagem *foi cabida* pelo carro. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O carro (*se*) *coube*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o carro cabe na garagem. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* cabe na garagem, o carro dispara o alarme. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado*, o carro coube na garagem. ESTADO INERENTE

(6) COMPOR

Sentença: O vestido se compõe de vários bordados.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O vestido se compôs de vários bordados. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O vestido se compôs de variados bordados *durante muitos anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O vestido se compôs de variados bordados *em dois anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O vestido *se compõe* de vários bordados *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O vestido se compôs de vários bordados (*?todos os anos*) NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

*O vestido *está se compondo* de vários bordados. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Vários bordados *foram compostos* pelo vestido. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Vários bordados (*se*) *compuseram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o vestido se compõe de vários bordados. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* se compõe de vários bordados, o vestido rasga. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na festa*, o vestido se compôs de vários bordados. ESTADO INERENTE

(7) SABER

Sentença: A Maria sabe matemática.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Maria soube matemática. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Maria soube matemática *durante toda a sua vida*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

- *A Maria soube matemática *em vinte anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE
- *A Maria *sabe* matemática *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)
- A Maria soube matemática (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)
- ??A Maria *está sabendo* matemática. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA
- A Maria *está sabendo* a matéria. (antes a Maria não sabia a matéria e agora sabe) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.
- *Matemática *foi sabida* pela Maria. NÃO ACEITA A PASSIVA
- *Matemática (*se*) *soube*. NÃO ACEITA A ERGATIVA
- Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:**
- **Provisoriamente/Às vezes* a Maria sabe matemática. ESTADO INERENTE
- **Sempre que/Todas as vezes que* sabe matemática, a Maria resolve continhas. ESTADO INERENTE
- **Ontem/No sábado/Na escola*, a Maria soube matemática. ESTADO INERENTE

(8) ENTENDER

Sentença: O Pedro entende inglês.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

- ??O Pedro entendeu inglês. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)
- O Pedro entendeu inglês *durante toda a sua juventude*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO
- *O Pedro entendeu inglês *em vinte anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE
- *O Pedro *entende* inglês *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)
- O Pedro entendeu inglês (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)
- O Pedro *estava entendendo* inglês. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA
- O Pedro *está entendendo* inglês. (antes o Pedro não entendia e agora entende) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.
- *Inglês *foi entendido* pelo Pedro. NÃO ACEITA A PASSIVA
- *Inglês (*se*) *entendeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA
- Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:**
- **Provisoriamente/Às vezes* o Pedro entende inglês. ESTADO INERENTE
- **Sempre que/Todas as vezes que* entende inglês, o Pedro viaja para fora do país. ESTADO INERENTE
- **Ontem/No sábado/Na escola*, o Pedro entendeu inglês. ESTADO INERENTE

(9) CONHECER

Sentença: O Antônio conhece os preceitos da sua religião.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

- ??O Antônio conheceu os preceitos da sua religião. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)
- O Antônio conheceu os preceitos da sua religião *durante toda a sua vida*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO
- *O Antônio conheceu os preceitos da sua religião *em dois anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE
- *O Antônio *conhece* os preceitos da sua religião *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)
- O Antônio conheceu os preceitos da sua religião (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)
- ?O Antônio *está conhecendo* os preceitos da sua religião. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA
- *Os preceitos da sua religião *foram conhecidos* pelo Antônio. NÃO ACEITA A PASSIVA
- *Os preceitos da religião (*se*) *conheceram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA
- Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:**
- **Provisoriamente/Às vezes* o Antônio conhece os preceitos da sua religião. ESTADO INERENTE
- **Sempre que/Todas as vezes que* conhece os preceitos da sua religião, o Antônio ensina aos outros fiéis. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na igreja*, o Antônio conheceu os preceitos da sua religião. ESTADO INERENTE

(10) DENOTAR

Sentença: As cortinas berrantes denotam mau gosto.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??As cortinas berrantes denotaram mau gosto. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

As cortinas berrantes denotaram mau gosto *?durante muitos anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*As cortinas berrantes denotaram mau gosto *em cem anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*As cortinas berrantes *denotam* mau gosto *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

As cortinas berrantes denotaram mau gosto (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?As cortinas berrantes *estão denotando* mau gosto. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Mau gosto *foi denotado* pelas cortinas berrantes. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Mau gosto (*se*) *denotou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* as cortinas berrantes denotam mau gosto. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* denotam mau gosto, as cortinas berrantes balançam muito. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na sala*, as cortinas berrantes denotaram mau gosto. ESTADO INERENTE

(11) SIGNIFICAR

Sentença: A palavra “murus” do latim significa “muro” em português.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A palavra “murus” do latim significou “muro” em português. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A palavra “murus” do latim significou “muro” em português *durante centenas de anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A palavra “murus” do latim significou “muro” em português *em centenas de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A palavra “murus” do latim *significa* “muro” em português *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A palavra “murus” do latim significou “muro” em português (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?A palavra “murus” do latim *está significando* “muro” em português. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*“Muro” em português *foi significado* pela palavra “murus” em latim. NÃO ACEITA A PASSIVA

*“Muro” (*se*) *significou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a palavra “murus” do latim significa “muro” em português. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* significa “muro” em português, a palavra “murus” do latim é muito usada. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na escola*, a palavra “murus” do latim significou “muro” em português. ESTADO INERENTE

(12) LEMBRAR (PARECER)

Sentença: A filha lembra a mãe.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A filha lembrou a mãe. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A filha lembrou a mãe *durante a sua adolescência*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A filha lembrou a mãe *em quinze anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A filha *lembra* a mãe *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A filha lembrou a mãe (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A filha *está lembrando* a mãe. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A filha *está lembrando* a mãe. (antes a filha não lembrava a mãe e agora lembra) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*A mãe *foi lembrada* pela filha. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A mãe (*se*) *lembrou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

?Provisoriamente/Às vezes a filha lembra a mãe. ESTADO INERENTE

?Sempre que/Todas as vezes que lembra a mãe, a filha sorri. ESTADO INERENTE

?Ontem/No sábado/No quarto, a filha lembrou a mãe. ESTADO INERENTE

(13) APARENTAR

Sentença: A Mariana aparenta ter vinte anos.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Mariana aparentou ter vinte anos. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Mariana aparentou ter vinte anos *durante dois anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A Mariana aparentou ter vinte anos *em dois anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A Mariana *aparenta* ter vinte anos *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A Mariana aparentou ter vinte anos (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A Mariana *está aparentando* ter vinte anos. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Ter vinte anos *foi aparentado* pela Mariana. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Ter vinte anos (*se*) *aparentou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe:

?Provisoriamente/Às vezes a Mariana aparenta ter vinte anos. ESTADO INERENTE

?Sempre que/Todas as vezes que aparenta ter vinte anos, a Mariana corta o cabelo. ESTADO INERENTE

?Ontem/No sábado/Na festa, a Mariana aparentou ter vinte anos. ESTADO INERENTE

(14) PARECER

Sentença: O neto parece com/o avô.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O neto pareceu o avô. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O neto pareceu o avô *quando era criança*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O neto pareceu o avô *em doze anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O neto *parece* o avô *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O neto pareceu o avô (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O neto *está parecendo* o avô. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O neto *está parecendo* o avô. (antes o neto não parecia o avô e agora parece) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*O avô *foi parecido* pelo neto. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O avô (*se*) *pareceu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

?Provisoriamente/Às vezes o neto parece o avô. ESTADO INERENTE

?Sempre que/Todas as vezes que parece o avô, o neto vai à casa do avô. ESTADO INERENTE

?*Ontem/No sábado/No quarto*, o neto pareceu o avô. ESTADO INERENTE

(15) ACREDITAR

Sentença: O Hugo acredita na teoria do Big Bang.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O Hugo acreditou na teoria do Big Bang. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O Hugo acreditou na teoria do Big Bang *quando era jovem/durante toda a sua vida*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O Hugo acreditou na teoria do Big Bang *em vinte anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O Hugo *acredita* na teoria do Big Bang *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O Hugo acreditou na teoria do Big Bang (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O Hugo *está acreditando* na teoria do Big Bang. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O Hugo *está acreditando* na teoria do Big Bang. (antes o Hugo não acreditava na teoria do Big Bang e agora acredita) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*A teoria do Big Bang *foi acreditada* pelo Hugo. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A teoria do Big Bang (*se*) *acreditou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o Hugo acredita na teoria do Big Bang. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* acredita na teoria do Big Bang, o Hugo vai à escola. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na escola*, o Hugo acreditou na teoria do Big Bang. ESTADO INERENTE

(16) CRER

Sentença: A Maria crê em Deus.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Maria creu em Deus. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Maria creu em Deus *quando era idosa/durante a sua velhice*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A Maria creu em Deus *em trinta anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A Maria *crê* em Deus *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A Maria creu em Deus (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A Maria *está crendo* em Deus. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A Maria *está crendo* em Deus. (antes a Maria não cria em Deus e agora ela crê) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Deus *foi crido* pela Maria. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Deus (*se*) *creu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a Maria crê em Deus. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* crê em Deus, a Maria vai à igreja. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Ontem/Na igreja*, a Maria creu em Deus. ESTADO INERENTE

(17) CONCERNIR

Sentença: As suas respostas não concernem ao assunto proposto pela prova.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??As suas respostas não concerniram ao assunto proposto pela prova. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

As suas respostas não concerniram ao assunto proposto pela prova *?durante o vestibular*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*As suas respostas não concerniram ao assunto proposto pela prova *em duas horas*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*As suas respostas não *concernem* ao assunto proposto pela prova *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

As suas respostas não concerniram ao assunto proposto pela prova (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

As suas respostas não *estão concernindo* ao assunto proposto pela prova. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O assunto proposto pela prova não *foi concernido* pelas suas respostas. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O assunto proposto pela prova não (*se*) *concerniu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe:

?Provisoriamente/Às vezes as respostas não concernem ao assunto proposto pela prova. ESTADO INERENTE

?Sempre que/Todas as vezes que não concernem ao assunto proposto pela prova, as respostas prejudicam o aluno. ESTADO INERENTE

?No sábado/Ontem/Na faculdade, as respostas não concerniram ao assunto proposto pela prova. ESTADO INERENTE

(18) CONSISTIR

Sentença: A luxúria consiste na atração pelos prazeres carnavais.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A luxúria consistiu na atração pelos prazeres carnavais. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A luxúria consistiu na atração pelos prazeres carnavais *durante toda a história da humanidade*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A luxúria consistiu na atração pelos prazeres carnavais *em milhões de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A luxúria *consiste* na atração pelos prazeres carnavais *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A luxúria consistiu na atração pelos prazeres carnavais (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?A luxúria *está consistindo* na atração pelos prazeres carnavais. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Os prazeres carnavais *foram consistidos* pela luxúria. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Os prazeres carnavais (*se*) *consistiram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a luxúria consiste na atração pelos prazeres carnavais. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* consiste na atração pelos prazeres carnavais, a luxúria prejudica as pessoas. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na igreja*, a luxúria consistiu na atração pelos prazeres carnavais. ESTADO INERENTE

(19) CONSTAR

Sentença: As olimpíadas constam de variadas provas.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??As olimpíadas constaram de variadas provas. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

As olimpíadas constaram de variadas provas *durante dois séculos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*As olimpíadas constaram de variadas provas *em dois séculos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*As olimpíadas *constam* de variadas provas *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

As olimpíadas constaram de variadas provas (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?As olimpíadas *estão constando* de variadas provas. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Variadas provas *foram constadas* pelas olimpíadas. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Variadas provas (*se*) *constaram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

?*Provisoriamente/Às vezes* as olimpíadas constam de variadas provas. ESTADO INERENTE

?*Sempre que/Todas as vezes que* constam de variadas provas, as olimpíadas demoram mais. ESTADO INERENTE

?*Ontem/No sábado/No campo*, as olimpíadas constaram de variadas provas. ESTADO INERENTE

(20) PREEXISTIR

Sentença: O ovo preexiste à galinha.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O ovo preexistiu à galinha. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O ovo preexistiu à galinha *durante toda a história*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O ovo preexistiu à galinha *em milhões de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O ovo *preexiste* à galinha *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O ovo preexistiu à galinha (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

??O ovo *está preexistindo* à galinha. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*A galinha *foi preexistida* pelo ovo. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A galinha (*se*) *preexistiu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o ovo preexiste à galinha. ESTADO INERENTE

**Sempre que/todas as vezes que* preexiste à galinha, o ovo quebra. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/No galinheiro*, o ovo preexistiu à galinha. ESTADO INERENTE

(21) EQUIVALER

Sentença: O casamento religioso não equivale ao casamento civil.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O casamento religioso não equivaleu ao casamento civil. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O casamento religioso não equivaleu ao casamento civil *durante milhares de anos/quando me casei*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O casamento religioso não equivaleu ao casamento civil *em milhares de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O casamento religioso não *equivale* ao casamento civil *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O casamento religioso não equivaleu ao casamento civil (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O casamento religioso não *está equivalendo* ao casamento civil. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O casamento civil não *foi equivalido* pelo casamento religioso. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O casamento civil não (*se*) *equivaleu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o casamento religioso não equivale ao casamento civil. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* não equivale ao casamento civil, o casamento religioso perde valor.

ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/No cartório*, o casamento religioso não equivaleu ao casamento civil. ESTADO INERENTE

(22) CORRESPONDER

Sentença: O nosso planeta corresponde a uma pequena parte do universo.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O nosso planeta correspondeu a uma pequena parte do universo. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O nosso planeta correspondeu a uma pequena parte do universo *durante bilhões de anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O nosso planeta correspondeu a uma pequena parte do universo *em bilhões de anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O nosso planeta *corresponde* a uma pequena parte do universo *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O nosso planeta correspondeu a uma pequena parte do universo (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O nosso planeta *está correspondendo* a uma pequena parte do universo. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Uma pequena parte do universo *foi correspondida* pelo nosso planeta. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Uma pequena parte do universo (*se*) *correspondeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o nosso planeta corresponde a uma pequena parte do universo. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* corresponde a uma pequena parte do universo, o nosso planeta gira mais. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na galáxia*, o nosso planeta correspondeu a uma pequena parte do universo. ESTADO INERENTE

(23) COEXISTIR

Sentença: A religião coexiste com a ciência.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A religião coexistiu com a ciência. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A religião coexistiu com a ciência *durante muitos anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A religião coexistiu com a ciência *em duzentos anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A religião *coexiste* com a ciência *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A religião coexistiu com a ciência (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A religião *está coexistindo* com a ciência. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*A ciência *foi coexistida* pela religião. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A ciência (*se*) *coexistiu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a religião coexiste com a ciência. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* coexiste com a ciência, a religião perde força. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na escola*, a religião coexistiu com a ciência. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos recíprocos:

A religião coexiste com a ciência/A religião e a ciência coexistem. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(24) COINCIDIR

Sentença: A assinatura não coincide com a assinatura do responsável pelo cheque.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque *?durante muito tempo*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque *em três dias*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A assinatura não *coincide* com a assinatura do responsável pelo cheque *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A assinatura não *está coincidindo* com a assinatura do responsável pelo cheque. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*A assinatura do responsável pelo cheque *foi coincidida* pela assinatura. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A assinatura do responsável pelo cheque (*se*) *coincidiu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a assinatura não coincide com a assinatura do responsável pelo cheque.

ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* não coincide com a assinatura do responsável pelo cheque, a assinatura sai feia. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/No cartório*, a assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos recíprocos:

A assinatura não coincidiu com a assinatura do responsável pelo cheque/A assinatura e a assinatura do responsável pelo cheque não coincidem. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(25) CONDIZER

Sentença: A bolsa condiz com o restante do look.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A bolsa condisse com o restante do look. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A bolsa condisse com o restante do look *?durante a festa*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A bolsa condisse com o restante do look *em uma hora*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A bolsa *condiz* com o restante do look *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A bolsa condisse com o restante do look (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A bolsa *está condizendo* com o restante do look. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O restante do look *foi condizido* pela bolsa. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O restante do look (*se*) *condisse*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a bolsa condiz com o restante do look. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* condiz com o restante do look, a bolsa escorrega do ombro. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na festa*, a bolsa condisse com o restante do look. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos recíprocos:

A bolsa condiz com o restante do look/A bolsa e o restante do look condizem. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(26) CONFLITAR

Sentença: Os ideais da esquerda conflitam com os ideais da direita.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??Os ideais da esquerda conflitam com os ideais da direita. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

Os ideais da esquerda conflitaram com os ideais da direita *durante muitos anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

Os ideais da esquerda conflitaram com os ideais da direita *em trinta anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*Os ideais da esquerda *conflitam* com os ideais da direita *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

Os ideais da esquerda conflitaram com os ideais da direita (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

Os ideais da esquerda *estão conflitando* com os ideais da direita. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Os ideais da direita *foram conflitados* pelos ideais da esquerda. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Os ideais da direita (*se*) *conflitaram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* os ideais da esquerda conflitam com os ideais da direita. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* conflitam com os ideais da direita, os ideais da esquerda se fortalecem. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/No Congresso Nacional*, os ideais da esquerda conflitaram com os ideais da direita. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse:

Os ideais da esquerda conflitam com os ideais da direita./Os ideais da esquerda e os ideais da direita conflitam. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(27) DESTOAR

Sentença: A cor do vestido destoa da cor do sapato.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A cor do vestido destoou da cor do sapato. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A cor do vestido destoou da cor do sapato *durante a festa*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A cor do vestido destoou da cor do sapato *em uma hora*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A cor do vestido *destoa* da cor do sapato *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A cor do vestido destoou da cor do sapato (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A cor do vestido *está destoando* da cor do sapato. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*A cor do sapato *foi destoadada* da cor do vestido. NÃO ACEITA A PASSIVA

*A cor do sapato (*se*) *destoou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a cor do vestido destoa da cor do sapato. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que* destoa da cor do sapato, a cor do vestido irradia mais. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na festa*, a cor do vestido destoou da cor do sapato. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos recíprocos:

A cor do vestido destoa da cor do sapato/A cor do vestido e a cor do sapato destoam. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(28) DISCREPAR

Sentença: O chapéu discrepa do restante da roupa.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O chapéu discrepou do restante da roupa. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O chapéu discrepou do restante da roupa *?durante o desfile*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O chapéu discrepou do restante da roupa *em uma hora*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O chapéu *discrepa* do restante da roupa *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O chapéu discrepa do restante da roupa (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O chapéu *está discrepando* do restante da roupa. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O restante da roupa *foi discrepada* pelo chapéu. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O restante da roupa (*se*) *discrepou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o chapéu discrepa do restante da roupa. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes* que discrepa do restante da roupa, o chapéu cai. ESTADO INERENTE

**Ontem/No sábado/Na passarela*, o chapéu discrepou do restante da roupa. ESTADO INERENTE

Propriedades da subclasse dos verbos recíprocos:

O chapéu discrepa do restante da roupa/O chapéu e o restante da roupa discrepam. ACEITA A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

(29) ANTECEDER

Paráfrase: ter antecedência a

Sentença: O Romantismo antecede ao Realismo.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O Romantismo antecedeu ao Realismo. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O Romantismo antecedeu ao Realismo *?durante quarenta e cinco anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O Romantismo antecedeu ao Realismo *em quarenta e cinco anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

* O Romantismo *antecede* ao Realismo *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O Romantismo antecedeu ao Realismo (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O Romantismo *está antecedendo* ao Realismo. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O Realismo *foi antecedido* pelo Romantismo. ACEITA A PASSIVA

*O Realismo (*se*) *antecedeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* o Romantismo antecede ao Realismo. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes* que antecede ao Realismo, o Romantismo exalta a natureza. ESTADO INERENTE

**Ontem/Na segunda/Na escola*, o Romantismo antecedeu ao Realismo. ESTADO INERENTE

(30) PRECEDER

Sentença: As referências bibliográficas precedem ao apêndice.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??As referências bibliográficas precederam ao apêndice. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

As referências bibliográficas precederam ao apêndice *?durante a apresentação do trabalho*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*As referências bibliográficas precederam ao apêndice *em dois dias*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*As referências bibliográficas *precedem* ao apêndice *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

As referências bibliográficas precederam ao apêndice (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?As referências bibliográficas *estão precedendo* ao apêndice. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O apêndice *foi precedido* pelas referências bibliográficas. ACEITA A PASSIVA

*O apêndice (*se*) *precedeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* as referências bibliográficas precedem ao apêndice. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que precedem* ao apêndice, as referências bibliográficas ocupam muito espaço. ESTADO INERENTE

**Ontem/Na terça/Na escola*, as referências bibliográficas precederam ao apêndice. ESTADO INERENTE

(31) CHAMAR

Sentença: A menina se chama Rafaela.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A menina se chamou Rafaela. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A menina se chamou Rafaela *durante toda a sua vida*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A menina se chamou Rafaela *em doze anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A menina *se chama* Rafaela *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A menina se chamou Rafaela (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?A menina *está se chamando* Rafaela. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Rafaela *foi se chamada* pela menina. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Rafaela (*se*) *chamou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado inerente:

**Provisoriamente/Às vezes* a menina se chama Rafaela. ESTADO INERENTE

**Sempre que/Todas as vezes que se chama* Rafaela, a menina escreve o seu nome. ESTADO INERENTE

**Ontem/Na terça/Na escola*, a menina se chamou Rafaela. ESTADO INERENTE

Verbos de estado intermitente: [[X HAVE <THING>] REL Y]

Paráfrase: X tem algo em relação à Y

(32) TER

Sentença: O João tem dois celulares.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O João teve dois celulares. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O João teve dois celulares *durante cinco anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O João teve dois celulares *em cinco anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O João *tem* dois celulares *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O João teve dois celulares (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O João *está tendo* dois celulares. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Dois celulares *foram tidos* pelo João. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Dois celulares (*se*) *tiveram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o João tem dois celulares. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que tem dois celulares, O João empresta um para o seu filho. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na empresa, o João teve dois celulares. ESTADO INTERMITENTE

(33) POSSUIR

Sentença: O comerciante possui três lojas.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O comerciante possuiu três lojas. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O comerciante possuiu três lojas *durante vinte anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O comerciante possuiu três lojas *em vinte anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O comerciante *possui* três lojas *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O comerciante possuiu três lojas (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O comerciante *está possuindo* três lojas. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Três lojas *foram possuídas* pelo comerciante. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Três lojas (*se*) *possuíram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o comerciante possui três lojas. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/todas as vezes que possui três lojas, o comerciante contrata funcionários novos. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No ano passado/Na sua cidade, o comerciante possuiu três lojas. ESTADO INTERMITENTE

(34) PERTENCER

Sentença: O apartamento pertence ao Pedro.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O apartamento pertenceu ao Pedro. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O apartamento pertenceu ao Pedro *durante dez anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O apartamento pertenceu ao Pedro *em dez anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O apartamento *pertence* ao Pedro *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O apartamento pertenceu ao Pedro (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?O apartamento *está pertencendo* ao Pedro. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O Pedro *foi pertencido* pelo apartamento. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O Pedro (*se*) *pertenceu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o apartamento pertence ao Pedro. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que pertence ao Pedro, o apartamento aluga fácil. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No mês passado/Na sua cidade, o apartamento pertenceu ao Pedro. ESTADO INTERMITENTE

(35) DURAR

Sentença: A aula de música dura uma hora.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A aula de música durou uma hora. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A aula de música durou uma hora *durante quatro anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A aula de música durou uma hora *em quatro anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A aula de música *dura* uma hora *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A aula de música durou uma hora (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A aula de música *está durando* uma hora. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A aula de música *está durando* uma hora. (antes a aula de música não durava uma hora e agora dura)

PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*Uma hora *foi durada* pela aula de música. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Uma hora (*se*) *durou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a aula de música dura uma hora. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que dura uma hora, a aula de música cansa os alunos. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/Na segunda/No colégio, a aula de música durou uma hora. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

A aula durou *muito/bastante/pouco (tempo) demais*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

A aula durou *uma eternidade/muito tempo*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(36) CUSTAR

Sentença: O livro custa R\$70,00.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O livro custou R\$70,00. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O livro custou R\$70,00 reais *durante cinco dias*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O livro custou R\$70,00 reais *em cinco dias*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O livro *custa* R\$70,00 *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O livro custou R\$70,00 (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O livro *está custando* R\$70,00. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O livro *está custando* R\$70,00. (antes o livro não custava R\$70,00 e agora custa) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*R\$70,00 *foram custados* pelo livro. NÃO ACEITA A PASSIVA

*R\$70,00 (*se*) *custaram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o livro *custa* R\$70,00. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/todas as vezes que *custa* R\$70,00, o livro não vende. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na livraria, o livro *custou* R\$70,00. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

O livro custou *muito (dinheiro)/caro/barato*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

O livro custou *uma fortuna/um absurdo/muito dinheiro*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(37) VALER

Sentença: O carro vale R\$45.000,00.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O carro valeu R\$45.000,00. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O carro valeu R\$45.000,00 *durante uma semana*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O carro valeu R\$45.000,00 *em uma semana*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O carro *vale* R\$45.000,00 *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O carro valeu R\$45.000,00 (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O carro *está valendo* R\$45.000,00. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O carro *está valendo* R\$45.000,00. (antes o carro não valia R\$45.000,00 e agora vale) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*R\$45.000,00 *foram validos* pelo carro. NÃO ACEITA A PASSIVA

*R\$45.000,00 (*se*) *valeram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o carro *vale* R\$45.000,00. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que *vale* R\$45.000,00, o carro vende fácil. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na concessionária, o carro *valeu* R\$45.000,00. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

O carro valia *muito/bastante/pouco (dinheiro)/caro/barato*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

O carro valia *o olho da cara/muita grana*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(38) PESAR

Sentença: O bebê pesa 3 kg.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O bebê pesou 3 kg. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O bebê pesou 3 kg *durante uma semana*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O bebê pesou 3 kg *em uma semana*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O bebê *pesa* 3 kg *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O bebê pesou 3 kg (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O bebê *está pesando* 3 kg. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O bebê *está pesando* 3 kg. (antes o bebê não pesava 3 kg e agora *pesa*) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*3 kg *foram pesados* pelo bebê. NÃO ACEITA A PASSIVA

*3 kg (*se*) *pesaram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o bebê pesa 3 kg. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que pesa 3 kg, o bebê recebe alta do hospital. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/No hospital, o bebê pesou 3 kg. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

O bebê pesou *muito/bastante/pouco (peso)*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

O bebê pesou *pouco peso*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(39) MEDIR

Sentença: A criança mede 92 cm.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A criança mediu 92 cm. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A criança mediu 92 cm *durante três meses*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A criança mediu 92 cm *em três meses*. NÃO POSSUI TELICIDADE

* A criança *mede* 92 cm *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A criança mediu 92 cm (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A criança *está medindo* 92 cm. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A criança *está medindo* 92 cm. (antes a criança não *media* 92 cm e agora *mede*) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*92 cm *foram medidos* pela criança. NÃO ACEITA A PASSIVA

*92 cm (*se*) *mediram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/?Às vezes a criança mede 92 cm. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que mede 92 cm, a criança pode ir ao brinquedo. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/No posto, a criança mediu 92 cm. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

A criança mediu *muito/bastante/pouco (centímetros)*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

A criança mediu *muitos centímetros/o suficiente para entrar no brinquedo*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(40) PERDURAR

Sentença: A greve perdura por mais de três meses.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A greve perdurou por mais de três meses. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A greve perdurou por mais de três meses *durante as eleições*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A greve perdurou por mais de três meses *em cinco meses*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A greve *perdura* por mais de três meses *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A greve perdurou por mais de três meses (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A greve *está perdurando* por mais de três meses. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Três meses *foram perdurados* pela greve. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Três meses (*se*) *perduraram*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a greve perdura por mais de três meses. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que a greve perdura por mais de três meses, ela gera muita repercussão. ESTADO INTERMITENTE

(**Ontem/No ano passado/No RJ*, a greve perdurou por mais de três meses. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

A greve perdurou *muito/pouco/bastante (tempo)/demais*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

A greve perdurou *uma eternidade/muito tempo*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(41) EXCEDER

Sentença: O volume da carga excede a quantidade estabelecida.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O volume da carga excedeu a quantidade estabelecida. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O volume da carga excedeu a quantidade estabelecida *durante duas horas*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O volume da carga excedeu a quantidade estabelecida *em duas horas*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O volume da carga *excede* a quantidade estabelecida *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O volume da carga excedeu a quantidade estabelecida (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O volume da carga *está excedendo* a quantidade estabelecida. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A quantidade estabelecida *foi excedida* pelo volume da carga. ACEITA A PASSIVA

*A quantidade estabelecida (*se*) *excedeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o volume da carga excede a quantidade estabelecida. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que excede a quantidade estabelecida, a carga cai do caminhão. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na estrada, o volume da carga excedeu a quantidade estabelecida. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos de medida:

O volume da carga excedeu *muito/pouco*. ACEITA A OMISSÃO DO ARGUMENTO INTERNO QUANDO APRESENTAM UM ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

O volume da carga excedeu *um absurdo/muito peso*. PODE SER USADO INTRANSITIVAMENTE COM UM SINTAGMA NOMINAL PÓS-VERBAL EXPRESSANDO A MEDIDA

(42) CARECER

Sentença: O menino carece de ajuda.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O menino careceu de ajuda. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O menino careceu de ajuda *durante sete anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O menino careceu de ajuda *em sete anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O menino *carece* de ajuda *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O menino careceu de ajuda (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O menino *está carecendo* de ajuda. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O menino *está carecendo* de ajuda. (antes o menino não carecia de ajuda e agora carece) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Ajuda *foi carecida* pelo menino. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Ajuda (*se*) *careceu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o menino carece de ajuda. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que carece de ajuda, o menino liga para o pai. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na escola, o menino careceu de ajuda. ESTADO INTERMITENTE

(43) NECESSITAR

Sentença: O Pedro necessita de dinheiro.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O Pedro necessitou de dinheiro. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O Pedro necessitou de dinheiro *durante dez meses*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O Pedro necessitou de dinheiro *em dez meses*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O Pedro *necessita* de dinheiro *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O Pedro necessitou de dinheiro (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O Pedro *está necessitando* de dinheiro. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O Pedro *está necessitando* de dinheiro. (antes o Pedro não necessitava de dinheiro e agora necessita)

PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Dinheiro *foi necessitado* pelo Pedro. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Dinheiro (*se*) *necessitou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o Pedro necessita de dinheiro. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que necessita de dinheiro, o Pedro faz um empréstimo no banco. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/No mercado, o Pedro necessitou de dinheiro. ESTADO INTERMITENTE

(44) PRECISAR

Sentença: A Ana precisa de doação de sangue.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Ana precisou de doação de sangue. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Ana precisou de doação de sangue *durante cinco dias*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A Ana precisou de doação de sangue *em cinco dias*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A Ana *precisa* de doação de sangue *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A Ana *precisou* de doação de sangue (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A Ana *está precisando* de doação de sangue. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A Ana *está precisando* de doação de sangue. (antes a Ana não precisava de doação de sangue e agora precisa) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Doação de sangue *foi precisada* pela Ana. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Doação de sangue (*se*) *precisou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a Ana precisa de doação de sangue. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que precisa de doação de sangue, a Ana avisa seus familiares. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/No hospital, a Ana precisou de doação de sangue. ESTADO INTERMITENTE

(45) DEPENDER

Sentença: O pai depende da decisão judicial para ver o filho.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O pai dependeu da decisão judicial para ver o filho. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O pai dependeu da decisão judicial para ver o filho *durante dez anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O pai dependeu da decisão judicial para ver o filho *em dez anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O pai *depende* da decisão judicial para ver o filho *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O pai dependeu da decisão judicial para ver o filho (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O pai *está dependendo* da decisão judicial para ver o filho. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O pai *está dependendo* da decisão judicial para ver o filho. (antes o pai não dependia da decisão judicial para ver o filho e agora depende) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM

A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*Decisão judicial para ver o filho *foi dependida* pelo pai. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Decisão judicial para ver o filho (*se*) *dependeu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o pai depende da decisão judicial para ver o filho. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que depende da decisão judicial para ver o filho, o pai chora. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/No colégio, o pai dependeu da decisão judicial para ver o filho. ESTADO INTERMITENTE

(46) MORAR

Sentença: A Lorena mora em São Paulo.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Lorena morou em São Paulo. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Lorena morou em São Paulo *durante vinte anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A Lorena morou em São Paulo *em vinte anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A Lorena *mora* em São Paulo *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A Lorena morou em São Paulo (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A Lorena *está morando* em São Paulo. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A Lorena *está morando* em São Paulo. (antes a Lorena não morava em São Paulo e agora mora) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*São Paulo *foi morado* pela Lorena. NÃO ACEITA A PASSIVA

*São Paulo (*se*) *morou*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a Lorena mora em São Paulo. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que mora em São Paulo, a Lorena corre no parque Ibirapuera. ESTADO INTERMITENTE

(?*Ontem*)/*No ano passado/No bairro Vila Madalena*, a Lorena morou em São Paulo. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos locativos:

A Lorena morou sozinha durante muitos anos. PERMITE O APAGAMENTO DO LOCATIVO QUANDO HÁ UMA ESPECIFICAÇÃO DO VERBO

A Lorena mora com o Gabriel/A Lorena e o Gabriel moram juntos. PERMITE UMA CONSTRUÇÃO COMITATIVA

(47) RESIDIR

Sentença: A família reside em Minas Gerais.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A família residiu em Minas Gerais. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A família residiu em Minas Gerais *durante quinze anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A família residiu em Minas Gerais *em quinze anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A família *reside* em Minas Gerais *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A família residiu em Minas Gerais (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A família *está residindo* em Minas Gerais. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A família *está residindo* em Minas Gerais. (antes a família não residia em Minas Gerais e agora reside) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Minas Gerais *foi residido* pela família. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Minas Gerais (*se*) *residiu*. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a família reside em Minas Gerais. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que reside em Minas Gerais, a família cultiva café. ESTADO INTERMITENTE

(?*Ontem*)/*No ano passado/Na fazenda*, a família residiu em Minas Gerais. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos locativos:

A família residiu longe. PERMITE O APAGAMENTO DO LOCATIVO QUANDO HÁ UMA ESPECIFICAÇÃO DO VERBO

A mãe reside com os filhos/A mãe e os filhos residem juntos. PERMITE UMA CONSTRUÇÃO COMITATIVA

(48) HABITAR

Sentença: O casal habita em um apartamento novo.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O casal habitou em um apartamento novo. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O casal habitou em um apartamento novo *durante dois anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O casal habitou em um apartamento novo *em dois anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O casal *habita* em um apartamento novo *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O casal habitou em um apartamento novo (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O casal *está habitando* em um apartamento novo. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O casal *está habitando* em um apartamento novo. (antes o casal não habitava em um apartamento novo e agora habita) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

Um apartamento novo *foi habitado* pelo casal. ACEITA A PASSIVA

*Um apartamento (*se*) habitou. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o casal habita em um apartamento novo. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que habita em um apartamento novo, o casal compra muitos móveis.

ESTADO INTERMITENTE

(?*Ontem*)/*No ano passado/No Rio Grande do Sul*, o casal habitou em um apartamento novo. ESTADO

INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos locativos:

O casal habita perto da praia. PERMITE O APAGAMENTO DO LOCATIVO QUANDO HÁ UMA ESPECIFICAÇÃO DO VERBO

O Thiago habita com o amigo/O Thiago e o amigo habitam juntos. PERMITE UMA CONSTRUÇÃO COMITATIVA

(49) VIVER

Sentença: O Diego vive em Belo Horizonte.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??O Diego viveu em Belo Horizonte. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

O Diego viveu em Belo Horizonte *durante nove anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*O Diego viveu em Belo Horizonte *em nove anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*O Diego vive em Belo Horizonte *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

O Diego viveu em Belo Horizonte (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

O Diego está vivendo em Belo Horizonte. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

O Diego está vivendo em Belo Horizonte. (antes o Diego não vivia em Belo Horizonte e agora vive)

PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO.

*Belo Horizonte foi vivido pelo Diego. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Belo Horizonte (*se*) viveu. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes o Diego vive em Belo Horizonte. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que vive em Belo Horizonte, o Diego come muito pão de queijo. ESTADO

INTERMITENTE

(?*Ontem*)/*No ano passado/Na Savassi*, o Diego viveu em Belo Horizonte. ESTADO INTERMITENTE

Propriedades da subclasse dos verbos locativos:

O Diego vive sozinho. PERMITE O APAGAMENTO DO LOCATIVO QUANDO HÁ UMA ESPECIFICAÇÃO DO VERBO

O Diego mora com o filho/O Diego e o filho moram juntos. PERMITE UMA CONSTRUÇÃO COMITATIVA

(50) PERMANECER

Sentença: A Maria permanece em Portugal.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A Maria permaneceu em Portugal. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A Maria permaneceu em Portugal *durante três anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A Maria permaneceu em Portugal *em três anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A Maria permanece em Portugal *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A Maria permaneceu em Portugal (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A Maria está permanecendo em Portugal. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*Portugal foi permanecido pela Maria. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Portugal (*se*) permaneceu. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a Maria permanece em Portugal. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que permanece em Portugal, a Maria come muitos pastéis de Belém.

ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No sábado/Na praia, a Maria permaneceu em Portugal. ESTADO INTERMITENTE

(51) CONVIR

Sentença: A pesquisa convém ao grupo de pesquisa.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A pesquisa conveio ao grupo de pesquisa. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A pesquisa conveio ao grupo de pesquisa *durante cinco anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A pesquisa conveio ao grupo de pesquisa *em cinco anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A pesquisa convém ao grupo de pesquisa *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A pesquisa conveio ao grupo de pesquisa (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

?A pesquisa está convindo ao grupo de pesquisa. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

*O grupo de pesquisa foi convindo pela pesquisa. NÃO ACEITA A PASSIVA

*O grupo de pesquisa (*se*) conveio. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a pesquisa convém ao grupo de pesquisa. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que convém ao grupo de pesquisa, a pesquisa gera muitos resultados.

ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No ano passado/Na universidade, a pesquisa conveio ao grupo de pesquisa. ESTADO INTERMITENTE

(52) DEVER

Sentença: A empresa deve milhões de reais ao banco.

Testes de aspecto lexical e propriedades gerais:

O que aconteceu?

??A empresa deveu milhões de reais ao banco. ASPECTO LEXICAL DE ESTADO (NÃO POSSUI DINAMICIDADE)

A empresa deveu milhões de reais ao banco *durante cinco anos*. TEM UMA DURAÇÃO NO TEMPO

*A empresa deveu milhões de reais ao banco *em cinco anos*. NÃO POSSUI TELICIDADE

*A empresa deve milhões de reais ao banco *amanhã*. NÃO PEGA O FUTURO COM A MARCA MORFOLÓGICA DO PRESENTE (ESTADO)

A empresa deveu milhões de reais ao banco (*?todos os anos*). NÃO PARECE POSSÍVEL UMA INTERPRETAÇÃO DE HÁBITO OU DE SUCESSÃO DE FASES (ESTADO)

A empresa está devendo milhões de reais ao banco. NÃO TEM UMA LEITURA PROGRESSIVA

A empresa está devendo milhões de reais ao banco. (antes a empresa não devia milhões de reais ao banco e agora deve) PODE TER UMA LEITURA DE MUDANÇA DE ESTADO, QUANDO SE COMBINA COM A PERÍFRASE DE GERÚNDIO

*Milhões de reais foram devidos ao banco pela empresa. NÃO ACEITA A PASSIVA

*Milhões de reais (*se*) deveram. NÃO ACEITA A ERGATIVA

Propriedades da classe dos verbos de estado intermitente:

Provisoriamente/Às vezes a empresa deve milhões de reais ao banco. ESTADO INTERMITENTE

Sempre que/Todas as vezes que deve milhões de reais ao banco, a empresa quebra. ESTADO INTERMITENTE

Ontem/No mês passado/No Chile, a empresa deveu milhões de reais ao banco. ESTADO INTERMITENTE